

# NAS TELAS

– Gênero e Infância –



Este e-book é resultado de um projeto selecionado no edital FAC Brasília Multicultural nº 06/2021 da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal e contou com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC). Seu objetivo é unicamente cultural e educacional, não tendo qualquer fim lucrativo ou intenção de comercialização.

A divulgação é gratuita e sua utilização é livre a todos os interessados. A intenção é que ele seja acessado pelo maior número possível de pessoas e que proporcione boas reflexões e conversas entre adultos e crianças.

Portanto, se conhece alguém que possa se interessar, sinta-se convidado a encaminhar este e-book. Vamos pensar coletivamente na infância e potencializar tudo que a arte e a cultura têm a oferecer. Que essas leituras sejam fagulhas para o desenvolvimento de uma rotina de diálogos, de aprendizados e de atenção para o que nossas crianças consomem, produzem e reproduzem.

# Sumário

Agradecimentos . . . . .	5
Dedicatória . . . . .	7
Apresentação. . . . .	8
Instrumento para quebrar estereótipos limitantes de gênero. . . . .	12
Prefácio . . . . .	14
Quem se vê nas telas? . . . . .	16
Meninas curiosas, questionadoras e críticas . . . . .	37
Para tecer os fios da ancestralidade no cinema de meninas . . . . .	50

Quando a aventura é parte do entendimento de si mesma . . . . .	63
A potência da amizade entre meninas . . . . .	79
Subvertendo a masculinidade com Steven Universo . . . . .	96
Diálogos para corpos livres: menstruação como um processo natural . . . . .	110
As donas da rua: meninas líderes e a conquista de seus espaços. . . . .	133
A busca da autonomia em “Procurando Nemo” e “Procurando Dory” . . . . .	148
A cineasta Luciellen e a menina Corina: sobre se sentir capaz e pertencente . . . . .	158
Glossário . . . . .	173
Lista de obras audiovisuais . . . . .	186
Ficha Técnica . . . . .	204

# Agradecimentos

Esses textos foram frutos de esforços e conhecimentos coletivos. Eles contaram com ricas trocas de informações, olhares atentos, revisão, consultoria e diagramação cuidadosas. Por esse motivo, agradeço a todos que participaram da sua elaboração e que contribuíram de alguma forma com informações, imagens, opiniões e conhecimentos para o desenvolvimento deste projeto.

Agradeço também à equipe do filme “A menina Corina”, em especial à diretora e roteirista Luciellen Castro e ao diretor de arte Cadu Alves, que nos cederam os lindos traços da sua protagonista para tornar esse e-book ainda mais bonito. Ninguém melhor do que a menina Corina para convidar o leitor a refletir sobre gênero, infância e sobre a importância da representação.

Um muito obrigada a todos que ajudaram de alguma forma a construir este projeto! Agradeço também a todos que agora se juntam para fazer com que este material alcance o maior número de pessoas. Espero que a leitura seja produtiva, que permita reflexões e que os instigue a buscar sempre mais informações sobre esses temas.



# Dedicatória

Este e-book é dedicado a todas as meninas. Que elas possam se ver nas telas (e serem vistas) cada vez melhor representadas, mais diversas, habilidosas, aptas e poderosas. Que a arte as ajude a compreender suas potencialidades e seja ferramenta para expandir seus universos e para alavancá-las a voos cada vez mais altos.

Que os meninos estejam sempre ao seu lado, como verdadeiros parceiros e impulsionadores nessa caminhada.

E que os adultos sejam sempre ponto de apoio, de compreensão e de reflexão sobre as possibilidades libertadoras das representações da infância no audiovisual.

**Luciana Ribeiro Rodrigues**

Idealizadora e coordenadora do projeto

# Apresentação

Há alguns anos tive contato com o estudo “Por ser menina no Brasil”. A pesquisa é desenvolvida desde 2014 pela Plan International Brasil, uma organização que promove os direitos das crianças e a igualdade de gênero.

A primeira edição do estudo ouviu meninas de 6 a 13 anos sobre suas percepções acerca de seus direitos e sobre as desigualdades que elas percebem afetar diretamente suas vidas. Algo que chamou atenção nos resultados foi como a “falta de repertório simbólico para a construção do ‘ser menina’ faz com que elas tenham que se definir como ‘criança’, ‘filha’ ou ‘estudante’, no grupo etário de 6 a 10 anos, ou já como ‘mulher’, no grupo etário de 11 a 13 anos”.

Esse resultado fez com que eu me perguntasse o que está faltando para construir no imaginário dessas jovens a figura da “menina”. A partir disso, várias outras inquietações surgiram:



Como a ideia de “menina” está sendo apresentada para que tantas garotas não se identifiquem com ela? As meninas estão se vendo em algum lugar? Como a arte e a sociedade dizem para elas que as meninas devem ser? Como isso afeta o entendimento que elas têm de si mesmas e o seu desenvolvimento?

Esses questionamentos me levaram a um outro estudo realizado com crianças de 5 a 7 anos nos Estados Unidos e publicado em 2017 na revista *Science*. Ele revelou que, por volta dos 6 anos, estereótipos de gênero já influenciam os interesses das crianças e já podem afetar a percepção que elas têm de si mesmas. Isso pode acarretar em bloqueios, vulnerabilidades e condições desfavoráveis que as acompanharão ao longo de toda a vida.

Instigada por esses estudos, decidi organizar a produção de um compilado de textos que se debruçam sobre as questões e propõem essas reflexões para a sociedade, especialmente para aqueles que se interessam pelas temáticas de infância e gênero, com foco nessa interseção e na sua relação com o audiovisual. Dessa forma, este e-book é voltado para quem convive com crianças na família ou na profissão e para estudiosos e interessados nos temas.

A intenção é refletirmos sobre como a infância tem sido retratada no audiovisual e como essas imagens podem ajudar ou dificultar o desenvolvimento do protagonismo, da criatividade, da liderança e da confiança das meninas, dentre outras várias potencialidades. Além de suscitar reflexões, os textos estão

repletos de exemplos e sugestões de filmes e séries para assistir com as crianças, e apresentam algumas propostas de temas a serem conversados com elas.

É importante destacar que a leitura e a fruição das dicas audiovisuais são essenciais não apenas para quem convive com meninas. Adultos responsáveis por meninos também têm um papel imprescindível nesse processo. Eles são mais do que convidados a adentrar nos temas e a propor as reflexões e conversas com os garotos.

Apenas juntos será possível criar uma sociedade igualitária e respeitosa, que preze pelo fortalecimento e crescimento das meninas e mulheres e por um desenvolvimento saudável e equilibrado dos meninos e homens.

Apesar da quantidade imensa de conteúdo audiovisual disponível para as crianças atualmente, é relativamente difícil o acesso a obras que permitam que elas se identifiquem positivamente e nas quais possam ver meninas em papéis diversos, ocupando posições de protagonismo, respeitando sua faixa etária e sem a influência de estereótipos que as limitem.

É esse o papel do adulto – fazer a curadoria das obras a serem apresentadas e assistir junto, instigando conversas sobre aquelas narrativas e personagens.

Compreendendo a importância da representação e o potencial do audiovisual para reforçar ou para questionar padrões pré-existentes, este projeto desenvolve reflexões variadas sobre

os temas e estimula os adultos a participarem desse processo junto com as crianças.

Um filme pode ser muito mais do que apenas entretenimento para os momentos de lazer. Pode ser a porta de entrada para um mundo diferente, para um futuro cheio de possibilidades e novos aprendizados. Que possamos construir junto com as crianças esse caminho.

**Luciana Ribeiro Rodrigues**

Idealizadora e coordenadora do projeto



# Instrumento para quebrar estereótipos limitantes de gênero

Este projeto vem sendo gestado há anos, antes mesmo de assumir os contornos que carrega agora. A idealizadora, Luciana Rodrigues, tem um olhar crítico e cuidadoso quando o assunto é audiovisual voltado ao público infantil, e traz uma bagagem qualificada para se pensar nos estereótipos limitantes de gênero e nas possibilidades de rupturas e ampliações positivas de boas representações.

Ao organizar os textos, Luciana costurou temas relevantes, que se somam à reflexão sobre o que é ser menina. O e-book passa pelo questionamento de padrões de representações, pela construção de personagens meninas ligadas às ciências, pela necessidade de validação dos potenciais infantis, pela busca da aventura como uma característica fundamental, pela força da amizade entre meninas, pelos diálogos com o corpo e com a puberdade, pela importância de conquistar espaços,

pela autonomia sem capacitismo, entre outros. A questão da masculinidade também é tema de reflexão, uma vez que os estereótipos de gênero afetam não apenas as meninas, mas geram perspectivas limitantes também para os meninos.

O e-book traz ainda a lista de obras citadas ao longo dos textos, o que facilita a indicação de filmes e séries para responsáveis por crianças; e um glossário com a descrição em verbetes de temas complexos ou que podem gerar dúvidas nos leitores. O glossário, além de facilitar a leitura do e-book e agregar camadas de conhecimento aos textos, torna-se por si só uma obra de referência para além do livro digital. No glossário são abordados temas relacionados a gênero, sexualidade, cinema, educação e mais!

Por tudo isso, o e-book pode ser lido e utilizado de formas transversais e múltiplas. É uma obra para interessados por audiovisual, infância, gênero, sexualidade ou para alguém que simplesmente gosta de ampliar seus conhecimentos sobre cultura.

Que este livro seja apenas o primeiro fruto de uma jornada que Luciana Rodrigues vem trilhando há anos. E que venham os próximos, com novas cores, formatos e tamanhos. Luciana tem uma visão sobre audiovisual e infância que precisa ser compartilhada! Aproveitem cada tema, texto, indicação e verbete.

**Lina Távora**

Editora do projeto

# Prefácio

Com o mundo cada vez mais agitado, perdemos oportunidades de dialogar com as crianças sobre determinados assuntos ou temos dúvidas de como abordá-los de maneira clara, objetiva e lúdica.

“Como vou falar sobre isso? Como conversar sem gerar confusão ao invés de informação? Como começar um diálogo?”

Esse e-book foi criado para auxiliar nessas interrogações e propõe o uso de algo que as crianças adoram: o audiovisual. Ele é composto por 10 textos que abordam temáticas diversas com reflexões e exemplos que são de fácil acesso nas mídias.

Afinal, as séries e filmes fazem parte do universo infantil. Resgatar esses momentos de interação e diversão possibilita um ambiente acolhedor para discutir assuntos delicados que povoam as mentes das crianças.

Criar um ambiente saudável para a mediação e valorização do pensamento infantil é essencial para o desenvolvimento adequado das crianças. Quando elas têm a oportunidade de dialogar, tornam-se adultos mais empoderados para se posicionarem no mundo e escolherem o que querem fazer das suas vidas, tendo seu poder de fala valorizado.

Todos os textos são repletos de sugestões de filmes e séries que auxiliam nas conversas e interações com as crianças.

Vamos nos aventurar pelo universo do audiovisual e descobrir diversas maneiras de utilizá-lo para promover momentos de reflexão?

**Maria Luiza Brandão Vargas**

Psicopedagoga

Consultora do projeto

# Quem se vê nas telas?

*Por Luciana Rodrigues*

Desde o nascimento e a cada experiência, o ser humano compõe constantemente o seu repertório mental, um conjunto de conhecimentos e informações que vai acumulando ao longo da vida e que o ajuda a compreender o mundo. Cada coisa que vê, escuta ou experiencia contribui para construir essa grande base de dados interna, que ele vai acessar sempre que precisar entender como uma situação funciona, como deve agir e como pode interpretar os fatos.

Na infância, as brincadeiras e as contações de histórias ajudam a alargar esse repertório. Através delas, os adultos ensinam sobre segurança, emoções, socialização e sobre uma infinidade de temas necessários ao desenvolvimento. São as primeiras bases para que a criança tenha contato com algumas



informações e se torne capaz de identificá-las, interpretá-las e reproduzi-las por si só.

O ser humano está em constante aprendizado e a ampliação de seu repertório mental acontece ao longo de toda a vida, mas é na infância que essa base de dados interna está em seu grau máximo de expansão. Afinal, tudo é novo e existe menos resistência para internalizar saberes até então desconhecidos. Nessa fase, o que é visto e consumido tem impacto em como a criança compreende o mundo, a sociedade e seu papel em meio a tudo isso.

O Instituto Geena Davis é uma organização internacional que analisa há anos o impacto da mídia na forma como pessoas ao redor do mundo se veem. Em 2012, o Instituto criou uma campanha chamada *See Jane* (“Veja a Jane”), cujo *slogan* principal é “*if she can see it, she can be it*”, que traduzido significa “se ela consegue ver, ela consegue ser”.

A campanha chama atenção para o fato de que, apesar de meninas e mulheres serem metade da população, é impossível perceber isso através da representação no audiovisual<sup>1</sup> infantil. De acordo com os dados de 2012, quando a campanha e o estudo que a embasa foram criados, as meninas apareciam nas telas em uma proporção de uma para cada três meninos. Além disso, quando elas finalmente apareciam nas telas, em grande

1. Visibilidade de determinado grupo em obras audiovisuais. Isso permite que espectadores se identifiquem com as pessoas que estão sendo mostradas na obra e se sintam representadas por elas. +

parte do tempo eram mostradas como alívio atrativo, o famoso “colírio para os olhos”, estando na história para serem admiradas por sua aparência.

Além de um padrão bem específico de aparência física, as meninas que apareciam nas telas naquele período expressavam pouco suas ideias, tinham opções restritas de carreira e menos aspirações ainda. De acordo com o estudo, meninas ao redor do mundo estavam expostas a esse tipo de representação limitante diariamente, em uma média de sete horas por dia. Seu repertório mental era bombardeado por esse tipo de informação e dificilmente isso não impactava em como elas construía sua visão de futuro e sua percepção de si mesmas.

Mesmo com grande imaginação, é difícil conceber coisas que você nunca soube que poderiam existir. Às vezes é mais fácil criar um reino mágico inteiro ou uma criatura completamente fantasiosa, reunindo tudo que aprendeu com as histórias ouvidas, do que se imaginar capaz de viver uma determinada experiência ou ocupar um espaço em que até então não teve a oportunidade de se ver representada.

Para modificar esse cenário, o Instituto Geena Davis realiza campanhas de incentivo para a produção de histórias e personagens diversas, que permitam que as meninas ao redor do mundo possam se ver em um espectro amplo de possibilidades, representadas de forma respeitosa e não limitante e compreendam que podem ser o que quiserem.

Como complemento, o Instituto realiza pesquisas periodicamente para acompanhar as tendências da representação de meninas e mulheres na mídia, e ao longo dos anos acrescentou outros elementos a serem observados além de gênero<sup>2</sup>. Foram consideradas igualmente importantes as análises de representação em relação à raça, idade (observando especialmente o ageísmo<sup>3</sup>), LGBTQIAP+<sup>4</sup>, padrões corporais e pessoas com deficiência (PcD).

No relatório de 2021, o mais recente até o momento, o estudo *See Jane* analisou programas populares de televisão de 2016 a 2020 dos Estados Unidos. Apesar de um aumento de personagens femininas em papéis secundários e de suporte, a pesquisa constatou um cenário parecido com o de 2012, em que meninas e mulheres têm papel de protagonismo em apenas 26,9% das obras, quase a mesma proporção de uma década atrás, de uma para cada três personagens masculinos.

2. Agrupamento de indivíduos como homens, mulheres, ambos ou nenhum dos dois. Gênero refere-se à maneira como a pessoa se vê, se sente e procura se apresentar para o mundo; enquanto sexo refere-se à estrutura física da pessoa; e sexualidade (ou orientação sexual) refere-se a por quem a pessoa se interessa ou sente desejo.

3. Preconceito contra idosos. +

4. Sigla que representa a comunidade composta por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, travestis, queer, intersexo, assexuais, agênero, pansexuais e mais. Esse rol não é taxativo, existindo outras pessoas que compõem a comunidade. Para englobá-las, a sigla conta com um símbolo de “+”.

Se já há uma grande lacuna na representação de meninas no audiovisual, ainda mais ao se considerar a qualidade, que dirá na representação de diversidade. Afinal, quando as meninas finalmente estão nas telas, como elas são retratadas? Todas as meninas conseguem se identificar com elas? Ou parecem ser sempre as mesmas meninas, pertencentes aos mesmos grupos e com as mesmas características, mudando apenas o nome e a história geral?

É facilmente identificável que a maioria das protagonistas que chegam até as crianças nas obras infantis e infanto juvenis, seja nas animações ou nos *live actions*, seguem a mesma fórmula. No geral, elas têm o mesmo padrão físico, marcado pela magreza, cintura fina, cabelo longo e liso, pele branca e ausência de deficiências. Claro que existem exceções, mas chamá-las assim já demonstra que são casos isolados e que há uma enorme desproporção de quantidade entre os exemplos apresentados às crianças.

É imprescindível o papel dos adultos na curadoria de obras que funcione como um contraponto a esse desequilíbrio nas produções. Nos últimos anos tem aumentado o número de filmes e séries com personagens que variam desse padrão físico. Mesmo assim, ainda está muito longe de ser uma produção equivalente e diversa de fato. É aí que entra o adulto, responsável por proporcionar obras que possam ajudar suas crianças a ter contato com personagens variados, com histórias múltiplas, que possam ampliar o seu repertório mental.

Cabe destacar que essa tendência recente, ainda tímida, de trazer diversidade para as obras é em grande parte demanda externa. Uma vontade do público consumidor que exige personagens com quem possa se identificar. Não é necessariamente respeito pelas diferenças por parte dos criadores de conteúdo e dos grandes estúdios ou emissoras, mas a necessidade de adaptar a antiga fórmula para não perder o público e o dinheiro que ele movimenta.

Em 2019, houve uma grande repercussão em torno de uma carta enviada por uma garota de nove anos à Disney. Nela, Lowry May pedia ao estúdio que criasse uma princesa que usasse óculos, assim como ela. De acordo com a menina, ela sempre admirou as princesas da Disney e as encarou como modelo de beleza. Como consequência, ficava triste ao constatar que nenhuma se parecia com ela, o que significaria que ela não era bonita o suficiente.

De acordo com a autora da carta, quando personagens aparecem usando óculos, eles são retratados de uma forma muito restrita, normalmente chamados negativamente de nerds. Para ela, uma princesa da Disney usando óculos poderia ajudar a mudar esse cenário e contribuir para muitas crianças se sentirem bonitas e confiantes usando seus óculos.

Até recentemente, era comum que os óculos fossem usados nos roteiros como acréscimo para compor personalidade. Para indicar que determinada personagem é inteligente,

estudiosa ou, assim como compreendeu Lowry May, como nerd. A essas meninas que usavam óculos ficava reservado o âmbito do pensar, o destaque da inteligência, e nunca o da ação, da coragem, da força ou da beleza, como se fossem aspectos excludentes. Mesmo que a inteligência seja tratada na obra como um fator positivo, sem a comicidade e o estereótipo do nerd desajustado ou excluído, ser limitada a apenas um aspecto é prejudicial para o desenvolvimento das meninas.

Por esse motivo, o movimento de Lowry May, que começou com a carta à Disney, cresceu e se tornou uma campanha chamada *#GlassesOn* (algo como “coloque seus óculos”). O objetivo é combater a ideia de que meninas têm que tirar seus óculos para serem princesas e/ou heroínas. Dessa forma, visa estimular que histórias diversas sejam contadas a partir de personagens com óculos, o que inclui serem mocinhas e até mesmo vilãs, serem inteligentes, mas também serem palhaças, aventureiras, exploradoras ou guerreiras.

Pouco tempo depois da carta de Lowry, a Disney lançou o longa-metragem “Encanto”, em que a protagonista Mirabel usa óculos. A obra como um todo contribuiu para ampliar a diversidade de personagens do estúdio, trazendo para o protagonismo uma família latina, não branca, com diversos tons de pele, tipos de cabelo e tamanhos de corpos. Mirabel vive aventuras, salva a casa e a família e em nenhum momento tira os óculos para isso nem os apresenta como um fator limitante.

Da mesma forma, em “Red: crescer é uma fera”, da Pixar, a protagonista Meilin e uma das suas três melhores amigas, Priya, usam óculos. Cada vez é mais comum ver crianças e pré-adolescentes que usam óculos, então nada mais justo do que representá-los em uma proporção adequada nas obras e não como uma exceção.

Meilin está passando por diversas mudanças relativas à puberdade, o que é transcrito de forma mágica no filme como uma transfiguração em um grande panda-vermelho. Dentre várias frustrações e rejeições em relação à sua aparência e ao seu corpo, o uso de óculos é uma questão bem aceita e tratada com naturalidade no filme. Meilin corre, pratica esportes, sobe em telhados e, sempre que está em sua forma humana, está com os óculos. Tanto Meilin quanto Mirabel são protagonistas complexas, fortes e bem desenvolvidas, para quem os óculos são parte da caracterização, mas não um fator definidor.

Em 2022, foi lançada a série brasileira da Turma da Mônica e a questão dos óculos teve um destaque especial. Considerada pelos outros personagens como uma menina muito bonita, Carminha Frufruf chama atenção de todos com seus cabelos loiros e olhos azuis. Sua mãe, Madame Frufruf, é dona de uma empresa de cosméticos e acessórios e não admite modelos que fujam de um padrão de beleza específico ditado pelo meio da moda.

Ao longo de sua infância, Carminha acompanha essas exigências da mãe e escuta quando ela demite uma modelo pelo

fato da moça usar aparelho dentário. Seu argumento é de que esse tipo de característica trará vulnerabilidade para sua marca, enquanto o que ela busca é perfeição.

Quando descobre que tem miopia e que tem que usar óculos, Carminha fica nervosa e esconde o fato a todo custo, acreditando, pelo que aprendeu em casa, que isso diminuirá o seu valor. Sua mãe lhe ensinou duas regras e faz com que a menina as repita diariamente como um mantra. Regra número 1: Você deve esconder os seus defeitos. Regra número 2: Você deve evidenciar os seus pontos fortes. Acreditando que a necessidade de óculos é uma fraqueza, Carminha opta por não usá-los em público, fazendo com que suas notas da escola caiam e com que ela se envolva em confusões por trocar informações.

Por fim, com a ajuda de Mônica e sua turma, Carminha aprende que os óculos não são um ponto fraco e sim um acessório para ajudá-la a melhorar cada vez mais. São, na verdade, um ponto forte, pois permitem que ela interaja com o mundo de forma mais eficaz e bem sucedida do que quando não os usa. O verdadeiro ponto fraco era a necessidade de atingir a “perfeição”, um conceito por si só abstrato e subjetivo, que a afastava dos colegas e a impedia de se relacionar verdadeiramente com os demais, inclusive com a própria mãe.

Também brasileira, a série “Super família” apresenta um grupo de amigos vivendo aventuras do dia a dia em seu próprio bairro. O pai de Pedro se casa novamente e o menino ganha,



além de uma madrasta, duas novas irmãs, Juliana e Janaína. A família se muda para um novo local e, apesar de inicialmente resistente, o protagonista descobre que pode ser muito bacana ter uma família grande. No novo bairro, os três fazem amizade com outras crianças e montam um clube para desvendar mistérios.

A série apresenta certa doçura ao representar uma infância que ainda brinca na rua e as aventuras são devido à imaginação da turma, sem efeitos especiais nem acontecimentos grandiosos. Além disso, o elenco infantil transparece autenticidade e a turma é composta por crianças que poderíamos conhecer na vida real e não apenas em estúdios de gravação. Além da diversidade de gênero e raça dentre os protagonistas, Mavi usa aparelho nos dentes, Lucas e Juliana usam óculos e Chiquinho é gordo.

É importante destacar como ponto positivo da obra a presença feminina no futebol. A turma participa de um time do bairro e Mavi é uma das melhores jogadoras da equipe, disputando com Pedro de igual para igual. É interessante poder ver nas telas meninas que se interessam por futebol e que jogam bem, tendo o apoio da família e dos amigos, de forma natural e positiva. Além disso, Juliana também joga e os óculos não são um impedimento. É uma ótima representação para uma menina de óculos, mostrando que seus interesses podem ser variados e englobando inclusive atividades físicas.

A única ressalva que deve ser feita é o fato de que Chiquinho é construído de forma levemente cômica – o personagem só pensa

em comer, está sempre com fome e é um pouco desajeitado, corroborando com estereótipos tradicionais de como pessoas gordas costumam ser representadas no audiovisual.

O relatório de 2021 do estudo *See Jane*, mencionado anteriormente, identificou que raramente pessoas com estrutura corporal larga (tipificação utilizada no estudo) são protagonistas das histórias, aparecendo mais nos roteiros como personagens coadjuvantes ou de apoio. Mesmo quando fazem parte da obra, é comum serem retratadas como alívio cômico, como “fracassadas” ou como boas amigas cuja função é unicamente dar suporte, cuidar e aconselhar os protagonistas.

Por isso é tão significativo ver uma personagem como Luisa, do filme “Encanto”. Irmã da protagonista Mirabel, ela é uma mulher grande, larga e musculosa. Em nenhum momento isso é ridicularizado ou sequer comentado. A atenção de todos se centraliza no fato de que a personagem é forte. Aquilo é encarado como algo positivo para a comunidade e como um super poder de Luisa. Para além dos significados psicológicos abordados no filme sobre força e necessidade de aguentar pressão, é interessante focar na aparência física da personagem como uma representação de poder que normalmente não se vincula à ideia do feminino.

Podemos encontrar personagens femininas fortes no audiovisual, especialmente em obras de super heroínas, em que meninas e mulheres conseguem levantar fardos pesados sem

esforço e derrotar vilões com um único soco. Mas historicamente elas são representadas com corpos magros, pequenos e finos. É o caso de Pippi Meialonga, das Meninas Super Poderosas, da Mulher Maravilha, da Capitã Marvel, dentre várias outras. Aceita-se cada vez mais a força feminina, desde que não impacte a aparência da personagem.

Um corpo como o de Luisa ainda é extremamente raro de se ver nas telas, ainda mais por ser vinculado a uma personagem complexa e bem construída. É um ótimo exemplo para ser mostrado às crianças e para estimular reflexões sobre diversidade de corpos, sobre representação de força e sobre padrões de beleza normalmente impostos e não questionados.

É perceptível um processo de mudança (ainda muito inicial e vagaroso) na constituição física de personagens nas animações. Em 2002, a Disney lançou o longa-metragem “Lilo & Stitch”, em que a protagonista é uma menina havaiana de seis anos, não branca, com nariz largo e braços e pernas rechonchudos. Sua irmã mais velha, Nani, apesar de ser magra, tem cintura, coxas e panturrilhas grandes. Não subverte a lógica de magreza do estúdio, mas é uma inovação dos padrões femininos da Disney, que histórica e massivamente desenvolve personagens muito magras, de cinturas irrealistas e pernas e braços finíssimos.

Algo similar aconteceu em “Moana - um mar de aventuras”, filme de 2017, que acompanha as aventuras de uma menina de uma tribo da Polinésia. E em “Encanto” que, além de Luisa,

possui outras personagens femininas latinas que subvertem o clássico padrão corporal da Disney em algum grau. Narizes largos, sobrelanceias bem marcadas, cabelos não lisos, braços e panturrilhas não finos (seria um exagero chamá-los de grossos) e cinturas de tamanhos possíveis. É importante destacar que essas personagens são todas magras e pequenas (com exceção de Luisa), sendo apenas uma mudança do grau de magreza promovido pela Disney. Então é uma evolução na diversidade de corpos representados no audiovisual, mas ainda extremamente incipiente.

De forma um pouco mais perceptível, em “Red: Crescer é uma fera”, as quatro meninas principais do filme são diversas entre si e fogem de forma mais destacada do padrão corporal normalmente retratado nas telas. Além da questão racial (com três das quatro garotas sendo de famílias asiáticas de origens diferentes), seus corpos parecem muito mais próximos da infância e da adolescência reais do que muitas das animações costumam mostrar. O filme apresenta meninas gordas, baixas, com cinturas largas e pernas grossas.

Chama-se atenção, no entanto, para o fato de que essas mudanças de representação corporal costumam ser vinculadas às personagens não brancas (como é o caso de todos os exemplos citados anteriormente). Além das mudanças serem a passos lentos e fazerem poucas “concessões” na construção da imagem feminina das animações, parecem ainda não conseguir atingir o

centro do padrão de beleza europeizado, sendo restrito ao que já é diverso disso.

Enquanto meninas aparecem como protagonistas em uma proporção de uma para cada três meninos, personagens não brancos são protagonistas em uma proporção de um para cada cinco personagens brancos. O aumento de sua representação nos últimos anos, assim como ocorreu com as meninas, é marcadamente nos papéis secundários e de suporte.

É fácil encontrar bons exemplos dentre as produções nacionais. A série da Turma da Mônica, além da turminha clássica e de Carminha Frufuru, apresenta os personagens Milena e Jeremias, ambos negros, em papéis coadjuvantes. A menina recebe destaque e centraliza um dos episódios. Apesar de ser coadjuvante, Milena é uma personagem bem construída, com história de fundo, motivações, objetivos e um arco dramático próprio. Diferente de Jeremias, que é um personagem de apoio e faz só figuração, Milena tem profundidade e é desenvolvida de forma independente.

Na série de animação “O Menino maluquinho”, o protagonista segue a imagem dos livros e filmes antigos como um menino branco, mas todo o contexto coadjuvante foi evidentemente pensado a partir de uma lógica de diversidade. Cabe destacar Julieta, grande amiga do Maluquinho, que na história original é branca e na série é uma menina negra. Corajosa e dinâmica, Julieta se mete em enrascadas com o protagonista e compartilha com ele várias aventuras, tendo muito tempo de tela.

A escola dos personagens está repleta de pessoas negras, indígenas e amarelas (dentre alunos, professores e o diretor), com vários tipos de cabelos, tons de pele e formatos de corpos. São personagens com falas e com momentos de destaque, em maior ou menor medida, fazendo parte efetivamente da história. É animador assistir às cenas de sala de aula e reconhecer o Brasil em toda a sua diversidade.

Um contexto parecido é representado na série “Escola de gênios”, também brasileira. A diferença é que o protagonista, além de boa parte dos coadjuvantes, também é negro. Isaac tem 12 anos e é convidado para participar de um teste em uma escola para alunos superdotados. Lá, ele conhece vários meninos e meninas muito inteligentes que são estimulados diariamente a buscar soluções criativas para problemas matemáticos, científicos e tecnológicos.

Um ponto positivo reside na representação de tantas meninas e mulheres (dentre as professoras e membros da direção) em áreas normalmente vinculadas ao masculino. Marie é uma cientista reconhecida internacionalmente e especialista em física quântica. Sua filha Tesla é uma das alunas mais inteligentes da escola e se destaca em robótica, Luíza tem super memória e Maya é apresentada como “a fera dos computadores”. Mel é negra, cientista e sonha em se tornar uma médica infectologista. São vários exemplos de meninas super talentosas e que ajudam a ampliar o repertório mental das crianças espectadoras, demonstrando

que meninas podem se destacar em áreas como ciências, engenharia e tecnologia, que historicamente foram consideradas masculinas (devido a desequilíbrio em questões como incentivo, reconhecimento, oportunidades e, inclusive, representatividade<sup>5</sup>).

Além das questões de gênero e raça, a série contribui para uma representação diversa ao apresentar personagens com óculos, com lábio leporino e uma menina tetraplégica. Maju é irmã do protagonista e, apesar de não ser aluna da escola de gênios, aparece na série nos momentos de lazer e interação de Isaac com a família. Ela é uma menina negra com deficiência, uma interseccionalidade raramente retratada no audiovisual, ainda mais de forma alegre e leve, como costuma ser a participação de Maju no programa.

Em algumas obras, questões como raça, gênero, padrões corporais ou deficiências são tratadas de forma direta, como tópicos de debate, estimulando que as crianças reflitam sobre esses temas. Em outras, os assuntos não são conversados expressamente, mas a simples existência de personagens diversos na narrativa permite que as crianças tenham contato com essas questões e inevitavelmente pensem sobre elas. Ambas as situações são importantes para serem apresentadas às crianças e uma não exclui a outra.

5. Participação de determinado grupo por trás das câmeras, em posições de poder, com possibilidade de tomada de decisão na criação das narrativas e do conceito artístico das obras. +

Por exemplo, a animação “A fera do mar” não fala sobre gênero e raça. Mas ambas as questões são impactantes para a obra. Trata-se de uma menina negra como protagonista de uma narrativa clássica de aventura, em um universo de seres marítimos, navegação e com muitas cenas de ação. É empolgante ter uma garota negra ocupando, com eficiência e perspicácia, um espaço comumente dominado por homens.

Além de corajosa e aventureira, a protagonista Maisie é responsável por descobrir uma importante verdade sobre os seres marítimos e altera completamente a estrutura de violência que baseava aquela sociedade até então. Ela denuncia a realeza perante toda a população do reino e não se sente intimidada por ser uma criança diante de vários adultos (incluindo piratas e reis).

Maisie ergue sua voz diante da multidão para contar o que descobriu. Assertiva e firme, ela denuncia a Coroa e questiona o modelo em que o reino sempre viveu, convidando toda a sociedade a refletir sobre a relação entre humanos e natureza. Em uma cena impactante, o reino pausa para escutar uma menina negra, que fala com coragem, convicção e firmeza. Mesmo sem falar expressamente sobre raça e gênero, essa é uma imagem marcante para expandir o repertório mental de qualquer um e dificilmente se desassocia desses elementos.

De forma diferente, a série “O mundo de Karma” apresenta uma protagonista negra que em diversos episódios se depara com situações que a fazem refletir abertamente sobre racismo



e sexismo. Naturalmente, o espectador reflete junto com a personagem. Alguns terão a oportunidade de aprender coisas que talvez não compreenderiam por terem vivências diferentes da protagonista. Outros serão convidados a refletir sobre episódios que identificam em sua própria rotina e poderão aprender a lidar com eles de uma forma diferente.

Um exemplo bem elucidativo ocorre na primeira temporada, quando Karma recebe amigas em casa para uma festa do pijama. Ao montar um avatar em um jogo, as meninas criam uma personagem com cabelo crespo, o que suscita algumas dúvidas no grupo. Elas perguntam como Karma cuida de seu cabelo, se consegue usar laços, tiaras e presilhas, e usam o termo "cabelo normal" ao se referir aos cabelos lisos, em comparação com cabelos crespos. Karma fica desconfortável e muda de assunto.

Na hora de dormir, as amigas estranham quando ela coloca uma touca e a protagonista informa que o objeto protege seus cachos. As meninas apresentam várias novas perguntas sobre o cuidado com o cabelo crespo e fazem muitas generalizações. Por fim, pedem para tocar o cabelo de Karma, fazendo isso sem aguardar autorização. Quando as luzes se apagam, ela chora em silêncio.

No dia seguinte, Karma conta para Switch, sua melhor amiga, que não se sentiu bem com as perguntas. A amiga, que é branca, não compreende e acha que ela está exagerando. Apesar disso, a situação mexe muito com Karma, ela afirma que nunca esquecerá os comentários e se pergunta se deve mudar o

cabelo para não passar mais por aquilo. A própria personagem começa a chamar o cabelo liso de "normal" e com a ajuda de um aplicativo simula possíveis estilos de cabelo para avaliar como ficaria. Ao ver a sua foto com o cabelo liso, fica em dúvida e percebe que não ficou tão feliz quanto achava que ficaria.

Karma então conversa com a mãe sobre seu desconforto. Relata o que aconteceu com as amigas e ressalta que elas não quiseram ser maldosas, mas que ainda assim se sentiu mal. As duas têm uma conversa importante sobre a beleza de todos os cabelos. Seja alisado como o de uma prima, seja trançado como o de uma conhecida, seja crespo como o da mãe, seja com cachos grandes como os de Karma. "A única coisa normal no cabelo de todo mundo é que todos são diferentes".

No dia seguinte, na escola, Karma reúne coragem e chama Switch para conversar novamente sobre o ocorrido. Ela explica como se sentiu com as perguntas e é firme na argumentação. "Sei que não foi sua intenção. Mas não é ok você dizer que o meu cabelo não é normal. O que você disse me fez duvidar de mim mesma. Mas agora sei que meu cabelo é normal porque é diferente. E eu o amo do jeitinho que ele é. Eu venho de uma longa linhagem de mulheres negras com cabelos lindos, mas não posso responder por todas elas. Só quero responder por mim. E mais uma coisa: por favor, não toque no meu cabelo sem pedir". Karma educa a amiga e aprende a se defender com assertividade. Switch finalmente entende e pede desculpas.

O episódio é uma excelente oportunidade para conversar com todas as crianças sobre respeito, beleza e diversidade. Passa a mensagem expressa de que não é aceitável alguém fazer comentários ou ultrapassar limites com base na curiosidade, se eles magoam a outra pessoa. É fundamental que as crianças aprendam desde cedo que “boa intenção” não exime de responsabilidade e que algumas atitudes podem ter sérias consequências para a autoestima e a confiança dos outros.

Além disso, a conversa final de Karma e Switch pode ser usada para conversar com as crianças sobre a importância de comunicar com assertividade nossos limites e de saber receber críticas, estando aberto a aprender e melhorar.

Através do audiovisual é possível conversar com as crianças sobre uma infinidade de assuntos e ampliar seu repertório mental para prepará-las para diversas situações que enfrentarão ao longo da vida.

Uma representação diversa é importante para que todas as crianças se vejam nas telas, se identifiquem com as narrativas, se sintam pertencentes e se percebam capazes de ocupar aqueles espaços e viver aquelas aventuras. Cercar-se de diversidade, nas telas e fora delas, é essencial também para as crianças que estão acostumadas a estar no centro das histórias. É fundamental ter contato com múltiplas narrativas e realidades, de forma a internalizar desde pequenos que todos têm direito de protagonizar as histórias.

Afinal, como diz a campanha *See Jane*, do Instituto Geena Davis, “se elas podem ver, elas podem ser”. E mais do que isso, as crianças devem compreender que todas (não apenas elas) podem ser o que quiserem e como quiserem! Dessa forma, terão a possibilidade de crescer como pessoas que respeitam a individualidade e que atuam ativamente para proporcionar e garantir a diversidade.



# Meninas curiosas, questionadoras e críticas

*Por Risla Miranda*

O audiovisual é um espaço no qual se disputam narrativas. Assim, é importante que seja discutida a representação do que vemos na tela para que nosso olhar seja crítico e para levantar demandas relacionadas a boas representações de meninas. Essas demandas são particularmente importantes e interessantes no âmbito de habilidades e aptidões, uma vez que a sociedade constrói marcas de gênero que relegam meninas e mulheres a espaços privados e de cuidado. Assim, as profissões e habilidades que elas buscam e exercem giram em torno dessas áreas, impactando diretamente em seu poder econômico e social. Meninas e mulheres são desencorajadas a entrar e a exercer habilidades nas áreas de tecnologia, engenharias e matemática (STEM<sup>1</sup>), sendo assim, a discussão aqui levará em conta essa questão.

A reprodução e a manutenção de estereótipos de gênero que se vê nas telas alinham-se ao faz de conta de meninas que fazem de suas brincadeiras o espaço de busca e de exercício social daquilo que é permitido e incentivado. O audiovisual como espaço de formação social e de identidade traz percepções culturais que devem e podem quebrar barreiras que impedem o acesso de meninas a outras habilidades e áreas de conhecimento.

1. A sigla em inglês STEM se refere às áreas de ciência, tecnologia, engenharias e matemática.

Para um ser humano em formação, os exemplos são parte importante da construção de si. No audiovisual, há intenção consciente da formatação e da construção da narrativa, de quais personagens e de quais atrizes serão escolhidas ou de como os personagens serão nos casos de animação. Ter exemplos de meninas e mulheres nas STEM, em posições de liderança e que possuam habilidades que não sejam as esperadas, como pensamento científico, raciocínio lógico-matemático, compreensão espacial etc., é fundamental.

O universo da narrativa se interrelaciona com o mundo real e faz parte do desenvolvimento infantil (LOPES, 2012). Deve-se aproveitar que o lugar da infância é um lugar que possibilita o questionamento do mundo e se beneficia com a construção de um olhar crítico para o que se vê nas telas. Crianças são sujeitos históricos e possuem personalidades e corpos diversos (SILVA, 2016), assim, pensar em outros mundos possíveis junto

ao olhar crítico é questionar toda uma estrutura de habilidades e aptidões que se alinham com as diversas marcas de gênero binário que são construídas.

Segundo uma pesquisa de Nery e Rego (2020), as séries animadas são, para as crianças, fontes de prazer, de referências e de heróis. Portanto, os marcadores de gênero na infância podem gerar condições desfavoráveis e marcas de desigualdade e vulnerabilidade profundas que se engessam na estrutura societária, se reproduzindo e se fortificando (BOTTON; STREY, 2018), isso significa a permanência de comportamentos, referências, modelos, símbolos e representações de como se deve ser menina e mulher. Conforme Botton e Strey (2018), há uma subjetivação dos discursos de socialização de gênero que definem paradigmas para a vida adulta, balizam práticas e vivências de ideias de mulher e de feminilidade.

Segundo o relatório da Watching Gender de 2017, nas obras audiovisuais as meninas são subordinadas aos personagens masculinos em ambientes de laboratórios científicos. Mas este não é o caso de Ada Batista, uma menina negra protagonista de uma série original da Netflix que adora perguntar o porquê das coisas serem como são. Nada escapa das perguntas e do caderninho de anotação de hipóteses de Ada. “Ada Batista, cientista” conta com três temporadas e, além de Ada, temos seus melhores amigos: Paulo Roberto, o arquiteto, e Rita, a engenheira. A série é baseada nos livros escritos por Andrea Beaty e ilustrados por David Roberts.

Ada se depara com perguntas que não sabe as respostas e, para encontrá-las, se utiliza do pensamento científico para construir hipóteses, testá-las e seguir para a conclusão. Ada conduz experimentos junto com seus amigos para testar as hipóteses construídas e as ideias são criativas e vêm de todos os envolvidos. Ada lidera o processo de pesquisa, teste, análise e conclusão. Ela ainda tem uma mochila que vira seu laboratório cheio de instrumentos. A investigação ocorre de maneira divertida, envolvendo brincadeiras e até situações rotineiras, e, algumas vezes, as ideias trazidas para testar as hipóteses têm um quê de fantástico.

Ada e seus amigos precisam lidar com a frustração quando algum teste não dá certo, demonstrando criatividade e resiliência, conforme o método científico demanda. Afinal, faz parte da ciência chegarmos a resultados não tão animadores. Na série, há uma música sobre método científico que explica os passos que envolvem observação, pesquisa, hipóteses, teste, análise e conclusão.

Ada é uma cientista e quer saber o porquê de todas as coisas, o que contrasta com seu irmão mais velho, Arthur, que adora mágica. Rita, a amiga engenheira, é a responsável por construir as ideias projetadas por Paulo. Ela é apaixonada por aviões, quebrando estereótipos do que pode ou não interessar as meninas, e também é quem faz os cálculos para tornar as ideias mirabolantes dos amigos realidade.



Nos países da OCDE, menos de 5% das meninas têm vontade de seguir a carreira de engenharia e computação (OLIVEIRA; UBENHAUM; GAIVA, 2019). Nos Estados Unidos, a STEM surgiu focando em minorias, principalmente em mulheres e meninas. Além da igualdade de gênero, há também uma preocupação de mercado, com o intuito de solidificar a competitividade dos Estados Unidos (OLIVEIRA, 2019). Segundo dados do IBGE de 2019<sup>1</sup>, temos as maiores proporções de mulheres concluintes nas áreas de graduação presencial relacionadas à saúde (exceto medicina), ciências sociais e comportamentais, educação, comunicação e informação e artes; já as menores proporções de mulheres concluintes englobam as áreas de ciências físicas, matemática e estatística, engenharia e profissões correlatas e computação e tecnologia da informação, sendo esta última a proporção de apenas 14,1% de mulheres concluintes.

Portanto, a segregação ocupacional por gênero concentra mulheres em um tipo de mercado e também as incentiva a ocupar trabalhos estereotipados (FERNANDEZ, 2019). Há, então, uma estrutura de penalização da mulher por julgar que ela não ocupa ou estuda uma determinada área que não pertence ao campo do cuidado ou artístico, por exemplo, porque ela se sabota

---

I. É possível fazer o download das tabelas com dados de educação agregados por gênero através do link: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=resultados>.

ou não possui confiança suficiente para criar aberturas nessa estrutura **gendrada**<sup>2</sup>. É necessário que se busque ações que abarquem a criação de espaços confortáveis e seguros e de exemplos para que meninas e mulheres construam carreiras e/ou habilidades diversas daquelas que esperam delas.

A capacidade de mulheres em atuar nas áreas de engenharia, tecnologia e matemática encontra restrições em um mundo patriarcal, conforme discute Kabber (2021), como distribuição desigual de recursos de acordo com o gênero, divisão de trabalho gendrada que responsabiliza mulheres pelo trabalho doméstico e de cuidado não remunerado, redução de oportunidades de participação de mulheres na economia e na política, ideologias, marcas e papéis de gênero construídos para que mulheres sejam consideradas inferiores aos homens.

Deve-se questionar, portanto, até que ponto é escolha baseada em possibilidades ou escolha enviesada por restrições marcadas pelo gênero. A reprodução de estereótipos nas brincadeiras e no audiovisual perpetua as marcas de que meninas são mais emotivas, mais sociáveis, possuem habilidades de cuidado, de letramento e artísticas. Essas reproduções, como é possível observar, não dizem respeito apenas ao contexto da educação

2. Algo (ou alguma situação) é gendrado quando é compreendido dentro de uma oposição binária de gênero, como "homem e mulher" ou "masculino e feminino". Esse entendimento pode referir-se a papéis, características, permissões e espaços atribuídos para cada gênero. +

formal, mas à vida cotidiana de meninas, tolhendo habilidades que ajudam e apoiam o pensamento crítico e o raciocínio-lógico. Ter a possibilidade de brincar, ler e assistir a mulheres com habilidades para ciência é trazer para as meninas o poder de exercer essas habilidades e aptidões.

Uma produção brasileira com uma protagonista menina que adora o pensamento crítico é “O show da Luna”, criada e dirigida por Celia Catunda e Kiko Mistrorigo. Luna ama fazer perguntas para entender como as coisas funcionam e para isso tem como companheiros seu irmão Júpiter e o furão Cláudio. Depois de fazer a pergunta, Luna também levanta hipóteses e experimenta. Com a ajuda do faz de conta, Luna, Júpiter e Cláudio, que nesse espaço de brincar adquire a habilidade de falar com os humanos, descobrem a resposta para a pergunta inicial e logo depois criam brincadeiras relacionadas ao assunto.

O fato de Luna amar dançar, se expressar com o corpo e também ser curiosa e exercer o pensamento científico demonstra uma personagem complexa que não rechaça atividades estereotipicamente femininas. O dançar e o corpo, na verdade, fazem parte da estrutura de seu pensamento crítico, já que, ao final do episódio, Luna se junta a Júpiter e Cláudio para fazer uma peça de teatro para explicar o que aprenderam no episódio.

A curiosidade é base para o pensamento crítico e é comum observar essa habilidade sendo tolhida em meninas. Luna é questionadora, quer entender como as coisas funcionam e ainda

explica para os outros o que aprendeu - habilidade que exige a compreensão do assunto.

A série utiliza bastante o faz de conta para fornecer as respostas às perguntas de Luna e é comum, além de Cláudio falar, conversas com objetos, animais e plantas. Luna quer muito saber, é uma necessidade! Luna também tem contato com outras culturas e isso é uma forma de introduzir outras formas de fazer perguntas e também de compreender o mundo, para além de questões sobre química e física.

A divisão de trabalho e de quem pode fazer ciência é pautada em uma estrutura capitalista e colonial na qual a **domesticação e *wifenzation***<sup>3</sup> estão presentes como marcadores de gênero, ou seja, mulheres não são consideradas trabalhadoras livres, sendo seu trabalho mais barato e visto na perspectiva da família, contrário ao trabalho exercido pelos homens (MIES, 2014). Assim, relegar meninas e mulheres ao espaço privado e de trabalho de cuidado é ponto fundamental para que homens monopolizem a produção de conhecimento e capital.

Através da brincadeira, do imaginário e da relação com adultos e com outras crianças, a criança naturaliza ou não papéis e comportamentos de acordo com o gênero (SILVA; SILVA; FINCO, 2020). Esse processo ocorre em todo o espaço ocupado pela criança, inclusive o audiovisual, que traz modelos

3. Cultura baseada em atrelar e restringir as mulheres aos afazeres domésticos e ao cuidado. +

e personagens que transgridem ou não os marcadores de gênero. A brincadeira e o audiovisual são fundamentais para criar possibilidades que questionem as marcações relacionadas às habilidades e aptidões esperadas para meninas.

A série “Doutora brinquedos”, disponível na Disney+, é um exemplo interessante de habilidades que perpassam o cuidado e a engenharia ao mesmo tempo. A Doutora brinquedo é uma menina negra que tem uma casinha no seu quintal que funciona como seu consultório. Nesse espaço os brinquedos ganham vida e é lá que a Doutora “cura” o brinquedo adoecido.

Os pacientes-brinquedos não estão funcionando como deveriam, o que requer que a Doutora analise e converse com eles para entender o que há de errado. Ela inventa nomes de doença e anota tudo em seu Grande Livro do Dodói para que tenha por escrito as doenças que já curou. Conta com ferramentas próprias na cor rosa e cheia de glitter. A Doutora demonstra que é necessário observar a mecânica e a física do brinquedo para então “cuidar” dele. Esse movimento de questionar, descobrir, testar também faz parte de um pensamento crítico e científico esperado não só para o trabalho, mas também para a vida.

Os exemplos de protagonistas meninas que exercem sua curiosidade, pensamento crítico e científico, habilidades de engenharia, física, química e etc. demonstram a importância de um audiovisual que proporcione novas configurações culturais relacionadas aos papéis de gênero (SILVA; SILVA; FINCO, 2020).

Como já dito anteriormente, há uma estrutura de penalização e desencorajamento para determinadas áreas de conhecimento. Dessa forma, não basta apenas aumentar a confiança, mas também criar aberturas na estrutura para que as meninas e as mulheres se sintam confortáveis e seguras para construir uma carreira e/ou habilidades que não são estereotipicamente femininas.

A educação é capaz de estimular habilidades não vinculadas aos papéis de gênero (LAZZARINI et al, 2018), e o audiovisual é capaz de desafiar as meninas a serem curiosas, a descobrir como o mundo funciona e a fazer ciência.

É importante mencionar que não são só modelos que abalam a estrutura gendrada e racista, mas também ações de permanência e de inclusão segura e igualitária no mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2019), na educação formal e em outros espaços públicos. Daí a importância de políticas de incentivo ao acesso e à permanência das meninas nesses espaços. O audiovisual, inclusive, é um espaço no qual a presença de mulheres diretoras é ainda pequena. Isso porque estamos falando de uma área criativa. Se formos para áreas mais técnicas do audiovisual, como som e efeitos especiais, teremos ainda menos mulheres.

A reprodução de estereótipos nas brincadeiras e nas salas de aula, além de uma estrutura gendrada que impõe que meninas sejam mais sociáveis, mais emotivas, orientado-as apenas a habilidades de cuidado, de letramento e artística, é uma situação a ser combatida e questionada. Levar o audiovisual para escolas

pode ser um caminho para que as meninas possam exercer suas habilidades críticas e conhecer protagonistas meninas que fogem do que é esperado - mulheres curiosas, questionadoras e críticas.



## Referências

BOTTON, Andressa; STREY, Marlene Neves. Educar para o empoderamento de meninas: apostas na infância para promover a igualdade de gênero. **Inclusão Social**, v. 11, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4109>.

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista: por que as iniquidades persistem?. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 26, p. 79-104, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/12951>.

KABBER, Naila. Three faces of agency in feminist economics: capabilities, empowerment, and citizenship. In: BERIK, Günseli; KONGAR, Ebru. **The Routledge handbook of feminist economics**. Routledge: London and New York, 2021.

LAZZARINI, A. B. et al. Mulheres na Ciência: papel da educação sem desigualdade de gênero Rev. Ciênc. Ext. v.14, n.2, p.188-194, 2018.

LOPES, Francisca Rodrigues. **Representações da infância no cinema: ficção e realidade**. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MIES, Maria. **Patriarchy and accumulation on a world scale: women in the International Division of Labour**. London: Zed Books, 2014.

NERY, Patrícia Gonçalves; REGO, Teresa Cristina. Culturas da infância: os modos como as crianças assistem e interagem com as séries de animação. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de; UNBEHAUM, Sandra; GAVA, Thais. A educação STEM e gênero: uma contribuição para o debate brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, p. 130-159, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cdq95fNyj5cwBr3CDmXMK4S/?format=html&lang=pt>.

SILVA, Adriana A. A infância no cinema: estética, políticas e poéticas (Childhood in cinema: aesthetics, politics and poetics). **Crítica Educativa**, v. 2, n. 2, p. 74-89, 2016. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/98>.

SILVA, Peterson Rigato da; SILVA, Tassio José da; FINCO, Daniela. Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte. **cadernos pagu**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/>



[cpa/a/6Fc9NSxjBGqR5zpfnMVFnX/?lang=pt&utm\\_source=researcher\\_app&utm\\_medium=referral&utm\\_campaign=RESR\\_MRKT\\_Researcher\\_inbound.](https://www.commonsensemedia.org/sites/default/files/research/report/2017_commonsense_watchinggender_executivesummary_0620_1.pdf)

WARD, L. Monique; AUBREY, Jennifer Stevens. **Watching gender:** How stereotypes in movies and on TV impact kids' development. São Francisco: Common Sense, 2017. Disponível em: [https://www.commonsensemedia.org/sites/default/files/research/report/2017\\_commonsense\\_watchinggender\\_executivesummary\\_0620\\_1.pdf](https://www.commonsensemedia.org/sites/default/files/research/report/2017_commonsense_watchinggender_executivesummary_0620_1.pdf).

# Para tecer os fios da ancestralidade no cinema de meninas

*Por Lina Távora*

Quais são as avós e as mães no audiovisual que cumprem o papel de dar o "bilhete de permissão" aos seus descendentes para que eles se fortaleçam e se tornem quem devem ser? Qual a importância da entrega de uma "carta de confiança" para as crianças? Por que seria importante oferecer esse assentimento às meninas para que elas desenvolvam suas potências e habilidades? Pode haver também uma relação de cura que vem das filhas e netas para os seus ascendentes, sendo capaz de quebrar ciclos de dor?

A ideia aqui é pensar em como se costuram relações de ancestralidade no audiovisual infantil, direcionando o olhar para pontos de cura e de renovação, sinalizando os votos de confiança dados por ancestrais às suas descendentes.

Por que falar em bilhetes de permissão ou cartas de confiança?

Porque, às vezes, é essencial ter a permissão de alguém que lhe inspira respeito e segurança para mostrar que se é capaz! As crianças, em especial, buscam esse assentimento, nem que seja em forma de um exemplo próximo a ser seguido. "Seu exemplo me deu a força e a coragem necessárias para forjar meu caminho do meu jeito", expressa Elizabeth Gilbert, sobre o seu pai (GILBERT, 2015). Por isso, ao pontuar narrativas audiovisuais positivas de ancestralidades, fala-se aqui também sobre essas cartas passadas simbolicamente pelas mãos de familiares, que dão a permissão para que as meninas representadas no audiovisual vivam ou pelo menos busquem uma vida plena. E que essas representações também enviem recados de coragem para as meninas espectadoras. "Gostaria que mais mulheres assumissem o risco de dar a si mesmas esses votos de confiança" (GILBERT, 2015).

Em "Valente", Merida, com seus cabelos volumosos e vermelhos, surge como a primeira protagonista mulher e a primeira princesa da Pixar. Em uma versão fictícia da Escócia Medieval, Merida é a princesa, e pertence ao clã Dunbroch. O seu pai, o Rei Fergus, parece compreender os interesses reais da filha e a incentiva a lutar, aventurar-se, andar a cavalo e praticar o seu arco e flecha, apesar de não se impor frente à esposa ou aos costumes estabelecidos. A mãe, a Rainha Elinor, tem, porém,

o destino de sua filha traçado: ela a treina diariamente por horas para que seja a futura rainha — dentro do que ela acredita ser a forma correta de agir e de se portar. Merida, diferente dos seus irmãos trigêmeos, "não pode fazer nada". "Eu sou a princesa, eu sou o exemplo, eu tenho tarefas, responsabilidades, expectativas", diz a jovem garota.

Merida e sua mãe não conseguem se entender, é como se falassem línguas distintas. A mãe quer que a filha siga o seu caminho, que se case e que vire um espelho dela mesma. Para a rainha, Merida deve agir como uma princesa. Esse caminho deu certo para Elinor, mas não significa que dará certo para Merida.

O susto maior da protagonista vem quando descobre que a mãe organizou uma competição entre os clãs para que o primogênito de cada família dispute pela sua mão em casamento. Merida não aceita a imposição e decide batalhar pelo direito de decidir quando e com quem se casar. A grande questão é que, para isso, ela precisa "mudar" a sua mãe, ou assim ela acredita.

Merida, desejando que sua mãe mude de opinião, faz um acordo com uma bruxa sem saber que o contrato faria a Rainha Elinor virar uma grande urso (o terror de seu pai). Com a confusão instalada, Merida e a mãe-urso fogem do castelo e vão para a floresta. Juntas nesta aventura e sem a possibilidade da comunicação verbal, mãe e filha precisam se ajudar e se comunicar com sentimentos, com calma e com intuição. As duas devem

compreender as linhas que as unem, e as singularidades que as diferenciam. No paradoxo da não-comunicação, mãe e filha voltam a construir laços, entendimento e cura.

Em uma cena, Elinor, ainda sob a pele da ursa, percebe o ponto de vista da filha e entende que é a hora de mudar de opinião. Assim, por meio de Merida, ela fala para todos os clãs: "Minha mãe, a Rainha, sente no seu coração que nós devemos ser livres para escrever nossa própria história, seguir nossos corações e encontrar o amor no nosso próprio tempo".

É assim que deve ser para as mulheres nas telas e fora delas. As meninas devem ter condições de escrever suas próprias histórias. O "final feliz", inclusive, deve ser sobre as vontades de cada uma, suas habilidades e seus interesses, e não apenas sobre a escolha de um par romântico.

Para desfazer o feitiço da transformação de Elinor em ursa, é preciso "costurar o vínculo partido pelo orgulho". A simbologia de tecer os fios da ancestralidade é representada por uma tapeçaria com o desenho da família que Merida tinha rasgado anteriormente, sem intenção, em um momento de discussão com a mãe. A costura é realizada nos últimos instantes antes do feitiço tornar-se permanente, como havia acontecido com Mor'du, um príncipe que quebrou os laços fraternos com seus irmãos em nome de ter mais força e ser o único a reinar. Ele fez o contrato com a bruxa e transformou-se em um urso cheio de ódio e rancor.

Elinor volta à sua forma humana, compreendendo e aceitando inclusive o seu lado mais instintivo e animalesco — uma **Mulher Selvagem**<sup>1</sup>.

"O termo selvagem neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora de controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis. Essas palavras, mulher e selvagem, fazem com que as mulheres se lembrem de quem são e do que representam. Elas criam uma imagem para descrever a força que sustenta todas as fêmeas. Elas encarnam uma força sem a qual as mulheres não podem viver" (ESTÉS, p. 21, 2018).

Com o vínculo entre mãe e filha refeito, toda a história dos clãs é reconstruída. A Rainha Elinor, a partir do que aprendeu com sua filha, dá a permissão — essa não apenas simbólica, mas oficial — para que as garotas e os garotos decidam o seu próprio destino!

É interessante pontuar que, em um filme mais recente também da Pixar, "Red: crescer é uma fera", há igualmente uma narrativa centrada fortemente na relação entre mãe e filha, Meilin e Ming, e ainda, há a similaridade temática da transformação de mulheres em animais grandes e peludos, neste caso em um panda vermelho. Aqui a transformação está associada

1. O livro "Mulheres que correm com os lobos", de Clarissa Pinkola Estés, apresenta a figura da Mulher Selvagem, que representa quem vive uma vida íntegra, com limites saudáveis e com coragem. +

à transição da puberdade, em suas características físicas (pelos, odor, crescimento) e emocionais (a transfiguração ocorre quando a garota sente fortes emoções).

No decorrer da história, Meilin irá descobrir que essa transformação é uma característica das mulheres de sua família, mas que elas sempre domaram a fera dentro delas e as mantém trancadas em um amuleto. A decisão de Meilin de permanecer tendo acesso ao panda vermelho é uma metáfora potente sobre abraçar a Mulher Selvagem e fazer as próprias escolhas, para além do que “sempre foi feito” pelos membros da família.

No processo vivenciado pela garota, há também um movimento de revisão das histórias da sua mãe e de suas tias. Meilin, após o período inicial de susto, está feliz em explorar a sua essência e a sua liberdade; enquanto a mãe precisa aprender que a filha tem suas próprias experiências e que é seu papel desatar um pouco os nós de sua superproteção.

No filme "Moana - Um mar de aventuras", a jovem filha do chefe da aldeia, princesa de sua comunidade, precisa começar a tomar suas decisões, a conduzir o seu povo para a sustentabilidade. A Mãe Terra, porém, começa a dar sinais de exaustão. Moana, então, quer seguir em frente e desbravar os mares, indo para além dos recifes. Seu pai, carregando os seus próprios traumas, não admite que ninguém siga aquele caminho, já tentado previamente por ele.

É da sua avó Tala que a protagonista recebe a confiança para mergulhar em sua aventura marítima. A avó, além de sempre apresentar respeito e vontade de disseminar pela oralidade a história do seu povo, também tem uma relação especial com o corpo, com a dança, com o movimento. Ela entende que o corpo não é separado da alma. Ele pode ser um veículo para alcançar a alma. Tala quer passar os conhecimentos da Mulher Selvagem, despertar e aflorar os instintos da neta. Ela é como a **mulher borboleta**<sup>2</sup> (do mar). “Ela é a Borboleta que chegou para dar força aos fracos. Ela é o que a maioria considera não ser forte; a velhice, a borboleta, o feminino” (ESTÉS, p. 242, 2018).

A mais importante lição que Tala passa para Moana é o poder de ser livre, o poder de se aceitar e de acreditar em si mesma, dando doses de confiança à menina desde que ela era bebê.

Moana sempre sentiu-se atraída pelo mar, mas não sabia a história do seu povo. É Tala que mostra para Moana que na verdade eles eram navegantes em um tempo passado. Moana, assim, carrega não apenas a vontade de sair de casa e encontrar o seu destino. Ela quer reencontrar a história de seu povo.

Os encontros de Tala e Moana no filme são pontos de virada: quando Tala presencia o oceano entregando a pedra de Te Fiti para Moana, no encontro dos barcos escondidos,

2. Figura apresentada no livro “Mulheres que correm com os lobos”, de Clarissa Pinkola Estés. Ela representa a conexão entre corpo e alma. +



nos ensinamentos de conexão com o seu corpo e com o mar. Quando a garota parte em sua aventura, a avó parte deste mundo, tendo cumprido a sua missão de entregar os bilhetes de confiança à neta durante todos aqueles anos. As lições da avó acompanham a neta — a encontrarão em outros momentos de dificuldade. Porém, Moana já sente-se capaz, confiante para utilizar suas próprias habilidades e intuição para partir em sua aventura e recuperar o destino e a sustentabilidade de seu povo.

Em "Fábula de vó Ita", curta-metragem brasileiro dirigido por Joyce Prado e Thallita Oshiro, Ita precisa realizar uma cura profunda em sua neta. Após Gisa sofrer racismo na escola, a avó reconstrói a história dos cabelos das pessoas negras a partir de uma perspectiva de poder, com a narração de uma lenda sobre uma princesa negra que tem um cabelo cheio de personalidade, que é divertido e que muda de formas. A princesinha da história havia se perdido da mãe e, quando as duas se encontram, reconhecem-se por seus cabelos lindos e mágicos que se transformam como expressão dos seus sentimentos.

Ao trazer uma história de beleza e poder, Gisa passa a sentir orgulho de si mesma e do seu cabelo crespo *black power*. Quando a mãe de Gisa, Andrea, a pega na casa da avó, a menina está com outro astral. Há então uma troca de olhares entre Andrea e a sua mãe Ita: um reconhecimento de gratidão pelo processo de cura realizado.

O curta é uma linda história sobre o poder da ancestralidade e é também uma crítica às representações das meninas no audiovisual. Quando Ita conta sobre uma princesa negra de cabelo *black power*, a neta fala "mas, Vó, não tem princesa assim". A personagem expressa o sentimento de muitas meninas negras que não se enxergam nas telas como princesas ou protagonistas. As mudanças ainda são poucas e pontuais, por isso, a importância não apenas de estimular uma produção com mais representação, mas também de reverberar os bons exemplos.

Ainda sobre o cuidado com cabelos crespos e sobre o amor que pode ser compartilhado a partir desse ato, o curta de animação "Hair love" traz a relação entre pai e filha, quando esta precisa que o pai aprenda a fazer um penteado, pois ela tem um encontro muito especial! A garota e o pai vão pegar a mãe no hospital para voltar para casa.

No curta, o cuidado com o cabelo crespo é contado de várias formas e torna-se uma expressão de amor: pelos vídeos que a mãe faz ensinando formas de arrumar o cabelo, pela vontade da filha de repetir um dos penteados que a mãe havia feito nela, pelo aprendizado do pai em ajeitar o cabelo da filha pela primeira vez e pela aceitação da careca da mãe que está se recuperando de um câncer.

É importante essa representação de dedicação entre pai e filha, já que muitas vezes é dada apenas à mulher o papel do cuidado. "Mais do que nunca, homens estão exercendo a paternagem, o que é uma consequência do movimento feminista, mas ainda

não alcançamos nem mesmo um traço do que seria a equidade de gênero” (bell hooks, p. 117 - 118, 2018). “Hair love”, assim, afirma a sua beleza e importância em apresentar uma família negra cheia de afeto e cuidado, com o pai e a mãe sendo exemplos de amor.

Em "Canvas", curta-metragem de animação, também há uma boa representação dos laços positivos de uma família negra. Neste, porém, é a neta que precisa salvar o avô da sua dor. Após a morte da esposa, o avô abandona o seu ofício e o prazer de pintar. Apesar de a dor ser partilhada pela família, é perceptível que o avô entregou-se ao luto, deprimiu-se e fechou-se às possibilidades de amar. A neta, que é deixada na casa do avô pela mãe, chega alegre e cheia de energia, com seus coloridos giz de cera. O avô não interage, permanecendo em sua zona de dor.

Quando a menina, desbravando a casa, descobre o quarto com suas pinturas, ele é levado lentamente a esse lugar de acolhimento por sua arte e pelas pessoas de sua família. Aqui a cura é reconstruída pelas pinceladas que haviam sido deixadas de lado. As vidas do avô, da filha e da neta voltam a ser coloridas.

"A caminho da lua", longa de animação, também fala sobre luto e cura. A garota Fei Fei precisa aprender a transformar a saudade de sua mãe em uma boa memória e permitir que a vida siga em frente. Para isso, ela passa por uma grande aventura, indo literalmente até a lua, porém, uma lua mágica, na qual habita a deusa mítica Chang'e, que nunca deixou de amar e de sentir saudade do seu amor mortal, Hou Yi.

Fei Fei quer provar ao pai que a lenda contada por sua mãe, que morreu há quatro anos, é verdadeira, e que o amor deve permanecer fiel, não importando a situação. Isso porque o pai da garota acabou de trazer a namorada para os jantares de família. Juntamente com a namorada do pai, Fei Fei ganha um futuro irmãozinho simpático, afetuoso, atrapalhado e de braços abertos para aceitar as novas configurações de sua família.

Fei Fei, por outro lado, acredita que amar é preservar tudo igual! Amar, porém, é movimento. Na sua aventura lunar, a garota acaba descobrindo que ao se abrir ao novo, não precisa abandonar a memória e o amor pela sua mãe. Assim como Chang'e, que descobriu que não estava mais sozinha, mesmo sem Hou Yi, Fei Fei acolheu as novas pessoas da sua vida. A relação de cura em "A caminho da lua" realiza-se em vários laços familiares, em especial com o seu pai, a esposa dele e o novo irmão.

"Tarsilinha", filme de animação brasileiro, é sobre uma menina que não se sente corajosa, mas quando as memórias da sua mãe são roubadas e levadas para outro mundo, ela enfrenta seus medos. O mundo no qual a menina mergulha é todo inspirado em obras da artista brasileira Tarsila do Amaral (1886-1973). O filme não é uma obra biográfica, mas traz esse universo de criação da artista para o público infantil.

As memórias são roubadas por uma lagarta que, ao não virar borboleta, sofre com suas lembranças e assim passa a roubar objetos sentimentais das pessoas. No caso da mãe de Tarsilinha,

o objeto mais importante é uma flor do manacá, que o seu pai havia entregado para a sua mãe no primeiro encontro dos dois.

Alguns personagens que acompanham Tarsilinha em sua aventura são também inspirados nos quadros da artista, como a antagonista Lagarta, o companheiro Sapo e a assustadora Cuca, todos esses do quadro “A Cuca”. Já como referência ao quadro “Abaporu”, um dos mais conhecidos da modernista<sup>3</sup>, ícone do movimento antropofágico<sup>4</sup>, que se apossa de tudo da nossa cultura e a reinventa, há o próprio Abaporu que no filme engole as memórias e lembranças das pessoas.

O longa tem seu valor não apenas por despertar o interesse das crianças pela arte brasileira, mas também por essa relação entre memória e vida, e entre os ensinamentos de mãe para filha. Por mais que a mãe de Tarsilinha quisesse que a filha enfrentasse os seus medos, foi preciso ela se mostrar vulnerável para que a filha tomasse à frente e encarasse a coragem como necessária para a vida!

Seja pela coragem, pela liberdade de escolha, pelo poder de seguir os seus instintos, pelo cuidado aprendido, pelo

3. Movimento artístico do início do século XX que buscou romper com o tradicionalismo das escolas anteriores e se pautou em tendências modernas, irreverentes, livres de padrões, adaptados à realidade da época, que buscavam romper com o formal e valorizavam a subjetividade e a novidade. +

4. Manifestação artística brasileira iniciada na década de 1920 e que propôs “engolir” tendências e influências de culturas estrangeiras e transformá-las em uma estética nacional, original e com identidade própria. +

empoderamento da beleza e da autoaceitação, pelo reencontro com habilidades individuais, entre outras importantes cartas de habilitação de poderes, há em todas essas obras um processo de cura e de afirmação da capacidade dessas meninas protagonistas e de seus familiares. Não é sobre ter que fazer algo sozinhas, é sobre simplesmente se sentirem capazes de realizar algo por elas mesmas — com ou sem ajuda, mas por elas! “É um enorme ato de amor humano lembrar uma pessoa de que ela pode alcançar as coisas por si só, de que o mundo não lhe deve automaticamente nenhuma recompensa e de que ela não é tão frágil e capenga quanto talvez acredite ser” (GILBERT, 2015).



## Referências

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

GILBERT, Elizabeth. *Grande Magia: vida criativa sem medo*. Tradução de Renata Telles. Rio de Janeiro: Objetiva. 2015.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*.

# Quando a aventura é parte do entendimento de si mesma

*Por Risla Miranda*

Aventurar-se não é necessariamente sinônimo de esportes radicais ou de se arriscar em situações perigosas. A aventura pode ser em casa, no parquinho, na escola e em tantos outros lugares que crianças frequentam e vivem. A aventura pode ser no imaginário que se mescla com a realidade ao montar um castelo de areia no qual a princesa precisa enfrentar um dragão de 5 metros de altura. O exercício de aventurar-se para crianças é ter acesso ao direito básico de brincar e envolver o mundo em possibilidades. Então, onde estão as representações no audiovisual das meninas aventureiras?

O patriarcado<sup>1</sup> se fortalece através da manutenção de um poder masculino,

1. Sistema em que a sociedade se organiza em torno dos homens e eles ocupam as principais posições de poder e de liderança. +

branco, heterossexual e cisgênero<sup>2</sup>. Como toda produção humana, o audiovisual se encontra nessa estrutura e espaço de disputas de poder. Assim, quem é representado nas telas e quem produz o audiovisual está inserido em disputas de poder **gendradas**<sup>3</sup> e racializadas. A narrativa audiovisual é disputada para que se reproduza e se fortaleça a imagem de meninas no espaço privado e doméstico sem riscos, acolhendo uma suposta natureza biológica de delicadeza e submissão.

Tendo o audiovisual como espaço de formação social e identitária, a reprodução e manutenção de estereótipos de gênero nas telas se alinha ao faz de conta das crianças, reforçando, portanto, marcações de gênero nas narrativas criadas e vividas por meninas, meninos e menines.

O cinema enquanto linguagem e obra cultural é benéfico para o mundo mágico da criança que constrói e desconstrói mundos inteiros (LOPES, 2012). Portanto, o audiovisual é uma grande oportunidade para representações de meninas que se aventuram, se impõem e experienciam uma infância

2. Situação em que uma pessoa se alinha à estrutura sexual com a qual nasceu. +

3. Algo (ou alguma situação) é gendrado quando é compreendido dentro de uma oposição binária de gênero, como "homem e mulher" ou "masculino e feminino". Esse entendimento pode referir-se a papéis, características, permissões e espaços atribuídos para cada gênero. +



empoderadora que possibilite construir uma vida adulta crítica, independente e saudável.

Mulheres e meninas protagonistas aparecem há um tempo no audiovisual, mas é necessário pontuar que nem toda protagonista será representada de maneira a questionar os estereótipos de gênero. A Disney, grande produtora de filmes, reconhecida principalmente por suas princesas, coleciona um leque de filmes nos quais meninas, e também meninos, constroem imaginários de relacionamentos e de comportamentos. Nos últimos anos tivemos representações de personagens femininas que destoam do que vinha sendo desenvolvido até então. Duas delas são importantes para trazer para a discussão deste texto: Merida e Moana.

Merida é a protagonista do filme “Valente”, lançado em 2012, que conta a história de uma princesa que está focada em trazer para si as escolhas que impactam diretamente sua vida. Merida se relaciona melhor com seu pai do que com sua mãe. O relacionamento com a mãe é explorado no filme, sendo um elemento fundamental na narrativa. Merida quer decidir seu próprio caminho e gosta de explorar os arredores do castelo, cavalgando e treinando arco e flecha. Daí é possível perceber que temos, assim como Mulan, uma princesa que se utiliza de armas brancas, porém, ao contrário de Mulan, Merida gosta do arco e flecha como hobby e como expressão de si, e não pela necessidade de batalhar.

Merida, em uma cena na qual questiona a forma como destinam a escolha de casamento a uma competição entre três homens de clãs diferentes, se posiciona para atirar a flecha em prol de si mesma e acaba rasgando seu vestido tão cuidadosamente escolhido e feito para aquela ocasião. O vestido a prendia em uma posição de passividade e precisou ser rasgado para que Merida pudesse se movimentar livremente e atirar a flecha de modo a reivindicar uma escolha que desde o início deveria caber somente a ela.

Merida, em suas aventuras junto a seu cavalo, buscava o treino do arco e flecha, mas também a liberdade que não encontrava dentro de sua casa. Estar ao ar livre, cavalgando e treinando é uma fonte de prazer e de expressão de si. Compreender que meninas e mulheres se expressam para além de um espaço doméstico que pode limitar as possibilidades de busca tanto de aventuras quanto de si é um passo importante para uma diversidade de aventura de meninas.

“Moana - Um mar de aventuras” foi lançado em 2016 e, diferente de Merida, Moana se aventura em uma missão focada no coletivo. A ilha onde ela e seu povo vivem começa a passar por dificuldades. Moana percebe que precisa fazer algo e atende ao chamado do oceano para se aventurar a encontrar o semideus Maui para, assim, quebrar a maldição que atinge a ilha. Moana é destemida e perseverante ao enfrentar o desconhecido. Aventurar-se no mar é um cenário inexplorado, não

só por Moana não ter experiência em navegação, mas também porque os moradores da ilha reproduzem o medo herdado por seus ancestrais quanto à navegação.

Moana é indígena da Polinésia, sendo, assim, uma personagem diferente das que a Disney costumava, até então, representar (vale destacar Pocahontas, que, porém, teve em sua representação um viés colonizador e romantizado de uma brutal invasão nos Estados Unidos). Na versão original em inglês da animação, a atriz que interpreta Moana é uma nativa do Havai e essa escolha é importante para que não seja apenas uma representação parcial, mas que se tenha uma diversidade e respeito às culturas e sociedades indígenas. É importante ressaltar que as escolhas da Disney se pautam em decisões mercadológicas, esses avanços, assim, não são apenas um compromisso com diversidade de representação. A Disney, ainda que seja uma das maiores produtoras de filmes para crianças, tem muito a crescer em relação à representação de meninas que se aventuram.

Outra produtora que possui alguns bons exemplos desse tipo de representação é a Netflix com “Hilda”<sup>1</sup>, “Kipo e os animonstros” e “A fera do mar”, sendo as duas primeiras obras seriadas e a última um filme de longa-metragem lançado em junho de 2022. É importante mencionar que apenas a série de Hilda possui mulheres nos cargos de produção/direção.

---

I. Foi lançado em 2021 um filme longa-metragem da Hilda, chamado “Hilda e o rei da montanha”.

“Hilda” é baseada nas histórias em quadrinhos de mesmo nome de Luke Pearson e teve a primeira temporada lançada em 2018. Hilda vivia com sua mãe em uma cabana no meio da floresta e, por questões profissionais, as duas se mudam para a cidade de Trollburgo. Lá Hilda constrói uma grande amizade com Frida e David, mas tem dificuldades de se adaptar a uma rotina urbana e escolar. Ao se inscrever no grupo de escoteiros, Hilda pode se aventurar não só pela cidade, mas também fora dela.

Hilda é impetuosa e constantemente questiona a autoridade da mãe, além de liderar, em diversas ocasiões, o grupo de amigos. As aventuras são rodeadas de bichos e situações mágicas, já que Trollburgo e o universo de Hilda como um todo são pautados em seres fantásticos baseados ou não em lendas. Entretanto, Hilda não tem poder mágico e os problemas encontrados durante as aventuras são resolvidos em conjunto, seja com os amigos, seja com outro personagem humano ou animal, depois de tentativas e de raciocínios de Hilda. É interessante perceber que Hilda não se dá por vencida e é vista como uma menina que está o tempo todo envolvida em alguma aventura.

Hilda é uma personagem inteligente que demonstra capacidade de resolução de problemas e que tem como objetivo de vida se aventurar. Nisso, Hilda se parece com Maisie do filme “A fera do mar”. Maisie, assim como Hilda, tem a aventura e o arriscar-se como expressão de si. Maisie sabe de todas as histórias sobre os caçadores de monstros do mar e decide sair do

abrigo para crianças para se tornar uma caçadora no navio que enfrentou as feras mais conhecidas do mundo.

Maisie nos faz perceber que seguir regras arbitrárias significa ser privada de aventuras. Para ela, se arriscar é saber viver. No universo do filme, vemos pessoas de diferentes raças e gêneros sendo caçadores, assim, Maisie consegue enxergar as possibilidades, já que a própria mãe dela foi uma caçadora, de vivenciar essa aventura. Maisie é esperta, criativa e curiosa e usa todos esses traços para questionar autoridades e impor seu desejo de se tornar uma caçadora de monstros.

A construção imagética de Maisie é importante: negra, com cabelos soltos e roupas confortáveis, a menina é uma criança pronta para se aventurar com feras no meio do oceano.

Kipo, diferente das outras duas personagens dos parágrafos anteriores, já não é mais menina, mas tampouco é uma adolescente – está em transição. Kipo precisa se aventurar em um mundo pós-apocalíptico depois de morar durante toda a sua vida em uma cidade subterrânea. Ao encontrar sobreviventes que se tornam seus amigos, ela precisa resolver problemas e se manter viva em um mundo hostil e cheio de desafios. Loba é uma das integrantes do grupo de amigos. Ela é uma menina que foi criada em constante modo de sobrevivência e tem dificuldade em confiar nos outros. Entretanto, é Loba quem demonstra, em muitos episódios, o conhecimento necessário para que ela e os amigos ultrapassem barreiras e desafios.

Kipo e Loba, portanto, têm muito em comum e criam uma amizade incrível, demonstrando que força física, raciocínio lógico e enfrentamento de desafios são traços presentes e importantes para a construção dessas personagens. Movidas por objetivos finais diferentes, Kipo e Loba são aventureiras e destemidas, conseguem trabalhar em equipe e se desafiar quando o assunto é enfrentar o desconhecido. Assim, na série temos não só a protagonista, mas outra personagem que coloca o arriscar-se como traço aprendido e necessário para sobreviver e para atingir seus objetivos. O desconhecido não só traz receio, mas desafios que alimentam a empolgação e o sentimento de descobrir-se capaz de superar o medo.

Movendo a discussão para uma faixa etária de crianças mais novas, temos uma obra que pelo nome já sabemos o objetivo principal da narrativa: “Dora, a aventureira”. Dora é a protagonista dessa série que teve o primeiro episódio lançado em 1999 e a última temporada em 2019. A série possui temas variados em cada episódio, mas segue uma narrativa de acontecimentos parecidos: aparece um problema; Dora pede ajuda aos espectadores para achar objetos na mochila; o mapa indica o lugar a percorrer; e por fim Dora resolve o problema. As aventuras de Dora pedem sempre um percurso e é interessante observar como se dá a interação com quem está assistindo.

Dora foi criada para ensinar palavras em espanhol, no caso da série original, e em inglês, na versão brasileira. A série tem

caráter educativo e possui uma representação importante para garotas que queiram se aventurar e resolver problemas com ajuda de ferramentas e de amigos próximos. Dora, inclusive, é uma menina latina, com raízes latinas – há a personagem da *abuela* (avó em espanhol) e também de uma amiga brasileira. A normalidade com que são tratadas as aventuras de Dora, uma menina, e seu melhor amigo, o macaco Botas<sup>II</sup>, cria uma boa representação de como as meninas podem protagonizar suas próprias aventuras.

Outra garota aventureira que foge tanto da estética filmográfica discutida até aqui quanto da forma de contar sua história é Coraline. “Coraline e o mundo secreto” é um filme de 2009 inspirado no livro homônimo de Neil Gaiman e conta a história de uma garota que precisou se mudar com os pais para uma casa um tanto esquisita cheia de vizinhos excêntricos. É um filme que mescla fantasia com uma pitada de suspense. A aventura de Coraline se passa dentro da sua nova velha casa ao descobrir uma passagem para uma realidade alternativa na qual seus pais lhe dão toda a atenção que ela gostaria.

Coraline é uma menina que se entedia facilmente e que precisa de muito estímulo e, apesar de estar cercada de novidade,

---

II. É interessante trazer que a escolha de um macaco como melhor amigo suscita uma representação estereotipada de ser latina: fazer amizades com macacos e outros seres da floresta, já que a América Latina é vista como um local sem estrutura civilizatória - esse estereótipo é baseado em um olhar europeu colonizador.

não consegue enxergar, em um primeiro momento, as possibilidades de brincadeiras e de exploração. Ao conhecer os vizinhos e o mundo alternativo da sua própria casa, Coraline se vê em uma aventura que exige pensar rápido e resolver situações perigosas. No fim, ela percebe que é possível se divertir sozinha e que as aventuras podem ter diversas formas.

Com uma estética *stop motion*<sup>4</sup> e com nuances de terror, “Coraline e o mundo secreto” é um filme que narra uma aventura diferente protagonizada por uma garota.

4. Técnica de animação que utiliza uma série de fotografias quadro a quadro para gerar a impressão de movimento. +

Outra menina aventureira, mas dessa vez de uma animação brasileira é a Lara, de “Irmão do Jorel”. Lara é a melhor amiga do Irmão do Jorel e é ela quem pedala a bicicleta, enquanto o menino fica em um carrinho acoplado. Lara é destemida e não tem medo de falar o que pensa para as pessoas, inclusive para o Irmão do Jorel. Quando ela se muda para o Japão por conta dos seus pais, podemos assistir às aventuras de Lara sem necessariamente ter o Irmão do Jorel como protagonista. Lá, Lara se propõe a salvar um gatinho das garras de uma empresa de marketing doentia. Ela é perspicaz e inclusive já corrigiu o Irmão do Jorel ao dizer que chamamos alguém de mulherzinha quando a pessoa é incrível.

Para finalizar, temos Amí de “Aventuras de Amí”, uma produção também brasileira, especificamente da Bahia, dirigida e



roteirizada por Igor Souza e Maria Caroline. O elenco de atores é da Bahia e, exceto Tim, é composto por pessoas negras, sendo Amí e sua mãe Dora interpretadas por duas mulheres negras.

Amí é uma criança empolgada e adora se arriscar em experimentos e em brincadeiras novas. A maior parte das aventuras dela, sempre acompanhada por Tim e o cachorro Balú, acontece em casa. O exercício do imaginário por meio de brincadeiras caseiras é o universo aventureiro de Amí.

O figurino de Amí e Tim é propício a aventuras de uma criança brasileira no calor tropical: shorts, camisetas e chinelos nos pés. Durante a aventura, quando um problema surge e o estresse aumenta, Amí e Tim lembram de algo que foi ensinado em algum momento da vida deles que serve para resolver o problema.

Cada episódio tem uma aventura com um problema a ser resolvido e ainda há uma música específica para a situação enfrentada. Amí é uma criança esperta e líder nata e, apesar de Tim ser o menino da ciência, Amí demonstra criatividade combinada a um pensamento lógico para resolução de problemas que acontecem durante suas aventuras.

Amí é segura de si, extrovertida e autoconfiante e, sendo assim, ela lidera as aventuras com o amigo sem subjugar-lo. O faz de conta de Amí é repleto de símbolos e brincadeiras interessantes que fazem parte de um repertório do brincar de uma criança nordestina. Amí se aventura no cotidiano, na sua casa, tendo às vezes sua mãe, que a cria sozinha, como companheira.

Em diversos episódios Amí fala sobre ser livre e experimentar a liberdade, mas também usa essa ideia para se livrar de suas obrigações. O cotidiano floresce como espaço que contribui para aventuras, não sendo, então, necessário pensar em sair de casa para aventurar-se e arriscar-se. Amí faz isso, se aventura, se coloca em risco através de brincadeiras com um forte imaginário sem sair do seu quarto.

### **A importância das meninas aventureiras**

Com os exemplos de boa representação trazidos aqui, vemos a importância de termos histórias de aventura protagonizadas por meninas. Sabemos que assistir a um filme é uma ação individualizada, porém os símbolos são coletivos (NERY; REGO, 2020), ou seja, há ali na tela símbolos e estereótipos que podem estar representados no audiovisual que perpetuam comportamentos esperados de uma menina. É importante dizer que a criança ressignifica aquilo que ela assiste, pois há inserção ativa da narrativa no modo de ser criança. Assim, as crianças não devem ser vistas como espectadoras passivas, elas se envolvem e são envolvidas (LOURO, 2014) na narrativa, por isso a importância de se questionar o que se assiste, incentivando o pensamento crítico de meninas e exigindo melhores representações na tela.

Há uma escolha consciente da trama cinematográfica, isso significa que os diálogos, as personagens, figurino, e tudo o

que vemos na tela foi produto de um trabalho coletivo intenso de escolhas de adultos. Assim, é interessante discutir a visão adultocêntrica de um mundo mágico pertencente às crianças e de que forma ele está representado na obra. Os adultos já estão em um caminho longo que perpetua estereótipos femininos em uma estrutura engessada. Assim, é comum termos só uma infância possível fortemente baseada em binariedade de gênero<sup>5</sup> e quais comportamentos são esperados de meninas e de meninos.

Segundo o relatório da *Watching Gender* de 2017, o audiovisual reforça os papéis tradicionais de gênero, ou seja, meninas são menos ativas, menos dominantes e menos inteligentes quando comparadas aos meninos. Além disso, a aparência e o figurino delas possuem laços e cores na paleta rosa e roxo. Outro dado interessante é que os meninos de 7 a 10 anos são mais aventureiros e ativos, além de serem mais técnicos e menos emocionais que as meninas. Temos, ainda, um audiovisual que não representa a menina como protagonista de aventuras e, apesar de termos exemplos bons, há que se buscar um conceito que abarque uma infância diversa e protagonista de meninas.

A identidade de infância e de meninas é um redemoinho de transformações e formações pelos sistemas culturais

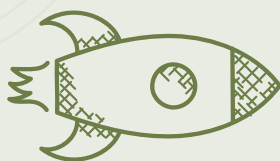
5. Entendimento de gênero dentro de apenas dois polos, o feminino e o masculino, que são encarados de forma estática e separada. +

que estruturam nossa sociedade (HALL, 2019). Sendo a obra audiovisual um componente dessa estrutura societária, ela precisa abarcar transformações que empoderem meninas a se arriscarem. O que seriam essas transformações? Representar meninas corajosas com roupas propícias a aventura, além de encorajar a brincadeira de risco — que não é apenas aventurar-se fora de casa, é explorar brincadeiras diversas, muitas vezes fugindo do escopo de "casinha doméstica", diversões que atravessam os estereótipos de gênero e que possibilitem o fazer de conta cheio de possibilidades de aprendizado de habilidades como coragem, liderança, autoconfiança, pensamento crítico, independência, dentre tantas outras.

O fazer de conta a partir da narrativa de aventura não é mera reprodução, pelo contrário, possui ressignificação e papel ativo das crianças em criar narrativas a partir de seu repertório cultural, social e político. O fazer de conta está inserido no brincar que não é apenas uma forma de aprendizado, mas também de desenvolvimento das crianças.

Se não há liberdade e encorajamento no brincar de meninas, não teremos aventura de meninas livre de estereótipos e com diversas possibilidades de repertório. Ver-se nas telas, portanto, é abrir oportunidades e possibilidades de inter-relações nas quais as meninas se aventuram para além de papéis restritivos, participando ativamente de brincadeiras que constroem mulheres diversas e críticas de uma estrutura

patriarcal que as quer silenciadas, domesticadas e coadjuvantes da vida pública. Meninas se aventurando é sinônimo de uma infância saudável que questiona diretamente a estrutura patriarcal e dá a elas a liberdade de criar e protagonizar suas próprias histórias.



## Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

LOPES, Francisca Rodrigues. **Representações da infância no cinema: ficção e realidade**. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

NERY, Patrícia Gonçalves; REGO, Teresa Cristina. Culturas da infância: os modos como as crianças assistem e interagem com as séries de animação. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

WARD, L. Monique; AUBREY, Jennifer Stevens. **Watching gender: How stereotypes in movies and on TV impact kids' development**.

São Francisco: Common Sense, 2017. Disponível em: [https://www.common sensemedia.org/sites/default/files/research/report/2017\\_commonsense\\_watchinggender\\_executivesummary\\_0620\\_1.pdf](https://www.common sensemedia.org/sites/default/files/research/report/2017_commonsense_watchinggender_executivesummary_0620_1.pdf).

# A potência da amizade entre meninas

*Por Luciana Rodrigues*

A socialização é parte importante do processo de formação do indivíduo e tem um papel de destaque na infância. Após a convivência inicial com pais, irmãos e outras pessoas próximas da família, a criança aprende que existem outras relações a serem exploradas. Nessa fase, ela descobre o poder de se relacionar com pessoas de idade similar a sua (vizinhos, colegas de turma, amigos, primos) e em um nível de “hierarquia” horizontal, diferente do que ela tem com pais, avós e outras figuras de autoridade.

Temporariamente livre da intervenção de adultos, que ditam como ela deve agir em cada situação e como as coisas devem ser feitas, a criança aprende a explorar essas relações e tem contato com uma infinidade de dinâmicas e situações em que deve aprender “sozinha” como se comportar.

Nesse tipo de convivência, a criança tem a possibilidade de ampliar seu repertório de conexões e desenvolve autonomia e criatividade para aprender estratégias próprias de comunicação, de resolução de conflitos, de partilha, de defesa, de alcance de objetivos, de respeito aos outros e a si mesmo, de noção de individualidade e coletividade e várias outras habilidades necessárias para convivência em sociedade.

Dessa forma, devem coexistir de forma complementar os aprendizados que a criança adquire com os adultos e o que ela aprende com os seus pares a partir da observação, da experimentação, da imitação e da comparação.

Cada criança vive experiências e trajetórias únicas e um dos benefícios da socialização é a possibilidade de ter contato com realidades e perfis diferentes dos seus que contribuam para a ampliação da sua compreensão de mundo. Ao mesmo tempo, também é potente cercar-se de pessoas que compartilham de vivências e experiências parecidas, aprendendo uns com os outros, se identificando e se fortalecendo na coletividade.

A amizade entre meninas pode ser um elemento muito poderoso. Por uma multiplicidade de fatores, a sociedade se relaciona de forma desigual com meninos e meninas, criando diferentes expectativas, regras e padrões para um e para outro. Mesmo criados pela mesma família, em uma mesma geração e frequentando os mesmos espaços, as experiências de meninos e meninas costumam envolver particularidades que muitas



vezes não são identificadas ou compreendidas uns pelos outros. Algumas vezes, é mais fácil para uma menina compartilhar suas experiências, impressões e receios com alguém que passa por situações parecidas do que com alguém que, por mais boa vontade e afeto que lhe dedique, não compartilha da mesma vivência.

**Gênero**<sup>1</sup> é apenas um dos elementos de agrupamento para esse tipo de identificação, sendo evidente que fatores como raça e classe, dentre outros, também impactam profundamente nas experiências dos indivíduos. Ao longo da vida, muitos relacionamentos diferentes são necessários para abarcar as várias experiências de cada um.

Especificamente sobre gênero, como um fator que impacta diretamente na experiência dos indivíduos em sociedade, é importante que meninas se cerquem de pessoas que compartilham das mesmas dinâmicas sociais. Na falta de um grupo com quem se pode identificar, determinadas situações podem parecer extremamente assustadoras, solitárias e incompreensíveis. Ao passo que ter alguém com quem compartilhar-las pode aliviar a experiência e torná-las inclusive mais seguras e positivas. Através da troca de informações, de opiniões de pessoas que passam por experiências similares,

1. Agrupamento de indivíduos como homens, mulheres, ambos ou nenhum dos dois. Gênero refere-se à maneira como a pessoa se vê, se sente e procura se apresentar para o mundo; enquanto sexo refere-se à estrutura física da pessoa; e sexualidade (ou orientação sexual) refere-se a por quem a pessoa se interessa ou sente desejo.

de apoio e de empatia, as meninas podem se fortalecer e se preparar para lidar com diferentes questões.

Infelizmente, há um direcionamento, construído socialmente desde a infância, que prejudica essa aproximação entre meninas. É frequente escutar falas como “prefiro ser amiga de meninos porque eles são mais confiáveis, meninas costumam ser dissimuladas”; “meninas sempre competem entre si e são invejosas”; “é mais fácil conviver com meninos, pois eles são descontraídos, enquanto amizades entre meninas envolvem muitas brigas”; “meninos são mais racionais e meninas são muito emotivas”.

É comum que esse tipo de fala acompanhe a criança ao longo de toda a vida e que evolua para estereótipos maiores que envolvem mulheres em todos os aspectos. Quem nunca escutou alguém dizendo que prefere trabalhar com homens do que com mulheres porque elas são falsas? Alguém aconselhando manter o pé atrás com amigas mulheres porque elas podem roubar seu marido/namorado? Alguém dizendo que não gosta de ter chefes mulheres porque elas costumam ser megeras, emotivas e/ou não aguentar pressão? Ou até mesmo questionando a capacidade das mulheres e levantando desconfianças sobre como elas conseguiram aquele cargo?

São falas ouvidas pelas crianças muitas vezes ao longo da vida e que os adultos repetem de forma descuidada como se fosse uma opinião individual baseada em experiências próprias

e não em estereótipos. Mas em sua repetição, dificilmente esses pensamentos deixam de contribuir para a formação do repertório mental da criança a respeito de gênero e da sua própria relação com meninas e mulheres.

Essa forma negativa de encarar as relações com mulheres está também fortemente representada no audiovisual. Infelizmente, é muito comum encontrar filmes, séries e novelas que focam na rivalidade feminina. Algumas vezes essa relação é evidentemente de antagonismo ou competição, seja por um interesse amoroso, por uma posição de destaque ou por qualquer outro motivo. E algumas outras vezes essa rivalidade é retratada a partir de amizades disfuncionais, em dinâmicas abusivas e hierárquicas.

Estamos acostumados a ver esse tipo de amizade no audiovisual, em que mulheres e meninas se tratam como cão e gato, em que se amam e se divertem, mas também desconfiam umas das outras, se traem e se maltratam, às vezes em níveis assustadores. Amizades em que elas protegem umas às outras das ameaças externas, sem perceber que muitas vezes elas próprias são as principais antagonistas das suas supostas amigas.

Especialmente em filmes e séries que retratam o ensino médio, é frequente que as atitudes evoluam para chantagem emocional, agressão física, humilhação, exposição pública, e outras ações premeditadas e especialmente cruéis.

Vimos isso na série estadunidense “Gossip girl”, no clássico filme “Meninas malvadas”, na série espanhola “Elite”, na série

Sul-Africana “Sangue e água”, na novela mexicana “Amigas e rivais”, cujo nome já diz tudo, e tantos outros exemplos que mostram que esse retrato de uma amizade feminina disfuncional não é algo restrito a um único país ou cultura. Com frequência, os traços negativos dessas relações não são nem mesmo questionados ou criticados pelas obras, sendo apresentadas como relações aceitáveis. Dessa forma, muitos espectadores crescem naturalizando e esperando a competição e a hostilidade entre meninas, acabando por concretizar e repetir essas situações.

Infelizmente, esse tipo de representação pode ser encontrado em obras para todas as idades. Ao assistir a filmes ou séries que apresentem esse tipo de dinâmica, é importante suscitar o questionamento da criança espectadora, discutir os aspectos negativos daquela relação, permitindo que a criança identifique os problemas e suas consequências e evite sua repetição, além de refletir sobre como algumas questões, reações e comportamentos poderiam ter sido diferentes.

Em relação ao gênero, é interessante levantar alguns dos estereótipos retratados nas obras para conversar com as crianças sobre o perigo da generalização. É possível apresentar exemplos de outras personagens ou de pessoas da vida real para mostrar como esses estereótipos podem ser falsos e até mesmo perigosos, e como eles são prejudiciais a longo prazo para elas próprias e para a sociedade de forma geral.

É imprescindível que a criança aprenda desde pequena a ver as outras como merecedoras de respeito e educação, mesmo que não sejam necessariamente suas amigas. Afinal, nos identificamos com algumas pessoas e com outras não. Não somos amigas de todas as pessoas que conhecemos e nem precisamos ser.

É possível utilizar o audiovisual para conversar com a criança sobre a diferença entre não ser amiga de alguém e encará-la como inimiga. Pode-se também abordar os níveis saudáveis de competição e quando a rivalidade passa a ser um problema.

A sociedade normaliza a ideia de que relações entre mulheres são sempre problemáticas e que elas são rivais por natureza, ignorando o fato de que a rivalidade cresce a cada comentário negativo escutado, a cada ofensa, a cada filme, a cada história que ensina que é assim que as coisas são. Mas da mesma forma que a rivalidade pode ser ensinada, as crianças, e os adultos, também podem aprender a potência da amizade entre mulheres.

Além de questionar as representações negativas e de tomar cuidado com as próprias falas e generalizações feitas na presença das crianças, é importante apresentar exemplos positivos de relações entre meninas.

É relativamente comum encontrar obras infantis e infanto-juvenis centradas na amizade. Mas é frequente que essas relações sejam representadas entre meninas e meninos (muitas vezes havendo apenas uma menina no grupo) ou entre uma menina

e um animal ou ser mágico (como é o caso da maioria das animações dos grandes estúdios).

Por isso é tão animador ver um filme como “Red: crescer é uma fera”. Apesar da trama ser centrada principalmente na relação entre Meilin e a mãe, há uma grande representação da amizade por meio da protagonista e suas três melhores amigas, Miriam, Priya e Abby. É interessante o fato das quatro meninas serem retratadas como jovens comuns, sendo diversas entre si, mas gerando fácil identificação com o público, que consegue vê-las em si ou em suas próprias amigas e conhecidas. Juntas, elas passam pela fase final da infância e pela aproximação da adolescência, compartilham interesses, momentos de descontração e a chegada de muitas mudanças (no corpo, nos gostos, na rotina e na relação com a família).

Cada vez mais irritada com a superproteção da mãe, com as cobranças da família e com o excesso de atividades, Meilin está sobrecarregada. Acreditando estar fazendo o melhor para a garota, a família tenta encaixá-la em um padrão do que considera adequado, ignorando sua individualidade e estabelecendo uma forma única de “ser menina”. Aos poucos, aquilo vai ferindo Meilin. Sem saber o motivo, ela começa a se transformar em um grande panda-vermelho sempre que tem sentimentos fortes e fica agitada.

A protagonista descobre que quando está perto das amigas consegue se acalmar e voltar à sua forma humana. É no contexto

da amizade que ela consegue se expressar com liberdade. Com as amigas, Meilin aprende a controlar sua raiva e sua ansiedade. Apesar do uso de um elemento mágico, a transfiguração, o filme aborda situações comuns dessa idade e como, muitas vezes, é ao lado dos amigos que conseguimos explorar nossos interesses e experimentar novas possibilidades de ser e de nos manifestar, sem as cobranças e pressões que frequentemente acompanham a família. É bonito acompanhar Meilin descobrindo que as amigas são sua base de segurança e que com elas consegue se sentir à vontade para ser ela mesma.

Enquanto em “Red: crescer é uma fera” é possível acompanhar uma amizade já consolidada, em “Turma da Mônica - a série”, o espectador acompanha a dinâmica de duas meninas que estão se conhecendo. Uma relação que começa problemática e evolui cheia de possibilidades, demonstrando que nem sempre relações que começam ruins precisam se manter assim.

A série brasileira inicia com a ultrapassada fórmula de colocar duas meninas competindo pelo poder. Mônica sempre foi a líder da turma e se sente ameaçada com a chegada de Carminha Frufu, uma nova moradora do bairro do Limoeiro, que se esforça para chamar atenção de todos e para afastá-los de Mônica. Durante uma festa, Carminha é publicamente humilhada e todos acreditam que a culpa é de sua principal "rival".

"É óbvio que foi a Mônica. Ela não gosta de mim e veio estragar a minha festa. Ela tem inveja de mim", relata Carminha.

"Você que implica comigo desde que chegou no bairro", Mônica se defende. As duas discutem na frente dos demais e suas falas deixam clara a hostilidade entre elas e a ideia de que esse sentimento é baseado em competição e inveja.

Carminha vem de um histórico de rivalidade e conheceu a nova turma com esse pensamento. Na escola anterior, ela foi enganada, hostilizada e chantageada por Penha, uma colega que queria ocupar o seu lugar. Na defensiva, ela acredita que Mônica será a "nova Penha" e se antecipa, reproduzindo um comportamento aprendido. Na escola anterior e em casa, estimulada pela mãe, ela aprendeu que só há espaço para uma líder, para uma número 1, e que precisa se esforçar para ocupar esse posto, custe o que custar.

Mesmo antes de conhecer a nova turma, ela já encarava Mônica como uma rival a ser combatida para que pudesse ter o respeito e a simpatia dos demais. Felizmente, Carminha aprende que existem outras relações possíveis e que na amizade não existe um posto reservado para o número 1.

É justamente a partir da proximidade com Mônica e suas palavras de apoio que ela se fortalece para se posicionar perante a mãe e para se sentir confiante em relação a sua aparência. Ao quebrar a resistência e se permitir fazer amizades, Carminha descobre o quanto pode aprender e se empoderar com elas. A história começa com uma disputa de poder, mas questiona a antiga fórmula mostrando que, assim como a personagem,



os espectadores também podem aprender a encarar suas relações com novas lentes. Ao investigar os motivos de um comportamento disfuncional, é possível abrir espaço para acolhimento e crescimento. As crianças devem compreender que todos são responsáveis por uma convivência harmoniosa e devem fazer a sua parte respeitando as necessidades e as particularidades dos outros.

Outra série que traz um retrato interessante da amizade feminina é “O mundo de Karma”. No início da temporada, a protagonista está entrando em uma nova escola e muitos dos estudantes estão ansiosos com a perspectiva de conviverem com colegas que ainda não conhecem. Percebendo isso, Karma é gentil com uma menina desconhecida e a chama para se sentar ao seu lado. Logo, ela e Switch descobrem que têm muito em comum. O seriado, assim, abre portas para a conversa com as crianças sobre o poder de acolher as pessoas e de se permitir conhecê-las sem pré-julgamentos.

Questionada sobre seu nome, a menina conversa com o pai a respeito da origem da palavra Karma. Ela aprende que seu nome significa algo parecido com um bumerangue, trazendo a ideia de que o que você oferece ao mundo volta para você. Ela então descobre que isso também vale para suas relações interpessoais. “Ofereça amizade, receba amizade”, conclui Karma. No segundo dia de aula, em um momento em que a protagonista se sente ansiosa e temerosa, é Switch que é gentil com ela, retribuindo

o comportamento da véspera. Ambas se apoiam e expandem esse sentimento para o restante da turma. A amizade torna as duas mais confiantes e seguras para enfrentar as dificuldades do dia a dia.

Na escola, Carrie, uma outra colega, faz bullying com Karma e isso é logo criticado pelos demais. A série faz questão de demonstrar de imediato que essa não é uma atitude positiva e a personagem se sente constrangida por ter agido assim. No dia seguinte, Carrie se aproxima da protagonista, pede desculpas e elas se tornam amigas. É interessante que dinâmicas negativas façam parte da história (assim como inevitavelmente fazem parte da vida), desde que sejam discutidas e aproveitem a oportunidade para suscitar reflexões.

Em outro episódio, Karma e Switch têm um desentendimento. Após um momento inicial de tristeza e desconforto, a protagonista conversa com a mãe, reflete sobre o assunto e chama a amiga para conversar. Com honestidade, ela comunica o que não gostou e como se sentiu a respeito. Switch ouve com atenção e se desculpa. A narrativa apresenta uma ótima oportunidade para conversar com as crianças sobre como, mesmo dentro de uma amizade saudável, podem ocorrer situações desagradáveis.

É necessário que as crianças compreendam a importância da comunicação dentro de suas relações. Que entendam como é relevante comunicar o que não gostam, ao invés de esperar

que os outros adivinhem ou que ajam como elas gostariam. E, claro, a importância de saber escutar também, sem ficar na defensiva, abertas a mudar suas atitudes, como ocorreu com Switch. Através desse tipo de cena, é possível conversar com as crianças sobre o respeito dentro das amizades e sobre a necessidade de se proteger e se defender com assertividade, mesmo dentro de relações positivas.

Assim como essas, existem outros exemplos de obras que trazem boas representações de amizades entre meninas. É o caso da série de filmes “Ivy e Bean”. No primeiro deles, o espectador é apresentado a duas garotas que moram na mesma rua, mas que inicialmente não convivem porque estabeleceram pré-concepções uma sobre a outra que as deixaram resistentes a tentar uma amizade.

Enquanto Bean gosta de brincar ao ar livre, cavar, se sujar, fazer barulho e pregar pegadinhas nos outros, Ivy prefere exercitar a imaginação dentro de casa, com o auxílio de livros e brinquedos, em uma estrutura organizada e tranquila. Cada uma considera que seu jeito de ser e de brincar é melhor e que, por isso, inevitavelmente, a outra será uma pessoa chata.

Ivy é nova no bairro e ainda não tem amigos. Bean mora lá há muito tempo e se dá bem com as outras crianças vizinhas (até a chegada de Ivy, todos são meninos). Ela tem uma relação conturbada com a irmã mais velha, Nancy, que tem 12 anos e se acha muito crescida para brincar com ela, e com uma vizinha

mal humorada que não gosta de crianças. Bean claramente tem relações bem polarizadas, reservando as impressões negativas para as meninas e mulheres à sua volta, que são marcadamente as vilãs de seu dia a dia (com exceção da mãe).

Tanto a irmã quanto a vizinha são arrogantes, grosseiras, em alguma medida fúteis e não aceitam nada de desordem ou sujeira, o que costuma limitar as atividades preferidas de Bean. Já os meninos a acompanham em suas brincadeiras de aventuras, de construção e estão dispostos a se sujar e a explorar, apesar de terem suas próprias atividades e não terem muito tempo para ela. Isso cria uma evidente percepção do universo considerado feminino como chato, entediante e irritante. Por isso, ao ver de longe a nova vizinha, que gosta de usar tiaras e que está sempre lendo (mesmo nas férias, o que é chocante para Bean), ela faz um pré julgamento e não cogita que Ivy possa ser interessante, uma impressão que é recíproca.

Porém, quando as duas passam a conviver, descobrem que têm coisas em comum: muita imaginação e vontade de compartilhá-la com alguém. Apesar de terem estilos diferentes, as meninas percebem que podem se divertir muito juntas e viver grandes aventuras.

Cada quintal, cada jardim e cada cômodo ganham o poder de virar um novo universo. Assim, sem sair da rua, elas visitam vários cenários. Andam por uma zona de guerra, em que cocôs de cachorro se tornam bombas; por um jardim secreto, em que

dobraduras voam como borboletas mágicas; o território da vizinha carrancuda se transforma em terra de ogros devoradores de criancinhas; e a horta do pai vira mata fechada repleta de víboras.

Juntas, elas descobrem um mundo inteiro em sua própria rua e aprendem que podem ir muito mais longe na companhia uma da outra do que separadas. Ivy e Bean percebem que julgar os outros sem conhecê-los pode ser um grande equívoco e que permitir que novas pessoas se aproximem pode ser muito poderoso. Elas aprendem também que a convivência com meninas é diversa e que cada uma tem um estilo diferente, o que não necessariamente é ruim, sendo muito simplista tentar enquadrá-las em caixinhas estereotipadas. Existem muitas formas de ser criança, de ser menina e de brincar e é importante respeitar o diferente. Ivy e Bean aprendem que a melhor forma de viver aventuras é em boa companhia.

Na série “Anne with an E”, a protagonista Anne e sua melhor amiga Diana apresentam o conceito de alma gêmea vinculado à amizade. Anne acredita que todas as pessoas têm espíritos afins, indivíduos que conhecerão ao longo da vida e com quem se conectarão de uma maneira especial, compartilhando interesses e uma sintonia diferenciada. Cercada dessas pessoas, o ambiente é propício para explorar suas próprias potencialidades com liberdade, segurança e entusiasmo.

Assim como para Meilin as amigas são a rede de segurança, para Anne, a amiga Diana é um desses espíritos afins,

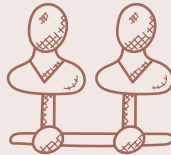
que renovam sua energia e a estimulam a ser ela mesma. As duas fazem um voto para selar suas promessas de cuidado e respeito mútuos. “Juro solenemente ser fiel à minha amiga do peito, Diana Barry, enquanto houver um sol e uma lua”. Assim como os adultos fazem em casamentos, elas decidem que amizades merecem juramentos nobres e poéticos como manifestação de seu amor. E é com declarações constantes sobre o quanto se valorizam e o quanto apreciam aquela amizade que as duas convivem ao longo de todas as temporadas.

Com elas, o espectador aprende que alma gêmea não está vinculada necessariamente a amor romântico, mas a qualquer forma de amor. Assim como um casamento precisa de atenção e cuidado, também a amizade deve ser cultivada para florescer.

Livres de estereótipos limitantes, as meninas podem aprender a crescer e a se fortalecer juntas. Um bom começo é que elas possam ver exemplos desse tipo de relação, que aprendam o que é um espaço seguro, o que é uma amizade saudável, que compreendam a quem podem recorrer e como devem ser tratadas. Para isso, o audiovisual é extremamente eficaz, mas exige uma curadoria cuidadosa dos responsáveis e atenção para aproveitar as possibilidades de diálogo e reflexão que as obras apresentem.

“Espíritos afins não são tão escassos como eu pensava”, conclui Anne com alegria. “É esplêndido descobrir que existem tantos deles no mundo”. Com essa constatação, nada mais justo do que ensinar às crianças sobre as potencialidades e belezas

da amizade. Para que assim elas próprias encontrem muitos espí-  
ritos afins ao longo da vida e que esses amigos possam garantir  
espaços e relações seguras para que elas se desenvolvam fortes,  
autênticas e empoderadas.



# Subvertendo a masculinidade com Steven Universo

*Por Rafael Maximiliano*

Alguns fatores parecem chamar muito a atenção do público na série de animação “Steven Universo”. São inúmeros os artigos, textos e vídeos divulgados na internet e em publicações acadêmicas que tratam da abordagem que a série faz de questões LGBTQIAP+<sup>1</sup>, com especial ênfase ao não-binarismo<sup>2</sup>. Além disso, um fato que também não passa despercebido por quem assiste ao seriado é a maneira como a masculinidade<sup>3</sup> é retratada, tanto através do próprio Steven quanto das outras figuras masculinas que o circundam.

1. Sigla que representa a comunidade composta por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, travestis, queer, intersexo, assexuais, agênero, pansexuais e mais. Esse rol não é taxativo, existindo outras pessoas que compõem a comunidade. Para englobá-las, a sigla conta com um símbolo de “+”.



A série foi marcante não só por ter sido a primeira propriedade intelectual do *Cartoon Network* criada totalmente por uma mulher, Rebecca Sugar (que, além disso, se identifica como uma mulher bissexual não-binária), mas também por ter protagonizado um momento inédito e ter mostrado, em uma animação infantil, o casamento<sup>1</sup> entre duas pessoas do mesmo sexo.

Na série, Steven Universo é um garoto emotivo e empático de 12 anos (ele começa a série com 12 anos e termina com 14). Steven é o fruto da união de uma alienígena e um humano. Seu pai, a parte humana da equação, é Greg Universo, um roqueiro de meia idade e dono de um lava-jato. A alienígena em questão, mãe de Steven, se chama Rose Quartz, vem de uma espécie chamada *Gems* (do inglês, jóias ou pedras preciosas), e sacrificou a sua forma física para criar o Steven.

Rose era líder de uma rebelião contra os planos genocidas do império intergaláctico das *Gems* para colonizar a terra e usar

2. Não se enquadra na lógica de dois polos de gênero (masculino ou feminino) bem demarcados, estáticos e excludentes. Fora dessa estrutura binária existem muitas possibilidades e elas são englobadas dentro do termo guarda-chuva "não binário". +

3. Conjunto de características, papéis e comportamentos associados a meninos e homens. Geralmente essas características são amplamente vinculadas à heteronormatividade. +

---

I. Criadora de 'Steven Universo' conta dificuldade para exibir cena de casamento gay - ISTOÉ Independente ([istoe.com.br](http://istoe.com.br))

os seus recursos minerais para seus próprios fins. Steven vive com três das companheiras de rebelião de Rose Quartz – Pérola, Garnet e Ametista. Elas criam Steven junto com Greg, que apesar de não morar com o garoto, tem participação importante na criação do filho. Pérola, Garnet e Ametista (e Steven) formam um grupo autointitulado *Crystal Gems*, e protegem a Terra de possíveis ameaças vindas do mundo natal das *Gems*.

Os corpos das *Gems*, suas formas, raças, gêneros, entre outras características são meras projeções das pedras que lhes dão nome, e podem ser livremente alteradas, ou até mesmo fundidas com outras *Gems*. Por acaso, todas as gems têm aparência de mulheres, com corpos e traços dos mais variados, até mesmo entre si (por exemplo, todas as pérolas, rubis, ametistas etc., têm traços e habilidades em comum relacionados às suas pedras, mas também possuem traços e distinções individuais). A série, porém, deixa bem claro que a questão de gênero simplesmente não existe no mundo das *Gems*. Elas são simplesmente *Gems*. De acordo com Rebecca Sugar,

“As *Gems* são todas mulheres não-binárias... Elas são entendidas como mulheres, o que é muito importante. Eu estava bem feliz porque eu sentia que não tinha visto isso antes. Fazer um show sobre um jovem garoto que se inspira nessas personagens lidas como mulheres – elas parecem mulheres, mas elas são mais uma representação de mulheres não-binárias.

Elas não se enxergam como mulheres, mas também não ligam que são interpretadas dessa maneira pelos humanos. E eu também sou uma mulher não-binária, e tem sido maravilhoso me expressar através destas personagens porque é bem assim que eu tenho me sentido durante toda minha vida.”

(BLUMENFELD, 2017)

Dessa forma, Steven é um garoto em fase de aprendizado de seus valores (e seus poderes mágicos), guiado e cercado constantemente por um grupo de mulheres não-binárias em uma construção familiar diferenciada.

É importante ressaltar que “Steven Universo” é uma série de animação feita para crianças a partir de 10 anos. Em publicação de 2017, Blum et al. verificaram, em 15 países pesquisados, que o período da transição entre infância e adolescência, dos 10 aos 14 anos, é um período crítico para compreender como as expectativas e normas de gênero afetam o desenvolvimento de meninas e meninos. Na mesma direção, o relatório “*Watching Gender: how stereotypes in movies and TV impact kids’ development*”, publicado em 2017 pela organização *Common Sense*, verificou que crianças de 11 a 13 anos, devido à puberdade, se preocupam com suas aparências e comportamentos, além disso, intensificam a necessidade de se conformar às normas culturais de gênero e se tornam mais intolerantes com comportamentos desviantes de gênero.

As *Crystal Gems*, que são lidas como mulheres tanto pelas demais personagens do universo de “Steven Universo” quanto pelo público que assiste à série, apresentam comportamentos e atitudes que transitam entre o feminino e o masculino. São elas que lutam a maior parte do tempo para salvar a humanidade, ao mesmo tempo em que demonstram amor e cuidado com Steven. Ao longo da série, e devido ao convívio com Steven, cada uma das *Crystal Gems* aprende a lidar com seus sentimentos e com traços de suas personalidades, uma vez que Steven é uma das figuras mais empáticas e sensíveis da série, contrariando as expectativas estereotipadas de personagens meninos.

Conforme o relatório “*Watching Gender*”, em filmes e programas para a TV voltados para crianças, a masculinidade é normalmente ilustrada por características como “agressão, poder, dominação, busca de status, contenção emocional, heterossexualidade e maior propensão a assumir riscos”. Steven subverte quase que completamente os comportamentos associados à masculinidade ao longo da série. Além de demonstrar sensibilidade e empatia em relação aos outros, Steven raramente opta pela violência, buscando resolver os conflitos através do diálogo e da aceitação. Quando é obrigado a tomar atitudes violentas, Steven demonstra arrependimento e até mesmo um certo medo de si mesmo por ter sido capaz de machucar alguém. Ele também se sente na obrigação de refazer os laços

que foram quebrados a partir de tais violências e encontrar resoluções pacíficas até mesmo para guerras interplanetárias.

A série tem seus momentos de ação: Steven possui poderes mágicos, é muito forte, tem um super pulo, luta com um escudo e uma espada, tem um parceiro mágico que consegue se teletransportar, etc. Ao mesmo tempo, Rebecca Sugar e os escritores do seriado resistem intencionalmente em tornar a série um desenho de super heróis. Hillary Florido, artista de *storyboard* da série, diz que “muito da ação e das coisas mágicas de Steven (...) são usados de apoio para descobertas, dificuldades ou novos insights das personagens” (MCDONELL, 2017, tradução do autor).

Apesar de toda a ação, o traço principal da série parece ser o desenvolvimento das personalidades e dos sentimentos das personagens. Muito do desenvolvimento de Steven também se dá pela sua relação com a mãe, Rose Quartz. Para Steven existir, Rose Quartz teve que se sacrificar, deixando de existir como tal e passando a existir como parte de seu filho. Steven é obrigado a lidar com essa ausência tanto do ponto de vista interno da sua própria perda, por não ter tido contato com a mãe, pelo sentimento de abandono e de solidão, quanto do ponto de vista externo, diante das memórias e experiências em comum de sua mãe com as pessoas que o cercam (seu pai, as *Crystal Gems* e todo o império intergaláctico das *Gems*).

Apesar dos homens serem incentivados a não lidar com suas emoções, a criar mecanismos de defesa para se proteger

dos sentimentos, Steven traça, muitas vezes, outros caminhos. Ele chora, sente raiva e se permite ser atravessado por sentimentos negativos, mas sempre lida com essas emoções, de uma maneira ou de outra, e encontra soluções para ele e para todos os que o cercam.

Os demais personagens masculinos da série também são muito bem construídos e, apesar de não serem tão contestadores quanto o próprio Steven, nos oferecem momentos únicos e oportunidades para confrontar alguns desses traços tão cruéis da construção social da masculinidade.

A impressão que passa é que, nos primeiros contatos, os homens da série se escondem por trás de uma máscara de performatividade<sup>4</sup> que Steven vai aos poucos quebrando com seu jeito meigo e sensível. Até mesmo seu pai, Greg, pode parecer um pouco caricato em um primeiro momento – um bon vivant que mora em um trailer, que está constantemente exibindo um bronzeado de quem passou o dia inteiro na praia e tocando seu violão sem muitas responsabilidades.

4. Se comportar de forma não espontânea (pode envolver o modo de andar, se vestir, se comunicar, se relacionar, etc) para se encaixar em papéis e comportamentos esperados. À medida que essa performance ocorre reiteradamente, ela é cada vez mais aceita pela sociedade e se fortalece no pensamento coletivo como regra. +

Imediatamente percebemos que Steven não mora com seu pai e isso nos faz imaginar um possível abandono parental – um pai que pode parecer

descolado para todo o mundo, mas que emocionalmente não se aproxima do filho. Essa imagem vai sendo quebrada ao longo dos episódios e percebemos que Greg é uma figura atenciosa, que ama incondicionalmente seu filho e que, dadas as condições inusitadas da sua relação (afinal, Steven é meio humano e meio alienígena), foi obrigado a ceder parte da sua criação para as *Crystal Gems*, mas que nunca está longe e está sempre disposto a ensinar Steven, principalmente em seu desenvolvimento emocional.

O lado humano de Steven é sempre um mistério para as *Gems*, que não conseguem compreender ou lidar muito bem com alguns dos aspectos negativos da vida, logo Greg aparece como esse importante contraponto. Em alguns momentos da série, Greg age como uma figura paterna até mesmo para algumas das *Crystal Gems*, como Ametista e Garnet, oferecendo apoio e conselhos, normalmente amorosos ou de relacionamento.

A construção familiar diferenciada exibida na série pode ser vista também como uma maneira de apresentar para as crianças as diferentes possibilidades de ser uma família. Além disso, Greg foge do estereótipo associado à masculinidade e à paternidade de ensinar habilidades físicas para o filho, como ensinar a lutar ou a usar seus poderes, algo que fica por conta do treinamento com as *Crystal Gems*. Greg, por sua vez, é quase sempre buscado para ensinamentos e lições sentimentais e até mesmo espirituais.

Greg é responsável também pelo desenvolvimento musical de Steven. A música e a dança são elementos primordiais em “Steven Universo”. Steven, Greg, as *Gems*, enfim, todas as personagens, em um momento ou outro da série, se expressam através da música, e a fusão realizada pelas *Gems* (e também por Steven) acontece através da dança.

A fusão é um elemento narrativo importante e carregado de simbolismos. Quando duas *Gems* se fundem, elas se tornam um terceiro indivíduo. Mas quando elas se separam, elas compartilham de uma mesma memória e vivência. Segundo a autora, a fusão entre duas *Gems* é uma metáfora sobre relacionamentos, “A fusão pode representar todo tipo de relacionamento (...), é excitante para mim transformar um relacionamento em uma personagem. É excitante para mim mostrar para as crianças todo o poder e atração de um relacionamento realmente positivo” (MCDONELL, 2017, tradução do autor).

Ao contrário das *Gems*, que só conseguem se fundir com outras *Gems*, Steven é capaz de se fundir também com humanos, dada a sua condição de meio humano, meio *gem*. Steven desenvolve uma grande amizade com Connie Maheswaran, uma garota humana que tem a sua idade. Eventualmente, Steven e Connie se fundem e se tornam *Stevonnie*, que é uma versão sem gênero definido da junção entre os dois. De acordo com Garnet, no episódio “Juntos e sozinhos” (1ª temporada, ep. 37): “Você não é duas pessoas.



E você não é uma pessoa. Você... é uma experiência! Faça com que seja uma boa experiência!”.

É durante sua fusão com Connie que Stevonnie conhece talvez o único antagonista homem da série, Kevin. Ele é apresentado no mesmo episódio em que a fusão dos dois é revelada. Ele surge como um jovem “descolado”, que acha que Stevonnie é a única outra pessoa interessante em uma festa e começa a dançar com ela, de forma forçada, invadindo seu espaço pessoal. Kevin se torna uma figura odiada por Steven, e aparece um total de três vezes na série. Na segunda vez que aparece, no episódio “Corrida em Beach City” (3ª temporada, ep. 11), eles realizam uma corrida de carro nas montanhas, e Steven é obrigado por Connie a confrontar o motivo do seu ódio por Kevin. Apesar de não perdoar Kevin, Steven e Connie decidem que não vão mais gastar seu tempo odiando-o, e decidem simplesmente ignorá-lo.

Kevin faz uma última aparição na quinta e última temporada, no episódio “Festa do Kevin” (5ª temporada, ep. 10). Kevin vai dar uma festa na piscina em sua casa e decide chamar a única pessoa que ele, aparentemente, acha mais legal que ele mesmo, que é Stevonnie. Steven e Connie estão brigados devido a um desentendimento que ocorreu quando Steven decide se sacrificar para salvar os amigos (incluindo Connie, sua amiga e companheira de aventuras) e ela se sente traída por não ter sido consultada anteriormente à decisão do amigo. Em todo caso, Kevin chama os dois para a festa e passa a “ensinar” Steven

como reconquistar uma ex-namorada da maneira que Kevin entende, ou seja, sendo emocionalmente distante, aparentando que não precisa dela e, especialmente, não falando sobre os seus sentimentos com a pessoa. Obviamente tudo dá errado e, apesar de Steven tentar seguir as “táticas” do adolescente, ele e Connie voltam a ser amigos justamente quando falam sobre seus sentimentos um para o outro e percebem o quanto sentiam falta um do outro.

Ao contrário de Kevin, nenhuma das outras figuras masculinas na série são vistas de uma forma negativa. Um dos grandes amigos de Steven é Lars, que trabalha na loja de donuts. Lars é mal humorado, coloca-se distante de tudo e de todos, se recusa a sair de sua zona de conforto ao mesmo tempo que nutre uma necessidade um pouco doentia de ser aceito pelos adolescentes descolados da cidade. Apesar de tentar se esconder atrás de suas inseguranças – em relação ao seu corpo, seu estilo e, principalmente, seus sentimentos – Lars não consegue se esconder de Steven, que simplesmente não desiste do amigo mesmo diante de todas as dificuldades.

São necessários vários episódios da série para Lars começar a se abrir um pouco mais e demonstrar que as suas inseguranças o impedem de ser quem ele realmente é e de amar quem ele realmente ama. Essa dificuldade para se abrir e falar sobre si mesmo e sobre seus sentimentos é um traço pouco desenvolvido nos homens em geral, o que torna ainda mais importante

a representação de figuras masculinas que estão dispostas a ensinar e, principalmente, dispostas a ouvir outros homens sem julgamento.

Em seu livro “Seja homem: a masculinidade desmascarada”, o escritor, poeta e educador britânico-congolês JJ Bola realça a importância de homens desenvolverem linguagens emocionais necessárias para discutir seus sentimentos até mesmo como uma maneira de prevenção e manutenção da saúde mental. De acordo com o autor, “as noções vigentes de virilidade e masculinidade apenas reforçam a ideia de que os homens não sofrem, ou não devem sofrer, de transtornos psicológicos como ansiedade ou depressão, pois essas questões não seriam mais do que sinais de fraqueza”.

O contraste entre os demais personagens masculinos da série e o próprio Steven demonstra que é possível reagir de outras formas, fora da conformidade, às situações da vida. A insegurança de Lars e a insensibilidade e o desrespeito de Kevin são atitudes que são esperadas dos homens, que são incentivados a esconder seus sentimentos e a agir de um modo predatório e dominante com as mulheres. Mas não precisa ser assim. Steven oferece um espaço de diálogo com Lars e consegue até mesmo fazer com que Kevin reflita um pouco sobre suas atitudes.

É importante que mídias voltadas para crianças e adolescentes apresentem personagens complexos e que não perpetuem os estereótipos de gênero que são negativos para todos.

Da mesma forma, é essencial que essas obras ofereçam protagonistas e modelos para serem seguidos que busquem solucionar seus conflitos através do diálogo, da compreensão e do amor ao próximo.

## Referências

BLUM, Robert W.; MMARI, Kristin; MOREAU, Caroline. It begins at 10: How Gender Expectations Shape Adolescence Around the World. *The Journal of adolescent health*, v. 61, suplemento 4, 10/2017.

BLUMENFELD, Zach. “Comic-Con: Rebecca Sugar on Steven Universe’s Emmy Nomination and Rejecting Gendered TV for Kids”. *Paste*. 27 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.pastemagazine.com/tv/steven-universe/comic-con-rebecca-sugar-on-steven-universes-emma-n/>.

BOLA, J.J. *Seja homem: a masculinidade desmascarada*. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

MCDONELL, Chris. *Steven Universe: Art & Origins*. Nova York: Abrams. 2017.

WARD, L. Monique; AUBREY, Jennifer Stevens. *Watching gender: How stereotypes in movies and on TV impact kids’ development*. São Francisco: Common Sense, 2017. Disponível em: <https://www>.

[commonsensemedia.org/sites/default/files/research/report/2017\\_commonsense\\_watchinggender\\_executivesummary\\_0620\\_1.pdf](https://commonsensemedia.org/sites/default/files/research/report/2017_commonsense_watchinggender_executivesummary_0620_1.pdf).

## **Episódios mencionados**

“Juntos e sozinhos” (Temporada 1, episódio 37, 2015).

“Corrida em Beach City” (Temporada 3, episódio 11, 2016).

“Festa do Kevin” (Temporada 5, episódio 10, 2018).

# Diálogos para corpos livres: menstruação como um processo natural

*Por Luciana Rodrigues*

A transição do final da infância para a adolescência pode ser uma fase bastante confusa para os jovens (e até para os adultos que os acompanham). As crianças percebem muitas mudanças em seus corpos, em seus temperamentos e interesses e isso pode ser avassalador, gerando inclusive ansiedade e frustração.

Quanto mais isso for conversado com a criança, com naturalidade e abertura para dirimir dúvidas, menos provável que a passagem seja traumática ou caótica. Infelizmente, muitos temas relativos à puberdade ainda envolvem tabus, sendo o principal deles a menstruação.

É importante conversar sobre o tema, não só com as meninas, mas também com os meninos. Muitos adultos tratam a menstruação como algo negativo, lidam com repulsa

e desconhecem questões básicas a respeito. Como consequência, muitas vezes eles contribuem para que as pessoas à sua volta se sintam inadequadas ou envergonhadas por estarem menstruadas. Para evitar isso na vida adulta, é importante conversar com todas as crianças desde a infância, explicar o que é a menstruação e tratá-la com naturalidade.

Cabe destacar que isso não é responsabilidade apenas das mães. Os pais (e outros homens responsáveis pelas crianças) também podem e devem fazer parte dessas conversas. É essencial pesquisar o tema e se apropriar do assunto para poder oferecer uma **educação menstrual**<sup>1</sup> completa e correta. Afinal, se as crianças não tiverem informações de qualidade em seus espaços seguros, inevitavelmente vão recebê-las (provavelmente de forma inadequada) na internet, a partir dos amigos, ou em outros ambientes. É importante garantir que elas tenham informações confiáveis.

Com a escolha de conteúdos adequados, é possível utilizar o audiovisual como apoio para introduzir ou para se aprofundar nesses assuntos com as crianças. Como muitos jovens e adultos consideram esses temas embaraçosos, pode ser uma saída utilizar um filme ou uma série como oportunidade para abordar questões como puberdade, menstruação, mudanças corporais etc. Ao falar sobre um personagem e não

1. Processo de educar e informar as pessoas sobre a menstruação, incluindo as mudanças pelas quais o corpo passa, as condições de higiene adequadas e as políticas públicas relacionadas à dignidade menstrual. +

sobre aquela criança especificamente, e utilizando uma situação contextualizada, é possível que adultos e crianças se sintam mais à vontade para conversar.

Mesmo obras que não sejam voltadas precisamente para essas temáticas podem ser utilizadas. Por exemplo, em “Turma da Mônica - a série”, os personagens estão enfrentando estranhamento por não se considerarem mais crianças, tampouco adolescentes. A turma não sabe como se rotular, o que os deixa um pouco frustrados.

A puberdade não é o tema principal da série, mas é evidente que os corpos dos personagens estão mudando, as vozes dos meninos estão engrossando, Magali comenta que teve espinha pela primeira vez e os pais do Cascão conversam com ele sobre odores corporais. Apesar de haver a clássica questão do personagem não gostar de tomar banho, é possível perceber que a série utilizou essa situação para abordar uma temática mais abrangente. Os pais chamam Cascão para conversar e dizem que ele está crescendo, que naturalmente está produzindo mais hormônios e que isso aumenta a possibilidade de ter um cheiro forte.

É interessante poder conversar com as crianças espectadoras sobre esses assuntos a partir de personagens que eles já conhecem, personagens que pautaram a infância de muitos deles e que agora podem acompanhá-los em uma nova fase. Pode ser muito mais fácil conversar sobre cuidados com a pele, higiene,



odores corporais e introdução de desodorante ao se falar de personagens fictícios, com um pequeno grau de distanciamento, diminuindo a probabilidade do jovem se sentir constrangido ou de ficar na defensiva.

Não são muitas as obras que abordam o tema da menstruação, mas pouco a pouco, nos últimos anos, têm surgido alguns exemplos que o trazem de forma explícita, enfatizando a importância de representar algo tão comum, mas tão escondido.

Ao não se falar sobre menstruação, a sociedade passa a mensagem de que isso é algo sobre o qual se deve ter vergonha. Algo sujo, caótico, que acontece, mas que precisamos fingir que não. Assim, todos crescem inventando apelidos para não usar as palavras “menstruação”, “vagina” e “vulva”<sup>2</sup> e aprendem que devem esconder o absorvente e sussurrar quando falam sobre ele. Muitas vezes, esse não olhar para si e não falar sobre o que acontece faz com que muitas meninas não tenham familiaridade com seu próprio corpo, não saibam nomear as partes de seus órgãos genitais nem conheçam a função de cada uma delas, não reconheçam as fases dos seus ciclos e não saibam identificar quando tem algo funcionando diferente, impossibilitando ou dificultando algum possível diagnóstico.

2. Vulva é a parte externa do aparelho genital, enquanto vagina é o canal interno. Muitas pessoas confundem esses dois nomes, chamando tanto a parte interna quanto a externa de vagina, como se fosse uma coisa só. +

Essa forma de lidar com a menstruação gera em muitas crianças ansiedade. O ideal é que os ensinamentos ocorram antes da **menarca**<sup>3</sup>, preparando os jovens com calma e evitando sustos e sobressaltos. Com tempo, é possível desenvolver uma conversa bem fundamentada e que os prepare para lidar com a nova fase de forma tranquila. Evite adiar esses ensinamentos para quando se tornarem inevitáveis.

### 3. Início da menstruação. +

É comum que as crianças associem sangue com machucados, dor e até mesmo morte. Por isso, ao vê-lo na lixeira, no papel higiênico ou no vaso sanitário, podem se assustar e achar que ela mesma, a mãe ou outra adulta responsável esteja ferida. Pode-se conversar com as crianças, mesmo desde pequenas, sobre como o sangue também pode ser sinal de saúde e de bom funcionamento do corpo. Pode-se apresentar um absorvente, explicar para o que serve e como ele é posicionado. São muitas as possibilidades de introdução do assunto.

Costuma ser muito mais tranquilo quando a educação menstrual é construída como um processo e não apenas como uma conversa pontual, definitiva e apressada. Esse processo pode se iniciar em qualquer idade, sendo adaptado à fase da criança e ao que ela consegue compreender naquele momento, e ser atualizado com o passar dos anos para inserir novas informações.

Quem lembra da cena do filme “Meu primeiro amor” quando a protagonista Vada menstrua pela primeira vez e se desespera?

Com onze anos e meio, Vada vai ao banheiro e descobre sangue na calcinha. Sua mãe morreu no parto e seu pai sempre se eximiu de conversar com a filha sobre os assuntos “difíceis”. Sem saber nada sobre menstruação, Vada acredita que está com hemorragia e que está morrendo. Ao ver a menina correr pela casa gritando e chorando, a nova namorada do pai entende o que está acontecendo e tem uma conversa honesta com a protagonista sobre o que significa aquele sangramento.

Algo que deveria ser natural ocorreu de forma traumática por falta de informação. No filme, foi necessário que outra mulher surgisse para conversar com a criança e tranquilizá-la sobre algo saudável como a menstruação. Uma conversa essencial que o principal cuidador fez questão de evitar por achar que seria desnecessária ou muito constrangedora. É importante compreender que **educação sexual**<sup>4</sup> é responsabilidade de todos. Esse não é um assunto restrito a quem menstrua. Pais, educadores, médicos, políticos, geradores de conteúdos e a sociedade como um todo é responsável por educar, informar e debater a menstruação.

Vada descobre o que é a menstruação e se acalma, mas é ensinada a olhar para ela como um empecilho, como algo que atrapalha suas atividades do dia a dia. Assim, quando seu melhor

4. Processo de proporcionar informações de qualidade para que as pessoas possam compreender o funcionamento de seus corpos, possam se empoderar deles e vivenciar sua saúde e sua sexualidade de forma positiva. +

amigo vai convidá-la para brincar, ela diz que não pode e bate a porta na cara dele, ordenando que só volte depois de cerca de cinco dias, sem explicar o motivo. A menstruação no filme é transmitida como um limitador da vida das meninas. É importante que essa mensagem seja questionada junto às crianças. Que se esclareça que é necessário ter cuidados específicos durante a menstruação referentes à higiene, mas que isso não as impede de forma nenhuma de brincar, de praticar esportes, de viver aventuras e de seguir sua vida normalmente. Pelo contrário, é importante deixar claro que a menstruação é um sinal de que o corpo está funcionando bem e de que está saudável.

A série “Paper girls” não é infantil (a classificação indicativa é 14 anos), mas é outro bom exemplo para os adultos do que acontece quando falta uma educação menstrual de qualidade. Na obra, a personagem Erin menstrua pela primeira vez durante uma missão perigosa e cheia de aventuras. Por estar em fuga, sem dinheiro e sem a possibilidade de voltar para casa, ela se vê menstruada pela primeira vez no meio da rua e sem ninguém mais experiente a quem recorrer.

Erin só pode contar com Mac, Tiffany e K.J, três garotas que ela conheceu na véspera. Nenhuma das outras meninas menstruou ainda e nem tem informações concretas ou esclarecedoras sobre como proceder. Elas vivem então uma aventura quase tão confusa e assustadora quanto a viagem no tempo que experienciaram no dia anterior. As meninas entram na farmácia

procurando por absorventes e não sabem a diferença entre absorventes internos e externos, qual tamanho devem comprar, como podem definir o fluxo, nem como utilizar aquele produto.

Elas estão completamente perdidas e conversam sobre como acreditam que seja a menstruação. Durante o diálogo, surgem muitos mitos e fica evidente a desinformação e a falta de educação sexual ("Dá para pegar do cavalo?", "Não. Dá para pegar andando a cavalo." / "E se o absorvente nunca mais sair?", "Seu corpo deve absorver."). Ao ler a bula do absorvente interno, elas ficam alarmadas com um aviso sobre a possibilidade de ter Síndrome do Choque Tóxico. Dentre os sintomas estão: febre, vômito, urticária, diarreia e queimadura. Tiffany afirma que uma amiga da sua mãe teve essa síndrome e perdeu uma das pernas.

Com razão, as meninas ficam muito assustadas, especialmente Erin, que acredita que não conseguirá passar por aquilo e chora querendo desistir. K.J informa que lamentavelmente não acha que é possível desistir de menstruar. Elas então decidem pegar um absorvente externo (mesmo que seja estranho e pareça uma fralda, nas palavras delas) acreditando que será menos perigoso. Apesar do medo, Erin segue as instruções do pacote e consegue colocar o absorvente. O episódio é um exemplo evidente dos perigos da desinformação e da falta de orientação adequada.

Na série "Anne with an E", que se passa no final do século 19, Anne sente algo diferente na barriga durante um concurso de

soletração na escola e não sabe o que pode ser. Mais tarde, naquele mesmo dia, ela acorda e descobre que está menstruada. Nervosa, se levanta escondida da família e corre para lavar a camisola e o lençol. A mãe a encontra chorando e lavando a roupa freneticamente.

A garota acha que tem algo de errado com ela e que de alguma forma decepcionou a família. Acredita que Marilla, sua mãe, vai interná-la até o fim de seus dias. De uma forma bem dramática e típica da personagem, Anne pede que plantem rosas em seu túmulo.

"Anne, você não está morrendo. Você está desabrochando e virando mulher, e isso é perfeitamente normal", Marilla explica acreditando que está tranquilizando a jovem. Pelo contrário, Anne se desespera e afirma que não está pronta para ser mulher. "Deve ter havido um engano. É impossível Deus achar que é hora de eu virar mulher!"

A protagonista chora ao descobrir que aquilo acontecerá todos os meses durante anos e seus gritos chamam a atenção do pai, que se aproxima assustado. Ao ver o sangue na roupa, entende o que aconteceu, fica nervoso e vai embora correndo. No dia seguinte, Marilla comenta com uma vizinha o que aconteceu e elas brincam dizendo que Matthew passará uma semana fora de casa evitando Anne. O embaraço masculino é tratado de forma cômica, mas ao assistir à série é possível conversar com as crianças sobre a inadequação desse tipo de reação.

Na conversa com Marilla, a vizinha comenta que não sente falta da menstruação e que prefere estar grávida a estar menstruada.

Naquela obra, a sociedade como um todo encara a menstruação como algo penoso e constrangedor. As palavras que Anne usa para descrevê-la são "pesadelo" e "inconveniente". É possível aproveitar o gancho para questionar isso junto às crianças e assim evitar que elas associem a menstruação apenas a aspectos negativos e a encarem como um castigo ou uma provação. Não é benéfico para ninguém que elas cresçam aguardando algo horrível acontecer.

No dia seguinte, Anne encontra as amigas e elas conversam sobre o assunto. Uma delas comenta que menstruou pela primeira vez há três meses e por isso se sente muito madura. "Acho que os meninos me respeitam mais também". Anne se angustia e pergunta se os meninos ficam sabendo quando elas menstruam e imagina que aquilo seria terrível. "Não sabem exatamente", argumenta a colega, "mas eu não sou mais uma garotinha e acho que isso é perceptível". Diana, a melhor amiga de Anne, comenta que menstruou no ano passado e seu pai começou a abrir a porta para ela, como um cavalheiro. Ao ouvir as amigas, Ruby fica nervosa e começa a chorar. "Não sou mulher! Por que a minha não veio?"

É importante esclarecer que a menstruação é um processo fisiológico e que ocorre em idades diferentes para cada uma, não estando vinculado a ser mais ou menos mulher, nem ser mais ou menos madura. É apenas uma das transições pelas quais o corpo passa naturalmente, assim como tantas outras.

As amigas pedem que Anne fale baixo, pois ninguém pode saber que aquele é o assunto sobre o qual conversam. Uma delas explica que "o ciclo menstrual é algo vergonhoso". Ao ser questionada sobre o motivo, ela não sabe explicar, todas só repetem que foram ensinadas a não falar sobre o assunto e aparentam nunca terem refletido sobre isso. "É um segredo, Anne. É assim e pronto".

Uma das meninas diz que, quando menstrua, falta aula porque tem medo de ter um "acidente" e manchar a roupa. Elas comentam sobre uma colega que anos atrás ficou com o vestido manchado de sangue no colégio e como têm medo daquilo acontecer com elas. Anne, que sempre fez questão de participar da aula e se destacar, fica com vergonha de se levantar e se manifestar. Por causa do nervosismo, seu desempenho acadêmico é prejudicado.

Uma pesquisa desenvolvida pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) identificou que 62% das pessoas que menstruam (dentre meninas cis<sup>5</sup> e meninos trans<sup>6</sup>)

5. A pessoa que nasce com estrutura sexual atribuída a corpos femininos, como por exemplo vulva, vagina, útero, etc, e que se identifica como menina/mulher. Sua identidade de gênero corresponde com sua estrutura sexual.

6. A pessoa que nasce com estrutura sexual atribuída a corpos femininos, como por exemplo vulva, vagina, útero, etc, e que se identifica como menino/homem. Sua identidade de gênero não corresponde com sua estrutura sexual. É possível que meninos e homens trans menstruem, pois nasceram com útero. Por esse motivo, devem ser incluídos nas políticas de direitos menstruais. +



já deixaram de ir à escola ou a outro lugar que gostam por causa da menstruação. E que 73% delas sentiram constrangimento ao estarem menstruadas nesses espaços.

Muitas vezes, a impossibilidade de comprar absorventes ou a falta de água e de papel higiênico nas escolas afeta a confiança desses jovens. Esse é um processo cíclico – à medida que perdem mais e mais aulas, menos confiança sentem de que conseguem acompanhar a turma. Isso muitas vezes resulta em evasão escolar e, de forma macro, aumenta a desigualdade de gênero no âmbito acadêmico e profissional.

É possível aproveitar o episódio de “Anne with an E” para ampliar a conversa sobre menstruação com os jovens espectadores. Muitos já sabem o que é a menstruação e o que é um absorvente, e dependendo da idade e do quanto eles já compreendem sobre o assunto, pode-se aproveitar para debater com eles a ideia de **dignidade menstrual**<sup>7</sup>.

Isso significa que todos devem ter acesso a produtos, informações e condições de higiene adequadas.

Explique que, infelizmente, essa não é a realidade para todos e que muitos jovens ao redor do mundo não dispõem de dinheiro para comprar absorventes. Por esse motivo, é tão importante que políticos e órgãos públicos se mobilizem para fornecer esses produtos gratuitamente, de forma que todos

7. Situação em que a pessoa que menstrua tem acesso a produtos, infraestrutura, informações e condições de higiene adequadas. +

tenham acesso a eles e não se privem dos estudos, do esporte e de qualquer outra área de sua vida.

Explique para a criança (tanto meninos quanto meninas) a importância e o poder de acolher uma pessoa menstruada. Ensine-a a respeitar, a não fazer piadas, a não expor colegas e a agir com naturalidade. Ensine como agir caso ela testemunhe alguma situação como a descrita pelas amigas de Anne, em que alguém ficou com a roupa manchada. Destaque a importância de ser empático, gentil, de não rir nem contribuir para que a outra pessoa se sinta constrangida. Também podem pensar juntos em estratégias de como proceder caso a menstruação ocorra fora de casa. Aproveitem a oportunidade para antecipar possíveis situações e se preparar para elas.

Na série “Diário de uma futura presidente”, que se passa nos tempos atuais, a protagonista Elena está com 12 anos e tem todas as informações necessárias. Muitas colegas já menstruaram e lidam com a situação com orgulho, como se fosse um sinal de amadurecimento. As garotas populares, inclusive, exibem o fato de menstruarem como sinal de status, de que não são mais crianças e sim adolescentes.

Em determinado momento, a protagonista descobre que uma delas mentiu sobre já ter menstruado, querendo ser aceita pelas amigas. Assim como aconteceu com Ruby, de “Anne with an E”, a personagem teve receio de destoar das meninas da mesma idade e de ser considerada “menos mulher” por

menstruar mais tarde. É mais uma oportunidade para destacar junto às crianças que cada uma tem seu próprio tempo e que não há mal nenhum em ser a primeira ou a última da turma a menstruar. Não é uma competição.

Elena e sua melhor amiga Sasha querem crescer logo e não serem mais tratadas de forma infantilizada pelos pais e colegas. Por isso, quando Elena menstrua pela primeira vez, fala que está deixando sua infância para trás. A mãe faz um brinde "à sua nova condição de mulher" e organiza um banquete com as comidas que fazem com que ela se sinta melhor "naquele período do mês" (uma das muitas formas de disfarçar a palavra menstruação). É uma celebração entre mãe e filha, marcando um rito de passagem, e construído como um momento empoderador e de cuidado.

Elena comenta que se sente orgulhosa, confiante e madura, como acredita que as mulheres sempre se sentem. Ao falar sobre os sintomas desconfortáveis, afirma que é um preço baixo a pagar para ser adulta.

Da mesma forma, na série "Anne with an E", para tentar animar a filha após a menarca, Marilla permite que Anne convide Diana para um chá. A garota se anima com a possibilidade de ser a anfitriã de um chá elegante para "adultas". Ela passa então a encarar o lado positivo de ter menstruado. "Pode ser que eu goste de ser adulta afinal". Durante o chá, ela declara "Eu decidi que adoro ser mulher! Temos tantas coisas para almejar quando ficamos ainda mais velhas".

De forma evidente, muitas pessoas associam a menarca com o fim da infância e o início da vida adulta. Algumas obras tratam isso como ruim, outras como algo bom, mas todas como um grande acontecimento que muda tudo.

Ao assistir a essas cenas, é interessante conversar com as crianças espectadoras sobre o que significa menstruar. É um ponto positivo Elena e Anne se sentirem confiantes e orgulhosas e associarem “ser mulher” com características empoderadoras. Mas, de forma geral, a sensação de que de um dia para o outro a pessoa deixa de ser criança pode ser assustadora. Muitos jovens ficam ansiosos com a ideia de deixar essa fase para trás e de serem considerados “gente grande”, sendo que na verdade continuam se sentindo da mesma forma que se sentiam até um dia atrás. Esses jovens podem não possuir os elementos internos necessários para se enquadrarem como adolescentes apenas porque seus corpos estão se modificando. Essa é uma transformação gradual.

Evite reproduzir frases como “agora que menstruou, você é uma mocinha. Não é mais criança, precisa agir de acordo”. A menstruação é uma questão fisiológica e deve ser tratada com naturalidade, não como uma passagem da infância para a adolescência. A criança não deixa de ser criança e nada precisa mudar efetivamente. Se ela gosta de brincar, de ver desenho, de livro infantil, deixe evidente que ela não vai perder nada daquilo.

Além disso, muitas crianças escutam que toda mulher que menstrua já está pronta para engravidar. É importante evitar reproduzir esse tipo de pensamento. Uma menina (independentemente da idade) não está pronta para engravidar e não deixa de ser criança simplesmente porque menstruou. Forneça informações sobre como a gravidez ocorre e garanta que ela entenda que não ficará grávida de repente só porque menstruou.

Evite frases que possam deixá-la ansiosa. Se ela não entende como alguém engravida, pode viver com medo de engravidar. Acalme a criança trazendo informações e se colocando à disposição para tirar dúvidas. Ao tratar a menstruação com naturalidade, é menos provável que ela se sinta nervosa e assustada.

A importância de informações confiáveis não se limita à menstruação. Em “Diário de uma futura presidente”, Elena fica angustiada quando seu irmão mais velho comenta que ela tem bigode. Decidida a mudar isso, ela tenta descolorir os pelos do buço com um descolorante natural à base de limão, seguindo uma informação da internet, e fica com uma queimadura. Sua mãe ensina que existem formas de lidar com os pelos e que é necessário cuidado para não se machucar nem deixar marcas permanentes na pele. Ela leva a filha a um salão onde uma profissional depila o buço da protagonista e elas conversam sobre o perigo de passar produtos caseiros na pele (sem o conhecimento necessário).

Aproveite o episódio para orientar as crianças sobre mudanças que elas perceberão em seus corpos, sobre como aquilo pode afetar a sua autoimagem, como elas podem lidar de forma segura com cada mudança caso desejem e aproveite para alertar sobre o perigo de confiar em informações da internet.

A série “O clube das babás” é protagonizada por um grupo de meninas e retrata muitos temas importantes de forma sensível e bem construída, inclusive a menstruação. Na primeira temporada, Kristy está às voltas com o casamento da mãe, uma nova família e a mudança da casa onde sempre morou. Ela passa por um turbilhão de novidades.

Na iminência do casamento, ela briga com a mãe e percebe que está exagerando, mas identifica que há “algo furioso” dentro dela que não a deixa parar, mesmo que não entenda o que é. Nos momentos seguintes ela se emociona e chora com facilidade, o que é algo diferente do que está acostumada. Depois se irrita e fica carrancuda, em uma montanha russa de emoções, que podem servir para conversar com as crianças sobre como as mudanças hormonais podem gerar alguns sintomas além do sangramento (ponto em que normalmente a educação menstrual foca). Esclareça que essas mudanças de temperamento e humor são normais e têm explicação fisiológica, não podendo ser desmerecidas nem tratadas como exagero.

De repente, durante a festa do casamento, ela sente algo estranho e corre para o banheiro. "Parece que hoje também é

o meu grande dia", brinca com as amigas ao descobrir que menstruou pela primeira vez. Mary Anne diz que aquilo é natural e tira um absorvente da bolsa para entregar à amiga. "Tire os adesivos e enfie as abas na parte de fora da calcinha", ensina com naturalidade através da porta.

Kristy finalmente tem uma conversa emocionante com a mãe sobre o casamento, sobre felicidade e independência. E no final, quando quase ia esquecendo, conta que menstruou pela primeira vez. Apesar da menstruação receber foco especial, a grande conversa é sobre elas, sobre sua família, sobre o que o futuro reserva para elas e o que desejam uma para a outra. A menstruação se encaixa com naturalidade na conversa delicada entre mãe e filha, repleta de afeto e cuidado, algo que não precisa ser comemorado nem tampouco temido, mas conversado e acolhido.

A mãe pergunta se Kristy está bem e se soube o que fazer. As amigas respondem que cuidaram dela, e a mãe, feliz e tranquila, assente: "Claro que sim. Vocês sempre cuidam". Kristy tinha as informações, tinha uma boa rede de apoio e todos à sua volta lidaram com a questão com tranquilidade e espontaneidade.

Outra boa dica é a animação da Pixar, "Red: Crescer é uma fera". O longa-metragem apresenta a história de Meilin, uma jovem de 13 anos que se esforça para agradar a todos, especialmente a mãe. De um dia para o outro, ela passa a se transformar em um panda-vermelho gigante sempre que tem emoções fortes.

Assim como Kristy, de “O clube das babás”, Meilin descobre algo furioso dentro dela, que ainda está tentando compreender e aprender a lidar.

Inicialmente, ela considera essa transformação um grande inconveniente, algo desesperador sobre o qual ninguém pode saber. Todas as mulheres da sua família passaram por isso e encaram o panda-vermelho como algo perigoso e que deve ser combatido e trancafiado. Por isso, Meilin é convencida a participar de um ritual para prender o espírito do panda-vermelho de uma vez por todas.

No documentário “O abraço do panda: a fera vermelha”, as criadoras da animação afirmam que o panda-vermelho é uma metáfora mágica para a puberdade. É a história de uma garota que achava que tinha tudo sob controle e de repente se percebe grande, peluda e fedorenta – uma bomba-relógio física e emocional. Inicialmente ela se desespera, mas pouco a pouco começa a entender, aceitar e se acostumar com essas novas partes de si.

A metáfora fica evidente quando Meilin se transforma e sua mãe, sem saber o que aconteceu, pergunta através da porta do banheiro se “a peônia vermelha floresceu” (mais uma vez a estratégia de evitar chamar as coisas pelo nome). Ao ouvir isso, o pai foge de fininho. Em outra cena, a esposa telefona para ele, informa que eles precisam lidar com uma emergência e ele pergunta se é “coisa de mulher”. A quantidade de obras que mostram os homens fugindo (das conversas e até mesmo



a fuga literal de suas próprias casas) para não conversarem sobre menstruação, mesmo quando isso envolve a criação de suas filhas, mostra o quão necessário é debater esses assuntos com eles desde a infância. É imprescindível quebrar esse tabu e a crença de que o assunto não os envolve de forma alguma.

Sozinha para lidar com a situação, a mãe de Meilin tenta transmitir tranquilidade, mas fica agitada e exagera nas metáforas. "Você é uma mulher agora e seu corpo está começando a mudar. Não precisa sentir vergonha disso. Agora você é uma flor linda e forte. Deve proteger suas pétalas delicadas e limpá-las sempre". É evidente que é melhor transmitir positividade do que assustar a criança destacando aspectos negativos da menstruação. Mas, mesmo ao destacar a força e a beleza do evento, há falta de naturalidade nessa apresentação, com o esforço para evitar as palavras "menstruação" e "vulva" a mãe demonstra seu constrangimento.

Meilin pergunta porque a mãe não a alertou que aquilo aconteceria e recebe a seguinte resposta: "achei que eu tivesse mais tempo. Você é uma criança. Achei que se vigiasse você, eu veria os sinais e conseguiria me preparar". Mais uma obra que destaca a importância dos adultos se anteciparem à menarca, de não encararem a educação menstrual como algo pontual e que pode ser adiado até o momento inevitável.

Se a mãe está nervosa e envergonhada (e o pai foge na primeira menção do assunto), é provável que a filha aprenda

que aquilo é motivo de vergonha. "Sou um monstro vermelho nojento", choraminga Meilin com repulsa por seu próprio corpo. Isso não é restrito à menstruação, havendo também ojeriza por seus pelos e odores, além de uma culpa enorme pelo início dos desejos sexuais.

Tentando proteger a filha da forma que acredita ser a correta, Ming expõe Meilin perante os colegas da escola de forma descuidada. Falou-se muito sobre a importância de tratar a menstruação com naturalidade, mas é importante também esclarecer que esse é um assunto íntimo e que diz respeito à criança/adolescente, sendo dela o direito de compartilhá-lo ou não com outras pessoas.

A menstruação não deve ser um tabu nem um assunto intocável, mas é necessário cuidado para não expor a criança nem deixá-la constrangida. Assim como se deve ensinar a criança a proteger o seu corpo, também se deve ensiná-la a proteger a sua intimidade. Muitos adultos enxergam os corpos das crianças como menos merecedores de cuidado e respeito do que os corpos adultos, minimizando seu constrangimento e expondo sua intimidade sem autorização.

É comum casos em que os cuidadores contem para a família inteira, de forma descuidada e na frente de todo mundo, que a criança menstruou pela primeira vez ou que está menstruada naquele momento, sem pensar que isso pode gerar muita vergonha e chateação para ela. É importante tratar com

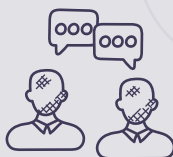
naturalidade, mas respeitando a intimidade da criança/adolescente. Verifique se ela tem vontade de contar e para quem.

“Red: crescer é uma fera” recebeu uma boa avaliação por parte dos críticos, mas não agradou uma parcela dos espectadores que considerou desnecessário um filme para o público infantil falar sobre menstruação. As críticas consideraram que o tema pode ser assustador e desconcertante para as crianças. Interessante perceber que muitos adultos não veem problema em expor os jovens a conteúdos com monstros, fantasmas, lutas, armas etc., mas algo fisiológico, que acontece com metade da população, foi considerado perturbador.

É devido a esse tipo de avaliação que muitos jovens crescem sem as informações corretas sobre menstruação e sobre outras mudanças que ocorrem em seus corpos com a puberdade. O constrangimento dos adultos é transmitido para as crianças e se reverte em culpa, vergonha e sensação de inadequação. Para fornecer uma educação sexual completa e saudável para as crianças, pode ser interessante que os adultos responsáveis primeiro olhem para a sua própria relação com seus corpos e com a sua sexualidade. Nunca é tarde para aprender a se amar e a se conhecer.

Com o passar do tempo e com a ajuda das amigas, Meilin passa a questionar a repulsa pelo panda, pelo que é furioso, descontrolado, pelo corpo grande, peludo e cheio de odores. Ela aprende que pode fazer as pazes com esse corpo e coexistir

com ele, sem repeli-lo. É uma ótima mensagem para as crianças espectadoras (e também para os adultos) para que se permitam olhar para seus corpos com carinho, atenção e sem rejeitar as fases pelas quais eles passam, por mais inconvenientes e caóticas que elas pareçam.



# As donas da rua: meninas líderes e a conquista de seus espaços

*Por Luciana Rodrigues*

Em 2020, foi identificado um número recorde de mulheres CEO (*Chief Executive Officer*, um cargo similar a Diretor Executivo no Brasil) nas 500 maiores empresas dos Estados Unidos, de acordo com lista publicada anualmente pela revista *Fortune*. Antes de comemorar, é necessário avaliar que o recorde equivale a apenas 7,4% dessas grandes corporações, ou seja, somente 37 das 500 empresas são lideradas por mulheres. Um número extremamente baixo mesmo em seu auge.

Apesar de representar metade da população, a ausência de mulheres em posições de liderança é algo comum no universo corporativo, nos esportes, nas ciências, na indústria do entretenimento, na política e em outros espaços. Não é obra do acaso ou falta de mulheres qualificadas, mas o resultado de diversos

fatores que se somam a ponto de criar uma cultura excludente tão sólida e enraizada que parece natural.

Em muitos contextos profissionais, as mulheres enfrentam variados níveis de desvalorização, que incluem salários desiguais; falta de oportunidades de crescimento; baixo financiamento em comparação com projetos, pesquisas e times de profissionais masculinos; replicação de estereótipos machistas; uso de técnicas sexistas para silenciar ou roubar o crédito de mulheres (como *mansplaining*<sup>1</sup>, *maninterrupting*<sup>2</sup>, *bropropriating*<sup>3</sup>, dentre outras); descrédito de denúncias e reclamações; e muito mais.

Além disso, sua rotina profissional pode ser extremamente impactada por políticas trabalhistas desfavoráveis a uma divisão igualitária de responsabilidades parentais, que sobrecarregam as mães, mas não os pais, e dificultam em muitos níveis qualquer competição de igual para igual.

Soma-se à sobrecarga e à desvalorização geral, o fato de muitos contextos profissionais não contarem com políticas efetivas de combate a assédio moral e sexual. Sem garantia de segurança e respeito é muito difícil que

1. Técnica de tentar explicar algo para uma mulher, sem que ela tenha solicitado, assumindo que ela não tem conhecimento sobre o assunto. +

2. Técnica em que homens interrompem a fala de mulheres impedindo que elas concluam sua opinião. +

3. Técnica que consiste em um homem se apropriar da ideia de uma mulher e apresentá-la como se fosse sua. +

qualquer profissional consiga desempenhar suas funções com confiança e atingir o seu máximo potencial.

Alguns desses fatores extrapolam o universo profissional: estão enraizados no ambiente doméstico, no cenário acadêmico e na criação de crianças e adolescentes, acompanhando as meninas e mulheres em diversas esferas e etapas de sua vida.

Desde muito novas, as crianças são ensinadas a fortalecer características e habilidades diferentes com base em seu gênero. É frequente que meninos sejam estimulados a serem corajosos, ousados, aventureiros, a se defenderem, serem assertivos e falarem o que pensam. As meninas, por outro lado, aprendem a ser cuidadosas, dóceis, a falar baixo, ouvir os outros, ser discretas e não incomodar. Com a devida contextualização, todos esses aprendizados podem ser úteis ao longo da vida. Mas ao focar a criação das meninas em características que circundam a passividade e a dos meninos em ações de protagonismo, criamos bases para que eles cresçam com condições desiguais de competitividade.

Como resultado disso, na vida adulta muitas mulheres relatam dificuldade em se impor e defender seus interesses, com receio de sua assertividade incomodar ou ser interpretada como grosseria. Outra dificuldade também comumente relatada é a de elencar seus pontos fortes (popularmente conhecido como “vender seu peixe”). Muitas mulheres temem ser vistas como arrogantes ao apresentar com orgulho suas conquistas e talentos.

Todos esses receios, enraizados por anos na criação de tantas mulheres, inevitavelmente afetam sua postura profissional somando-se aos vários fatores já apontados que impactam suas possibilidades de concorrência.

É importante ter isso em mente e evitar reproduzir experiências limitantes com as crianças, por mais que tenham sido parte da nossa própria educação. É imprescindível diversificar o leque de habilidades ensinadas às meninas, fortalecer sua confiança e mostrar que elas podem ocupar quaisquer espaços, inclusive os de liderança.

Uma criação não sexista foca em empoderar as meninas para que os fatores internos não se somem aos inúmeros obstáculos e empecilhos externos que tentam limitar suas oportunidades.

O desenvolvimento de habilidades de liderança pode fazer parte da educação das crianças de forma contínua e global. Pode envolver brincadeiras, contação de histórias e filmes com bons exemplos, que favoreçam reflexões e aprendizados sobre situações diversas. De forma adequada a cada idade e a cada contexto, isso pode ocorrer também ao incentivar sua participação ativa nas tomadas de decisões e soluções de problemas, para que assumam responsabilidades, pensem em formas de melhorar os processos e se sintam confortáveis para expor suas opiniões.

É enriquecedor que as crianças se acostumem a pensar em soluções criativas para os desafios, gerenciar “crises”, expor seu posicionamento de forma assertiva, assumir o protagonismo



das situações, trabalhar em equipe, considerar as opiniões dos outros e delegar responsabilidades e preocupações. Essas parecem atribuições de adultos em um contexto profissional, mas podem facilmente ser projetadas em situações de socialização infantil.

Inevitavelmente as crianças enfrentam obstáculos, têm que tomar decisões em suas interações e definir como se comportar em relação aos outros. Cada uma dessas situações pode ser aproveitada para desenvolver e fortalecer importantes ferramentas internas.

É claro que nem todas as crianças serão líderes, nem é necessário que sejam. Mas é positivo ter um arsenal variado de habilidades e competências para prepará-las para as diversas situações que enfrentarão ao longo da vida.

## **As donas da rua**

Na cultura infantil brasileira, nosso principal exemplo de líder é justamente uma menina. Mônica é mais do que a líder da turma, ela é a dona da rua! Essa ideia é tão presente no imaginário brasileiro que originou um projeto chamado “Donas da rua”. Inspirado na personagem de Maurício de Sousa, o objetivo é dar visibilidade a mulheres notáveis de áreas diversas (como artes, ciências e esportes, por exemplo), inspirando meninas ao redor do mundo e encorajando-as a ser o que quiserem. O slogan é “toda menina é uma dona da rua”.

Junto com o SEBRAE, a organização Maurício de Sousa Produções desenvolve mensalmente histórias em quadrinhos voltadas para a promoção do empreendedorismo feminino. Através das narrativas, estimula-se o desenvolvimento de liderança, autoconfiança, persistência, comunicação e persuasão.

Mônica é um símbolo tão marcante no cenário brasileiro que se tornou referência de liderança e gera efeitos positivos em nossa sociedade. O projeto “Donas da rua” extrapola a personagem e a história original da Turma da Mônica e é uma prova do poder da arte e das obras culturais para estimular o empoderamento das crianças e para combater desigualdades.

Apesar do papel tradicional da protagonista como líder, nos longas-metragens “Turma da Mônica - laços” e “Turma da Mônica - lições”, os personagens estão sempre discutindo se são a turma da Mônica ou a turma do Cebolinha. Cada um deles sempre acha que a sua opinião é a correta e a melhor opção para os demais, o que costuma desencadear rivalidade e confusão.

O sonho do Cebolinha é “destronar” a amiga e se tornar o dono da rua em seu lugar. Quando os pais de Mônica decidem trocá-la de escola, ele finalmente assume o posto. No entanto, a experiência não é tão boa quanto ele imaginava. Cebolinha percebe que Mônica o defendia dos perigos e presencia a solidão e a ansiedade de todos, especialmente da Magali, sem a amiga. Ele descobre que ser dono da rua não é tão fácil quanto pensava e que não se trata apenas de glória.

Em cada um dos filmes, os personagens aprendem que precisam trabalhar juntos e que cada um é imprescindível para alcançar os objetivos da turma. Cebolinha é o grande projetista de planos da equipe, mas precisa admitir que o plano só é infalível quando os quatro amigos o bolam juntos.

Mônica e Cebolinha, que sempre brigam pela liderança, aprendem que precisam escutar os demais e dividir os créditos. Além disso, para que o plano deles dê certo, Mônica precisa confiar no Cebolinha. E ele se mostra merecedor dessa confiança, honrando o que foi combinado e devolvendo o Sansão ao final do plano.

No fim das contas, eles aprendem que um bom líder não trabalha sozinho e nem convence a equipe através da força. É necessário confiança, colaboração e escuta ativa para obter sucesso. Um bom líder deve olhar para seus colaboradores, perceber os pontos fortes de cada um, delegar funções e ouvir suas sugestões e críticas.

Pode-se conversar com as crianças espectadoras sobre como os planos da turma só dão certo quando eles trabalham em equipe, quando Mônica abandona a força e o autoritarismo, escuta os demais e aceita sua ajuda. E quando Cebolinha compreende que não precisa “destronar” ninguém, que seu sucesso está intrinsecamente vinculado ao da turma, sendo muito melhor trabalharem juntos do que separados.

## As lutas por espaço

Assim como essas, muitas obras audiovisuais trabalham a questão da liderança e a necessidade de aprender a pedir ajuda e de trabalhar colaborativamente. Em “Enola Holmes 2”, a protagonista abre uma agência de investigações. No entanto, os clientes não a levam a sério pelo fato dela ser uma menina e por ser jovem. Eles assumem que ela seja secretária e não a detetive dona do estabelecimento. Acreditam que Enola não pode ter experiência no ramo e que os casos que ela diz solucionar foram na verdade desvendados por seu irmão, Sherlock Holmes. As pessoas não conseguem compreender e aceitar a ideia de que uma menina pode ser boa detetive e gerenciar um negócio.

Seu próprio irmão, que conhece seu talento e inteligência, a princípio menospreza sua capacidade para liderar o negócio. Caindo em um clássico clichê, Sherlock diz que ela é dominada pelas emoções e que por isso não conseguirá conduzir os casos. Se preocupar com os clientes e se enfurecer diante de injustiças é visto como vulnerabilidade.

O fator emocional é algo comumente associado ao feminino como fraqueza, especialmente em situações que visam descredibilizar mulheres em posição de destaque. Apontadas frequentemente como nervosas e desestabilizadas, elas precisam provar sua capacidade e combater esse estereótipo diariamente.

Em ambientes majoritariamente masculinos, muitas mulheres percebem a necessidade de criar uma espécie de armadura, uma “couraça”, para serem respeitadas e para transmitirem assertividade de forma amplificada, pois notam que sem isso sua voz é ignorada e silenciada. Se falam em tom normal, não são escutadas. Se falam alto, os jornais noticiam que elas gritam, que são autoritárias e histéricas. Chamam seriedade de mau humor, taxam-nas como bravas e grosseiras.

Muitas mulheres em posição de liderança são encaradas como masculinizadas. Mas apesar da sociedade valorizar essas características nos homens, considerando-os fortes, firmes e focados, muitas vezes os mesmos traços são usados para chamar as mulheres de frias, megeras e agressivas. Costuma-se atacá-las de qualquer forma, seja quando demonstram suas emoções, seja quando as controlam. Isso demonstra que para muitas pessoas o problema não é ser de uma forma ou de outra, mas ser mulher e ocupar posições de poder.

Enola Holmes está ansiosa para provar que todos estão errados e para mostrar o seu valor. Nessa ânsia, ela tem dificuldade para pedir ajuda e, a princípio, não percebe que seu irmão e Tewksburry, seu par romântico, além de vários outros, podem ser aliados.

O nome Enola, quando lido de trás para frente, é *alone*, que significa sozinha em inglês. Fazendo jus a esse nome, a personagem tenta dar conta de tudo sozinha, o que algumas vezes a

coloca em perigo e gera prejuízo para a investigação. A dificuldade em delegar e em pedir ajuda quase coloca em risco o trabalho que ela se propôs a fazer e as pessoas que ela tenta proteger.

Sherlock tem essa mesma dificuldade e, no decorrer do filme, os dois irmãos aprendem que pedir ajuda é na verdade um sinal de coragem e pode ser necessário para garantir o sucesso da missão. Enola compreende que é capaz e talentosa sozinha, mas que é ainda mais potente quando se cerca de aliados e se permite trabalhar com eles.

Cabe salientar que a história do filme foi baseada em um caso real que envolveu fortemente a liderança feminina. A personagem Sarah Chapman foi inspirada em uma das responsáveis pelo movimento trabalhista da Inglaterra. A greve mostrada no filme ocorreu em 1888 e ficou conhecida como a primeira ação grevista de meninas e mulheres no país. O grupo protestava contra as péssimas condições de trabalho em uma fábrica de fósforos, denunciando demissões injustas, salários baixos, multas excessivas e doenças e mortes das funcionárias geradas pelo contato com uma substância usada na produção dos fósforos.

Sarah Chapman atuou no conselho do *Women Match Makers* (mulheres produtoras de fósforos, em inglês), o maior sindicato feminino da Inglaterra naquele período, e dedicou grande parte de sua vida à luta pela igualdade de direitos para as mulheres. Ao assistir ao filme, pode-se conversar com as crianças

sobre essa história e trazer outros exemplos de mulheres que se destacaram na liderança de movimentos sociais e na defesa de direitos para que elas compreendam a liderança em múltiplos contextos e não apenas em um aspecto profissional.

Difícil falar sobre audiovisual e liderança de meninas e não mencionar a série “Diário de uma futura presidente”. Nela, Elena Cañero Reed torna-se a primeira mulher de origem latina a ser eleita Presidente dos Estados Unidos. A série foca em contar sua trajetória desde a época do colégio, na transição entre infância e adolescência, para contextualizar como ela viria a se tornar a maior líder do país.

No sexto ano do ensino fundamental, Elena percebe que muitos de seus colegas têm interesses bem definidos e objetivos traçados. Ela se exaspera por ainda não saber o que a motiva e o que deseja alcançar. Passa então grande parte do ano preocupada em “encontrar a sua motivação”.

Em um passeio da escola, a personagem assiste a um discurso da Senadora Morales. Inspirada por sua fala e pelo universo que se descortina para ela naquele momento, a menina se encanta com a ideia de ser uma condutora de mudanças. Ela descobre que a liderança faz seus olhos brilharem e dá a ela a sensação de propósito. Decide então concorrer ao grêmio estudantil.

Durante algum tempo, Elena acredita que é a melhor para o cargo porque é a pessoa que mais o deseja e porque considera que sabe tudo que se refere à escola. Ela tem dificuldade para

fazer trabalhos em grupo e para delegar funções, pois acha que tudo será melhor se ela mesma fizer sozinha, tendo controle de todo o processo.

Em uma representação do que se passa dentro de sua mente, de vez em quando na narrativa a Elena menina conversa com sua versão adulta, aquela que se tornará presidente dos Estados Unidos, tendo fervorosos debates com sua própria consciência quando deve decidir o que fazer ou quando analisa como se sente a respeito de determinados assuntos.

Em uma dessas conversas, a voz de sua consciência alerta que ela está agindo como uma abelha-rainha. Sem aceitar a crítica, Elena rebate: "falam isso como algo negativo, mas quem dá mais duro é a abelha-rainha." Sua voz interior recomenda que ela se acalme e afirma que ser líder não é se isolar dos demais em arrogância.

O conselho é que ela não transforme as eleições em um show sobre ela. "Você está falando demais de você mesma. E os alunos? Do que precisam?". Teimosa, a menina bate o pé em sua postura centralizadora: "Eles precisam saber quem eu sou". Nesse processo ela é ofuscada pelo brilho da possível liderança, perde a espontaneidade, exagera em suas ações e termina por passar uma grande vergonha na frente de toda a escola.

Depois disso, Elena demora a recuperar a confiança e a acreditar que pode ser uma boa líder. Isso só ocorre quando, aos poucos, aprende a respeitar o espaço dos outros, a ouvir,



a conhecer seus amigos e parentes e a se interessar por suas necessidades, ao invés de focar demasiadamente nela mesma. Ela aprende a potência de ouvir os outros e de se permitir aprender com eles. É nesse processo de focar nos outros ao invés de em si mesma que ela volta a encontrar sua vocação de líder.

"Pensei que ser líder era fazer tudo sozinha. Mas não é a nota dez no final que define uma boa líder e sim amplificar as vozes nesse processo", aprende Elena. Pode-se mais uma vez conversar com as crianças espectadoras sobre a importância de delegar funções e de trabalhar conjuntamente. É necessária sabedoria para descentralizar, para interpretar os pontos fortes de cada um da equipe e aproveitar suas potencialidades da melhor forma.

Além disso, é importante que as crianças aprendam a equilibrar os pólos "se impor e defender suas próprias opiniões" com "estar abertas para ouvir os outros e aprender com eles". Um bom líder sabe combinar essas características e compreender quando cada uma é mais necessária.

A partir da série pode-se também refletir com as crianças sobre o real papel do líder, sobre como ele deve representar as pessoas a quem lidera e como, para isso, precisa compreender suas necessidades. Nesse momento, é possível conversar sobre a importância de existirem lideranças diversas, que realmente representem a comunidade em sua totalidade.

Ainda são poucas as mulheres em posição de poder, e as que lá estão enfrentam muitos obstáculos e forças adversas. Em uma

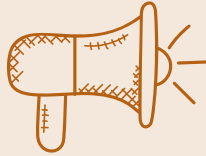
sociedade machista e patriarcal que tenta limitar as mulheres a espaços extremamente restritos, é essencial conversar com as crianças, tanto meninas quanto meninos, sobre a importância de se fortalecer e apoiar as mulheres. De combater estereótipos, de reverberar suas vozes, de proporcionar condições para que elas potencializem seus projetos.

Não basta ensinar as meninas a se posicionar e a liderar, é preciso também ensinar os meninos a ouvir e a dividir o palanque. É necessário que eles aprendam a avançar conjuntamente e respeitosa, compreendam a necessidade de desenvolver uma sociedade igualitária e seu papel nesse processo. Isso perpassa todos os exemplos a que eles são expostos desde a infância. Apresente meninas e mulheres líderes às crianças, permita que elas internalizem essas imagens e naturalizem a liderança feminina.

É necessário atuar ativamente para garantir os direitos e o progresso das meninas e mulheres. Muito desse avanço depende das mulheres ocuparem cada vez mais espaços de protagonismo, de terem voz nas tomadas de decisões e de serem representadas em esferas diversas. E isso só acontece se existirem gerações empoderadas e capacitadas para conquistar progressivamente cada um desses espaços.

“Se eles não lhe derem um assento à mesa, traga uma cadeira dobrável”, afirmou Shirley Chisholm, a primeira mulher negra eleita para o Congresso dos Estados Unidos. Mesmo que

a passos lentos, cada espaço deve ser conquistado. Que nossas meninas possam fincar suas cadeiras. E que elas sejam muitas, até que extrapolem a mesa e ocupem todo o recinto.



# A busca da autonomia em “Procurando Nemo” e “Procurando Dory”

*Rafael Maximiliano*

“Procurando Nemo” é um filme de 2003, e apesar de não ser o primeiro filme da Disney com um protagonista com deficiência (“O corcunda de Notre Dame” foi lançado no ano de 1996), é o primeiro filme do estúdio que protagoniza uma criança com deficiência. Embora não seja um ser humano e sim um peixe-palhaço, Nemo é facilmente interpretado pelas crianças como uma criança.

No filme, Nemo tem uma nadadeira menor do que a outra, o que gera certa dificuldade para nadar e se locomover, e acaba sendo capturado por um mergulhador, que o leva para um aquário no seu local de trabalho. Além de Nemo, temos ainda como protagonistas da história seu pai, Marlin, aparentemente sem deficiência, que carrega fortes traços de um trauma vivido

antes do nascimento do filho, e Dory, uma peixe fêmea do tipo cirurgião-patela que sofre de perda de memória recente.

Além deles, o filme ainda conta com um leque de personagens coadjuvantes que podem ser considerados com deficiência, como alguns dos peixes que habitam o aquário junto com Nemo: um deles, com quem Nemo se identifica, teve uma de suas nadadeiras lesionada, outro tem transtorno obsessivo compulsivo relacionado à limpeza do aquário.

Embora o título do filme indique uma certa passividade do personagem (Nemo sendo colocado como o objeto da procura), não é isso que de fato vemos se desenrolar na tela. Marlin e Dory saem à procura de Nemo, cruzando um oceano inteiro e vivendo diversas aventuras, mas essa viagem serve também para proporcionar um aprendizado importante para Marlin, que é o de confiar mais em Nemo e em suas capacidades. Através do convívio com Dory, Marlin aprende que deve tratar pessoas com deficiência como indivíduos autônomos e capazes, dignos de reconhecimento e respeito. As soluções encontradas por Dory para viver com sua deficiência oferecem caminhos para Marlin lidar com os problemas e dificuldades que ele mesmo encontra pela frente. Ao mesmo tempo, a necessidade de atenção e cuidado constante que Dory requer – mais relacionado ao afeto e ao amor do que ao auxílio e à caridade –, acabam ensinando a Marlin outras maneiras de lidar com a diferença e com a deficiência.

Enquanto isso, do outro lado do oceano, Nemo aprende a ter autoconfiança através do convívio com os novos amigos. Nemo precisa vencer não só as barreiras físicas que o impedem de alcançar seu objetivo de fugir do aquário e reencontrar sua família, mas deve trabalhar a sua autoconfiança nessa busca. O exemplo de um outro peixe que vive com uma deficiência semelhante à sua é fundamental nesse processo, e se traduz no reconhecimento de que é possível, para ele também, realizar suas tarefas ao mesmo tempo em que faz parte de uma comunidade e é reconhecido como tal. É importante também o rito de passagem pelo qual Nemo passa, e mais do que se tornar aceito pelo grupo, naquele momento Nemo acredita que é merecedor desse reconhecimento, por ter sido algo conquistado.

Os esforços de Nemo, somados aos esforços de Marlin e Dory, acabam sendo recompensados no final do filme, e é somente através da ação em conjunto dos dois núcleos da história que podemos ter o reencontro e o final feliz.

Em 2016 foi lançada a sequência do filme, intitulada “Procurando Dory”. Novamente há uma busca e mais uma vez o título tenta nos enganar. Dessa vez, é Dory que se separa de Nemo e Marlin. Ela se recorda de alguns detalhes de sua infância e dos seus pais, embora com muita dificuldade. Dory pede ajuda a Marlin e Nemo, sua família por opção, e todos saem em direção aos mares da Califórnia. Marlin perde a paciência com Dory, o que faz com que ela se afaste e acabe por ser capturada por

alguns pesquisadores, que a enviam para uma organização de reabilitação para peixes e animais marinhos doentes. A partir desse momento, como no primeiro filme, os dois eixos da história passam a ser protagonistas: de um lado Dory continua a busca por seus pais, de outro Marlin e Nemo buscam por Dory.

Semelhante à jornada de Nemo no filme anterior, Dory não permanece sozinha em sua busca. Ela encontra um grupo de amigos que a ajudam nesse processo. Um polvo que não quer voltar para o oceano, um tubarão-baleia com baixa visão e uma beluga incapaz de se ecolocalizar<sup>1</sup>. Com a ajuda dos amigos, Dory consegue não só localizar seus pais, mas voltar com todos para o recife de corais em que vive agora com Nemo e Marlin.

1. Refere-se à capacidade de um animal de emitir uma onda sonora que rebote em um objeto, produzindo um eco que fornece informações sobre a distância e o tamanho do objeto.

Um dos aspectos que chama atenção no segundo filme são as lembranças da infância de Dory e a sua relação com seus pais. A constante perda de memória faz com que o seu aprendizado seja um pouco mais trabalhoso, mas seus pais tentam o tempo todo encontrar soluções para que Dory conquiste uma infância autônoma e consiga, ao final do dia, ao menos retornar para casa. O fato de ter se perdido da família e só conseguir voltar depois de muitos anos, apesar de trágico, demonstra a capacidade de resiliência de Dory e aponta para a importância do convívio e de relações sociais estáveis.

O conforto, o cuidado, o afeto e o amor são necessários para que Dory consiga se lembrar não só das coisas pequenas do dia-a-dia, mas também para que consiga recordar de sua infância e de já ter vivido sentimentos semelhantes. Somente por conta disso é que Dory consegue se lembrar dos pais, o que acaba culminando no seu reencontro com sua família.

Cabe ressaltar um aspecto negativo dos filmes, conforme mencionado no começo do texto. Os estúdios Disney não representam necessariamente pessoas com deficiência no filme, mas sim peixes e outros animais marinhos, nos trazendo aproximações e metáforas para tratar de questões humanas, como lidar com a diferença e com a deficiência, entre outras temáticas. Apesar de representar uma pessoa com deficiência no filme “O corcunda de Notre Dame”, de 1996, a Disney recebeu muitas críticas não só pelo nome do filme, por si só pejorativo, mas também por não ter contado com a opinião de pessoas com deficiência na produção (WOLFE, 1996). Considerando que o filme não foi um sucesso de bilheteria, o estúdio optou por não representar mais pessoas com deficiência como protagonistas. O fato de apresentarem personagens com deficiência como peixes, e não seres humanos, pode sim contribuir para a invisibilização das pessoas com deficiência.

Em todo caso, tanto “Procurando Nemo” quanto “Procurando Dory” trazem mensagens semelhantes. Em “Procurando Nemo”, o titular do filme, Nemo, ocupa ao mesmo tempo o espaço da



infância e da deficiência, e são visíveis os processos em que Nemo é tratado como um “não-sujeito”, seja pela visão adultocêntrica quanto pelo **capacitismo**<sup>2</sup>. Cabe um pequeno destaque aqui para os dois termos. **Adultocêntrico**<sup>3</sup> é aquilo que, referente às crianças, é visto do ponto de vista somente dos adultos, tomando da criança e da infância o controle sobre si mesma e sobre o discurso que é feito acerca delas. Em relação ao termo capacitismo, seguindo o entendimento de Fiona Kumari Campbell:

“(…) é uma rede de crenças, processos e práticas que produzem um tipo particular de ser e de corpo (um padrão corporal) que é projetado como sendo perfeito, típico da espécie e, dessa forma, essencialmente e completamente humano. A deficiência é vista então como um estado diminuído do ser humano”.  
(CAMPBELL, 2001, p. 44)

O discurso capacitista, semelhante ao discurso adultocêntrico (e operando por meio de categorias dicotômicas semelhantes: capaz/incapaz, criança/adulto) também opera como uma forma de opressão, que domina o discurso e o corpo das pessoas com deficiência. Apesar de semelhantes, as pessoas adultas com deficiência têm um pouco mais de controle sobre si e sobre o

2. Discriminação contra pessoas com deficiência. +

3. Prática social que coloca o ponto de vista do adulto como centro de todas as experiências. +

próprio discurso, utilizando inclusive a ideia de infantilização como algo negativo. Ao reivindicar um tratamento não infantilizado, o qual respeite as suas autonomias e tomadas de decisão, é possível perceber por esse tipo de discurso que “(...) a infância é tomada como lócus de inferioridade, de escuta minorizada ou inexistente, lugar de não reconhecimento, de invisibilidade” (MOREIRA, et. al, 2022).

Existe uma diferença principal quanto à temporalidade. As crianças, considerando que tenham condições para sobreviver, na maior parte dos casos saem deste lugar na medida em que atingem uma certa idade, e podem falar por si e serem levadas a sério, obtendo reconhecimento e visibilidade. Já as pessoas com deficiência não, uma vez que as lesões são permanentes ou de longo prazo. Conforme o antropólogo André Filipe Justino, "enquanto o fluxo em uma categoria é unilinear, nasce-se criança e eventualmente abandona-se essa categoria; na outra, o fluxo é constante, pode adquirir uma lesão temporária ou permanente, aderir a aparatos técnicos que abrandam os resultados de uma lesão, entre outros movimentos que tornam essa categoria muito móvel". (JUSTINO, 2017, p. 70).

Nemo nos é apresentado dentro desse local de não-reconhecimento e desde muito cedo na obra percebe-se o seu interesse em ser levado a sério pelo pai e em provar que é capaz de autonomia. Dory, no segundo filme, tem uma criação preocupada em lhe dar autonomia e lhe proporcionar todas as ferramentas para que consiga ir e vir para o lar, e brincar com

os amigos. Em ambos os casos, a palavra chave e o elemento que os peixinhos buscam não é a independência, mas a autonomia. É uma ilusão acreditar que podemos funcionar em sociedade de uma forma independente do outro.

Honneth e Anderson utilizam o termo autonomia, referindo-se à “capacidade real e efetiva de desenvolver e perseguir a própria concepção de vida digna de valor” (ANDERSON e HONNETH, 2011, p. 6). E mais, é necessário que o indivíduo que se reconhece autônomo seja capaz de manter certas atitudes em relação a si mesmo, em especial a autoconfiança, o autorrespeito e a autoestima. Autorrespeito tem a ver com se enxergar como autor da própria vida. A marginalização e a exclusão são situações de vulnerabilidade que afetam o autorrespeito do indivíduo, por isso requer proteção e justiça social. Esse ponto não se aplica completamente ao filme, uma vez que não é tratado do ponto de vista institucional, mas os outros dois são fundamentais para a análise.

A autoconfiança tem a ver com a relação que temos com os nossos sentimentos, desejos, impulsos e emoções e é formada, principalmente, nas nossas relações íntimas de amor e amizade. A confiança de Nemo, fragilizada tanto pela relação ambígua de seu pai com sua deficiência (de cuidado excessivo e dependência) quanto pelo trauma de ter sido retirado à força de seu lar, é reencontrada em um contexto de amizade, sendo fortalecida e estimulada pelos seus novos companheiros de aquário. Do mesmo

modo, a Dory adulta consegue reencontrar as suas memórias mais íntimas quando se encontra em uma relação de afeto e carinho, e a Dory criança consegue fixar na memória as informações necessárias tendo como base o amor e carinho que sente pelos pais. Isso acontece pois é mais fácil refletirmos sobre a nossa vida interior através do relacionamento com o outro, uma vez que a “coragem para se envolver aberta e criticamente com os mais profundos sentimentos de alguém é facilitada pelo amor certo de outros e pela autoconfiança que ele garante” (ANDERSON e HONNETH, 2011, p. 15) ou seja, o amor e o afeto do outro nos dão força para que possamos encarar e aceitar quem realmente somos.

A autoestima, por sua vez, se relaciona com as redes de solidariedade e de valores compartilhados em que a importância dos membros de uma comunidade pode ser reconhecida. Nemo é reconhecido pelos membros do aquário, que o aceitam como um membro da sua comunidade, e não é julgado pela sua deficiência, mas estimulado a lidar com ela.

O filme "Procurando Nemo" nos ajuda a pensar sobre o lugar da criança com deficiência na família, em relação ao medo e à superproteção. Já "Procurando Dory" ilustra como uma educação que acolhe a deficiência e estimula as capacidades da criança pode ter efeitos positivos ao longo da vida. Em ambos os filmes estes são aspectos importantes e observáveis, entretanto, é importante considerarmos que para os espectadores mais desatentos a deficiência dos personagens pode passar despercebida,

já que em ambas as obras os personagens são animais marinhos e não seres humanos, o que geraria identificação e visibilidade maior para as pessoas com deficiência.



## Referências

ANDERSON, Joel; HONNETH, Axel. Autonomia, Vulnerabilidade, Reconhecimento e Justiça. *Cadernos de Filosofia Alemã*, n. 17, 06/2011.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Inciting legal fictions: disability's date with ontology and the ableist body of the law. *Griffith Law Review*. v. 10, 2001.

JUSTINO, André Filipe. Por uma abordagem antropológica da infância e da deficiência: duas categorias sob o olhar de um antropólogo. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Brasília.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes; DIAS, Francine de Souza; MELLO, Anahi Guedes de; YORK, Sara Wagner. Gramáticas do capacitismo: diálogos nas dobras entre deficiência, gênero, infância e adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 27, n. 10, 2022.

WOLFE, Kathi. Another burden for the disabled. *The spokesman review*. 03/07/1996. Disponível em: <https://www.spokesman.com/stories/1996/jul/03/another-burden-for-the-disabled/>. Acesso em 03/10/2022.

# A cineasta Luciellen e a menina Corina: sobre se sentir capaz e pertencente

*Por Lina Távora*

Luciellen Castro sempre esteve envolvida com histórias, representando ou criando. O audiovisual, porém, entrou em sua vida sem planejamento. Encontrou-a como ferramenta em sala de aula, como forma de expressão, como meio para expandir os horizontes de seus alunos e para fazê-los se verem e se sentirem representados. Na pandemia do covid-19, a comunicação por vídeos tornou-se ainda mais presente. Assim, ela buscou manter a conexão entre os jovens contando as suas vivências de aprendizado durante o isolamento social.

Para consolar uma amiga, que vivia o luto pela mãe ao mesmo tempo que gestava a filha, Luciellen Castro cria a história de Corina! Inicialmente de forma mais tímida, com a ideia de um espetáculo de sombras. Mas Corina queria mais, queria um mundo todo novo

e colorido. Assim nasce o curta-metragem de animação em *stop motion*<sup>1</sup> "A menina Corina: Quantos mundos cabem em um mundo só?" com roteiro e direção de Luciellen Castro.

Luciellen é roteirista, diretora, atriz e arte-educadora — graduada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília e pós-graduada em Arte-Educação pelo Centro Universitário Senac. Ela participou da cena teatral de Fortaleza, no Ceará, de 2009 a 2013. Como atriz, esteve nos curtas-metragens "Cópia" e "Programa". Em Brasília, trabalhou como Educadora em Artes Cênicas no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-Brasília), dirigiu o espetáculo "E se nós tivéssemos um nome" e participou na peça "Papel".

No audiovisual, já por trás das câmeras, participou como orientadora dos curtas-metragens "Ninguém tá vendo, mas eu tô", que venceu o 4º Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília, e "Intervalo", que participou da 5ª edição do mesmo festival. Dirigiu também o curta-metragem "Escolas com barreiras", na época da pandemia de covid-19.

"A menina Corina" é um curta-metragem em *stop motion* que conta a história de uma garota negra que olha para as estrelas e sonha em ir além! Porém, ela não se sente capaz e não encontra motivação para seguir os seus sonhos. Ela vai

1. Técnica de animação que utiliza uma série de fotografias quadro a quadro para gerar a impressão de movimento. +

para a escola, mas não se sente pertencente àquele local — a sua mente deseja outras referências. Até que chega uma nova professora que transforma o seu mundo, que dá um aval para que ela seja a sua melhor e maior versão. Para que a menina não se limite e seja grande, que se coloque no centro de sua própria vida!

Ao se identificar com aquela mulher que não tem receio em ser quem ela é, Corina transforma os seus sonhos em realidade e vai para o mundo. Ela resolve viver a sua vida indo ao encontro das estrelas — e não apenas vivendo em sua imaginação. Ela pega a sua malinha e desbrava as possibilidades desse mundão, que é muito vasto para ficarmos paradas entre muros imaginários limitantes.

Assim como Corina, Luciellen também duvidou de sua capacidade quando se viu cara a cara com um novo desafio: ser diretora! Ela também precisou sentir-se capaz de desbravar áreas nas quais não tinha tanta experiência, mas tinha vontade e sabia que a arte, como ocorreu muitas outras vezes em sua vida, podia dar-lhe suporte e salvá-la.

O audiovisual é um processo que ensina tanto quem está na frente quanto quem está por trás das câmeras. Por isso, é tão importante que nossas meninas e nossos meninos tenham referências diversas. É preciso que todas as garotas acreditem que podem pegar a sua mala de sonhos e partir em busca de uma vida consonante com as suas vontades. É essencial que as mulheres



assumam as funções e os cargos que quiserem e se permitam explorar suas habilidades e competências.

Conversamos com Luciellen Castro sobre a sua trajetória, que mescla teatro, cinema e educação e que, sem perceber, também fala sobre ser mulher, se colocar no mundo e se permitir ser a protagonista de sua própria vida.

**Na sua trajetória, você transita em várias frentes, mas sempre tendo a narrativa como uma ligação. Percebo que — mais importante do que o formato — o seu interesse é em contar histórias. Isso faz sentido para você?**

Em 2010, eu entrei para o curso de teatro em Fortaleza, no IFCE. Quando você está na universidade, você tem acesso a muitos grupos de teatro, todos querendo aprender, fazer e desenvolver. Então, em Fortaleza, eu trabalhava muito na parte teatral, mas como atriz. Quando eu vim para Brasília, eu tive que me reinventar. Eu não conhecia ninguém, não sabia por onde começar. Ainda bem que eu não vim formada. Faltava um semestre para eu terminar em Fortaleza, mas com a diferença de currículo eu voltei praticamente para o começo do curso na Universidade de Brasília. Isso foi muito bom para mim, porque com isso eu abri novas possibilidades para conhecer pessoas. Eu também comecei a estagiar. Quando eu entrei no estágio no Centro Cultural Banco do Brasil, eu encontrei pessoas da música, do teatro, da dança, das artes plásticas. Assim, um universo se

abriu para mim. Eu vi que tinha possibilidades, que eu poderia misturar muitas coisas.

Na UnB, tinha uma disciplina de Direção, que não tinha no currículo de onde eu vinha. Em Fortaleza, essa experiência era feita a partir de um grupo que escolhia um diretor. Em Brasília, então, eu precisava dirigir uma peça, o que foi acontecendo muito naturalmente. Pessoas incríveis foram se aproximando de mim, acreditaram no meu potencial e foi ali que despertou essa sementinha em mim: além de ser atriz, eu também gostava muito de dirigir. Como minha área era o teatro, fiquei bastante tempo nas artes cênicas. Desenvolvemos essa peça que nasceu na disciplina de Direção da UnB e chegamos a viajar com ela para o Festival de Teatro de Curitiba. Lá o espetáculo foi bem recebido pelo público. Essa experiência me fez querer entrar mais nessa parte de dramaturgia. Só que eu engravidei e tive que me reinventar de novo. Minha preocupação era perder esse vínculo com a arte, porque de alguma maneira a arte estava sempre ali me salvando.

Quando eu engravidei, eu saí do CCBB e entrei para a educação formal na escola. Logo na primeira semana, fui surpreendida pelo vice-diretor, que falou que teria um festival de curtas-metragens de escolas públicas e que gostaria muito de participar. E como eu era a responsável pelas artes, fui encarregada de nos inscrever. Eu nunca tinha feito cinema na vida. Porém, começando um trabalho novo, queria enfrentar o desafio.

Eu conhecia dois amigos que eram da área do cinema - o Emanuel Lavor e o Giovanni Altoé. Com o apoio deles, gravei o primeiro curta com os alunos: “Ninguém tá vendo, mas eu tô”. Todo o processo do curta foi desenvolvido de forma coletiva com os alunos: eles escreveram, eles são os atores, a escola foi o local de filmagens. O curta participou do "Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília" e tirou o primeiro lugar. Eles ganharam troféu, medalhas e o dinheiro também foi para eles. E mais do que tudo isso: a exibição do curta foi no Cine Brasília e eles puderam se ver na telona. Para mim, foi a certeza de que eles nunca esqueceriam aquele momento. No segundo ano, ficamos com gostinho de "quero mais" e, então, realizamos o segundo curta, “Intervalo”, com o qual ganhamos um prêmio da regional de educação.

Esses dois filmes, apesar de serem obras de ficção, foram criados a partir das histórias de vida dos alunos. “Ninguém tá vendo, mas eu tô” conta a história de um menino que cola em uma prova, mas aí vamos entender porque ele colou. Esse aluno não tem tempo para estudar. Ele tem que trabalhar, cuidar dos irmãos e da casa. Assim, vamos entender vários gatilhos que vão culminar com esse aluno colando na prova. Isso abre discussão inclusive sobre em que ponto a escola falha no processo de compreensão e aprendizagem daquele aluno. “Intervalo” surge para tratar o tema *bullying*, porque dentro da nossa sala de aula tinha um aluno autista e uma aluna com síndrome de down e

eles estavam sofrendo com essa prática realizada por outros colegas. Então, para conversar sobre o tema, os dois tornaram-se protagonistas do curta e levantamos essa temática com a escola. No terceiro ano, já durante a pandemia, fizemos o “Escolas com barreiras”, que fala sobre esse processo de aprendizado durante o isolamento social.

Assim, o cinema veio para mim de repente, de uma forma não planejada. O que eu sabia era que eu queria explorar mais essa área da dramaturgia. O cinema trouxe um outro despertar e eu vi que era possível me envolver na criação audiovisual, além do teatro.

**O curta "Escolas com barreiras", realizado com adolescentes na época da pandemia, fala sobre como o período de isolamento afetou a vida e o aprendizado daqueles jovens. O que levou você a pensar neste argumento?**

Quando entrei na escola formal em 2018 na rede pública, senti que a escola é um ponto de apoio para muitos alunos, para além apenas do aprendizado, tendo os professores como suporte para falar inclusive sobre as fragilidades que eles têm em casa. Assim, não somos apenas professores, pois estamos lidando com alunos de vulnerabilidade social muito forte. Aí chegamos em uma pandemia, na qual eu enquanto professora tinha que fazer três tipos de materiais: online, para quem tinha acesso à internet; impresso, para quem não tinha acesso à internet; e o híbrido, com

material impresso e online porque às vezes a internet não funcionava. Mesmo com tudo isso, a gente percebeu que se criou um abismo na educação desses alunos. Inicialmente tudo estava muito enrolado, não sabíamos como iria funcionar, fomos informados que as aulas passariam na televisão e que o professor teria apenas que dar as aulas, mas depois tivemos que criar tudo. Foi muito difícil.

Querendo entender mais os meus alunos, como estava esse processo de pandemia para eles, me juntei novamente com o Giovanni Altoé, que já tinha participado das outras obras audiovisuais comigo, para ouvir diretamente dos alunos sobre essa educação à distância. A ideia também era que eles pensassem em como a escola física era importante, porque antes da pandemia eles não tinham essa noção, tanto que quando a gente voltou eles estavam muito agradecidos. Isso foi um despertar para eles da importância da sala de aula. Ao mesmo tempo, essa volta foi muito difícil, foi extremamente desafiadora. Havia ali uma dificuldade dos alunos em socializar, querendo afrontar, se comunicar, e nós professores tivemos que entender que aquela volta era complicada para eles.

### **Como foi a recepção dos alunos à produção dos vídeos?**

Ao perceber mais uma vez a importância dos alunos criarem suas histórias e se verem como protagonistas, passamos a criar um festival de cinema dentro da própria escola porque todo mundo queria participar de alguma maneira. Então, agora, todo ano temos um festival interno na escola na qual trabalho.

Eles dividem-se em grupos e cada um vai criando o seu curta. No começo, tinha aquela questão da vergonha, mas quando chega a hora de apresentar, todos querem se ver.

O resultado é sempre muito bom. O processo é complexo, porque trabalhamos com muita gente, tem muita coisa envolvida. O cinema tem isso de abranger o processo todo, desde a criação do roteiro. Porém, no final, eles têm essa percepção de "fui eu que fiz", eu estou atuando, ou editando, ou dirigindo; eu contribuí de verdade para esse processo. Há uma construção do conhecimento desde o início até o final.

**Agora, vamos adentrar no audiovisual infantil. Para você, qual seria o recado mais importante que o curta “A menina Corina” quer passar para quem assiste ao filme?**

Corina é uma menina que não se sente pertencente aonde ela está. Para ela, é como se faltasse alguma coisa. Ela cria esse ritual de olhar para as estrelas e desejar que a vida dela fosse transformada de alguma maneira. Até então ela tem uma professora com características bem conservadoras e tradicionais, que deposita conhecimento e os alunos são passivos, não contribuindo para esse processo. Corina se vê cada vez mais acuada neste universo em que ela já não se sentia pertencente. O que vai transformar a vida dela é a chegada de uma nova professora, com uma metodologia totalmente diferente, que pega a Corina e coloca no centro, para passar a mensagem de que ela

é importante, que ela contribui nesse processo, que ela também tem algo a dar, transformando a aula em algo coletivo.

Uma das coisas mais importantes do curta é mostrar que uma criança em fase de desenvolvimento precisa do suporte de alguém que de alguma maneira acredite no potencial dela. Que reconheça que ela é uma pessoa única, que ela tem algo a ensinar, a contribuir. No caso da Corina é essa professora, mas poderia ser qualquer outra pessoa que tornasse esse ambiente favorável para o crescimento dela, para um crescimento feliz.

**Corina muda completamente a sua percepção sobre as possibilidades de sua vida quando entra a nova professora, que inclusive é negra como ela, e que tem uma bagagem extraordinária de experiências. É esse tipo de modelo que queremos encontrar no audiovisual com as meninas protagonistas, exemplos libertadores e não limitantes. Como foi que se deu a construção desse ponto de virada de Corina?**

É a tal da representatividade! Anteriormente a Corina tinha uma professora branca, além de trazer todo esse estereótipo de professora conservadora e tradicional. Inclusive, na animação, pensamos em representar essa identificação com a tridimensionalidade da Corina e da professora, justamente porque ela não se sentia pertencente àquele universo até então. Assim, quando chega a nova professora, ela vê que de alguma maneira gera uma identificação, não apenas pela raça, mas também

por ser essa nova pessoa diferente das mentes quadradas que ela estava acostumada. Chega essa mulher que fala de uma maneira diferente, que se expõe, que se mostra. Uma mulher, uma figura feminina, que é grande e não tem medo de sê-lo. A mãe da Corina também de alguma maneira está sempre ali presente e, quando ela sai da sua cidade, encontra uma amiga que também lhe dá suporte. Então, temos esses vínculos femininos sempre ao redor da menina Corina, como se de alguma maneira criassem uma teia protetora.

### **Como foi escolhida a técnica de animação?**

Eu tenho um grande amigo que é o Cadu Alves, que trabalha com esculturas. Eu sempre admirei muito o trabalho dele e sempre falei que um dia a gente trabalharia juntos.

A menina Corina não nasceu já com a ideia de ser um curta. A obra foi pensada durante a pandemia para ser um teatro de sombras, em um formato bem curto, mas percebendo que essa narrativa poderia ser desenvolvida, eu criei o roteiro do curta-metragem. Ao inscrever o curta no Fundo de Apoio à Cultura (FAC/DF), veio a ideia de trabalhar com o Cadu para a construção de bonecos e fazer uma animação em *stop motion*.

Foi um ato de muita coragem, pois até então eu não era de fato da área do cinema. O que eu fazia era me aventurar ali com meus alunos em aprendizados nos quais o processo para mim era até mais importante do que o resultado. Já que estamos



falando da questão da mulher no audiovisual, é interessante pontuar algo. Embora a nossa equipe seja metade composta por homens e metade composta por mulheres, dentro do estúdio eu era praticamente a única mulher. E estava trabalhando com profissionais da área, por exemplo, um diretor de fotografia, um diretor artístico, câmera, editor. Eu não tinha experiência na área, lidando com pessoas com experiência, e tendo que trabalhar com uma técnica que eu nunca havia desenvolvido, que era o *stop motion*. Eu me senti muito acuada em diversos momentos.

Como eu tinha uma equipe muito maravilhosa, eu conversava sobre o que me incomodava, o que não me fazia bem e pontuava que eu precisava ser ouvida. Por isso tudo, o início do processo de "A menina Corina" foi muito difícil. Não foi prazeroso para mim até eu me sentir capaz. Em vários momentos fiquei com a Síndrome da Impostora<sup>2</sup>. Me questionava: será que era para eu estar aqui? Será que eu estou enganando alguém? Será que sou eu que estou dirigindo mesmo? Eu não sentia isso em relação ao roteiro, porque eu tinha escrito antes e estava lá, mas em relação à direção eu tinha esses questionamentos. Mas a equipe foi maravilhosa e me reafirmou que eu estava dando e que eu daria conta do processo todo. No próximo curta financiado, esse processo talvez seja mais tranquilo para mim.

2. Fenômeno em que uma pessoa bem sucedida se sente uma fraude e associa seu sucesso à sorte ou a coincidências. A situação gera ansiedade e o receio constante de ser questionada sobre suas conquistas. +

O *stop motion* requer muito tempo, muita paciência. Quando convidei o Cadu não imaginava que seria tão difícil assim. É tudo muito delicado. Desde a produção do material, o Cadu foi brilhante. Esse trabalho super minucioso é mágico quando se vê o resultado. Até os erros tornam-se interessantes com o trabalho pronto.

### **Conta para a gente também sobre a realização de oficinas de *stop motion* para crianças.**

Levamos cenários de “A menina Corina” e trabalhamos com massinha para eles fazerem o *stop motion*. Isso com crianças de 5 e 6 anos de idade. Eles também passavam pelo processo de criar os personagens, fazendo desenhos no papel. Depois eles tinham que passar a ideia desse personagem para a massinha. Então, cada aluno movimentava um pouco esse personagem no ambiente da Corina e nós fomos fotografando. A oficina era finalizada com a gente já apresentando o resultado para eles. Quando projetávamos, eles vibravam ao ver na tela o resultado do que fizeram. Foi mágico tanto para os alunos como para os professores, porque a ideia dessas oficinas era pensar também nos professores, para que eles se tornassem multiplicadores dessa ideia. Então, teve o momento de oficina com as crianças e teve o momento de bate papo com os professores. Porque dentro de sala de aula podemos trabalhar qualquer tema com o audiovisual, seja na linguagem *stop motion* ou não.

## **Você tem outros projetos em andamento para o público infantil?**

Agora estamos com um projeto de contação de histórias nas escolas públicas. A gente vai desde o início com os alunos, desde a criação da história, a produção do roteiro, confecção dos personagens, dos elementos de cena, criação de música, apresentação da história e aí vamos gravar a história deles. Para esse projeto, queremos trazer de forma muito próxima as pessoas surdas. Queremos trazer para perto a intérprete de LIBRAS maravilhosa que é a Thalita Araújo, que faz parte de um grupo chamado Maleta Cultural<sup>1</sup>. A Thalita tem um trabalho de "tradutor", no qual o intérprete está inserido dentro do processo do início ao fim no espaço de cena.

## **Luciellen, para você, por que a representação de meninas no audiovisual importa?**

Importa! É sobre esse processo que falamos sobre eu me sentir deslocada dentro de um projeto que eu estava dirigindo.

---

I. O Coletivo Maleta Cultural, #CMC, é um grupo de amigos amantes da arte que usa a Língua Brasileira de Sinais - Libras e a língua portuguesa como ferramentas de acesso aos meios culturais às pessoas surdas. De malas prontas, ou melhor, maletas à mão, o coletivo sai em busca de sua identidade e de sua voz, guardando com afinco em seus múltiplos bolsos tudo quanto é representatividade, pois, na Maleta cabe de tudo. Linguagens, línguas, livres expressões, ou seja, tudo o que é belo, diverso e plural, sendo assim, a principal proposta do coletivo é fazer das linguagens artísticas mais um instrumento de empoderamento e emancipação do ser, acessível a todas as pessoas. Ah, só mexe quem sabe usar!

Nós dividimos a equipe igualmente entre mulheres e homens, mas eu não me atentei para pensar nas mulheres dentro do estúdio comigo. E passei por um momento de duvidar da minha capacidade e do meu lugar ali.



# Glossário

**Adultocêntrico:** Prática social que coloca o ponto de vista do adulto como centro de todas as experiências, como padrão e como correto. Isso desconsidera as experiências próprias das crianças e tenta encaixá-las no jeito dos adultos de fazer as coisas e de se comportar.

**Ageísmo:** Preconceito contra idosos. É um tipo de etarismo, mas enquanto o etarismo é a prática de discriminar alguém devido à sua idade, seja ela qual for, o ageísmo é a discriminação contra pessoas idosas especificamente. O ageísmo pode assumir diversas formas e engloba todas as atitudes preconceituosas praticadas contra idosos, tanto ações individuais e a reprodução de estereótipos, quanto medidas institucionais ou políticas que resultem na exclusão desse grupo de espaços e oportunidades que lhes deveriam ser garantidas.

**Binariedade de gênero:** entendimento de gênero dentro de apenas dois polos, o feminino e o masculino, que são vistos como categorias inteiramente diversas e separadas. Nessa compreensão, todos os indivíduos são enquadrados dentro do polo masculino ou do polo feminino e, a partir dessa classificação, a sociedade se organiza e estabelece papéis sociais para cada um deles, definindo comportamentos e maneiras específicas de estar no mundo. A pessoa que foge dessa binariedade é classificada como “não binária”. Sua identidade de gênero não se enquadra dentro desses dois polos fechados e excludentes, podendo o indivíduo não se identificar com nenhum deles, ou podendo se identificar com os dois ao mesmo tempo, ou podendo ainda se identificar às vezes com o masculino e às vezes com o feminino. O termo “não binário” é um termo guarda-chuva para essas várias possibilidades que transcendem o entendimento de dois polos bem demarcados, estáticos e excludentes.

**Bropriating:** Junção dos termos em inglês *bro* (diminutivo de *brother*. Popularmente faz referência a amigos homens) e *appropriating* (apropriação). A expressão é usada quando um homem se apropria da ideia de uma mulher e a apresenta como se fosse sua. É uma técnica comum no contexto profissional e acadêmico.

**Capacitismo:** Discriminação contra pessoas com deficiência. Envolve uma ideia coletiva do que é considerado belo,

perfeito e forte. O corpo sem deficiência é considerado o “normal” e quem destoa desse padrão é excluído e categorizado como inferior ou incapaz. Muitas vezes o capacitismo é reproduzido de forma grosseira e evidente, mas em outras é naturalizado e camuflado em ações diárias, como na perpetuação de estereótipos, em atitudes que reforçam a separação da pessoa com deficiência do restante da sociedade, que a categorizam como uma pessoa que precisa ser salva ou que estabelecem a deficiência como algo a ser superado, por exemplo.

**Cisgeneridade:** É quando uma pessoa se alinha à estrutura sexual com a qual nasceu. Por exemplo, uma pessoa que nasceu com pênis e que se identifica como homem é um homem cisgênero (ou homem cis). Uma pessoa que nasceu com vulva e vagina e que se identifica como mulher é uma mulher cisgênero (ou mulher cis).

**Dignidade menstrual:** Situação em que a pessoa que menstrua tem acesso a produtos, infraestrutura, informações e condições de higiene adequados. Além de possuir absorventes ou coletores, é necessário ter acesso a água, saneamento, banheiro, chuveiro, sabonete, dentre outros itens. Essas são condições básicas para garantir higiene e saúde. Também são essenciais para que as pessoas que menstruam possam frequentar diversos espaços e manter suas atividades rotineiras, garantindo sua inclusão na sociedade durante os períodos de menstruação.

**Domesticação e *wifenzation*:** Cultura baseada em atrelar e restringir as mulheres aos afazeres domésticos. Atribui-se a elas a obrigação do trabalho gratuito de cuidar da casa, das crianças, dos parceiros, dos idosos e dos doentes. Assim, elas são mantidas no ambiente doméstico, enquanto aos homens é permitido o espaço da rua (para trabalho, lazer, etc), gerando inúmeras desigualdades de desenvolvimento. O termo *wifenzation* deriva da palavra em inglês “wife”, cuja tradução é “esposa”. Envolve a ideia de definir a experiência de alguém a partir do papel como esposa, de forma que isso seja o centro de sua identidade e molde suas demais experiências. Parte de uma ideia tradicional e conservadora que encara a esposa como uma figura submissa e como a única responsável pelas atividades de cuidado com o lar e com a família.

**Ecolocalizar:** Refere-se à capacidade de um animal de emitir uma onda sonora que rebata em um objeto, produzindo um eco que fornece informações sobre a distância e o tamanho do objeto.

**Educação menstrual:** Processo de educar e informar as pessoas sobre a menstruação, incluindo as mudanças pelas quais o corpo passa, as condições de higiene adequadas e as políticas públicas relacionadas à dignidade menstrual. O objetivo é fornecer informações para que as pessoas compreendam a menstruação e assim possam lidar com ela com naturalidade. Dessa forma, espera-se que



as pessoas possam se conscientizar de seus corpos, compreendê-los e reconhecer quando eles estão funcionando normalmente e quando não estão, favorecendo a procura por ajuda. Cabe destacar que a educação menstrual não está restrita a pessoas que menstruam, devendo ser oferecida a todos os membros da sociedade. Quando a menstruação é tratada como tabu, isso dificulta o acesso a informações confiáveis, estimula o preconceito e pode colocar em risco a saúde e a autoestima das pessoas que menstruam.

**Educação sexual:** Processo de tirar dúvidas e proporcionar informações para que as pessoas compreendam o funcionamento de seus corpos, saibam nomear cada parte, conheçam suas funções, suas possibilidades e se empoderem de seus corpos, tendo um desenvolvimento sexual saudável. Envolve munir as pessoas com conhecimentos, habilidades e valores para vivenciar sua saúde e sua sexualidade de forma positiva, tanto em relação a seus próprios corpos quanto em seus relacionamentos com os outros. É importante salientar que o objetivo da educação sexual não é ensinar a transar ou incentivar que as pessoas tenham uma vida sexual ativa, como muitos erroneamente acreditam. Através da educação sexual é possível ensinar as pessoas sobre autocuidado, proteção, prazer, desejos sexuais, relacionamentos respeitosos, direitos reprodutivos, doenças sexualmente transmissíveis, dentre muitas outras possibilidades. Um tópico muito importante que faz parte dessa educação é a identificação do

abuso sexual e o seu combate. Esconder um assunto não faz com que ele desapareça, apenas permite a propagação de informações incorretas e de práticas potencialmente perigosas. Conhecer o próprio corpo e como protegê-lo é um direito. E é essencial para a saúde, a segurança, o bem estar e a dignidade de todos.

**Gendrada:** Algo (ou alguma situação) é gendrado quando é compreendido dentro de uma oposição binária de gênero, como "homem e mulher" ou "masculino e feminino". Esse entendimento pode referir-se a papéis, características, permissões e espaços atribuídos para cada gênero. Isso é construído em nossa sociedade a partir das interações sociais e culturais que acontecem ao longo do tempo.

**Gênero:** Agrupamento de indivíduos como homens, mulheres, ambos ou nenhum dos dois. **Gênero** refere-se à maneira como a pessoa se vê, se sente e procura se apresentar para o mundo; enquanto **sexo** refere-se à estrutura física da pessoa; e **sexualidade** (ou orientação sexual) refere-se a por quem a pessoa se interessa ou sente desejo.

**LGBTQIAP+:** Sigla que representa a comunidade composta por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, travestis, queer, intersexo, assexuais, agênero, pansexuais e mais. Esse rol não é taxativo, existindo outras pessoas que compõem a comunidade. Para englobá-las, a sigla conta com um símbolo de "+".

**Mansplaining:** Junção das palavras em inglês *man* (homem) e *explain* (explicar). É usada quando um homem voluntariamente tenta explicar algo para uma mulher assumindo que ela não tem conhecimento sobre o assunto. Essa explicação é dada sem que a mulher tenha solicitado. Quem faz mansplaining subestima a inteligência da mulher e não cogita que ela possa já ter domínio sobre aquele tópico. O termo foi difundido pela escritora Rebecca Solnit, que o usou em seu ensaio “Os Homens Explicam Tudo Para Mim”, de 2008.

**Manterrupting:** Junção das palavras em inglês *man* (homem) e *interrupting* (interrupção). Muito comum no contexto corporativo (mas não apenas nele), ocorre quando homens interrompem a fala de mulheres, normalmente durante conversas ou reuniões, impedindo que elas concluam sua opinião e tomando a fala para si. É uma estratégia para se sobressair e para tirar o foco da mulher, desmerecendo o que ela está falando e tratando como se não fosse algo importante. Independentemente de ser feito consciente ou inconscientemente, é uma atitude desrespeitosa e deve ser combatida.

**Masculinidade:** Conjunto de características, papéis e comportamentos associados a meninos e homens. Culturalmente, esses atributos envolvem fatores limitantes e não saudáveis (tanto em nível individual quanto para a convivência em sociedade)

como agressividade, dominação e contenção emocional. Geralmente essas características são amplamente vinculadas à **heteronormatividade**, que significa que a heterossexualidade é considerada a norma e tudo que diverge disso é perseguido e marginalizado. Dessa forma, a ideia padrão de masculinidade é associada a homens cis heterossexuais que agem de acordo com um conjunto pré estabelecido de comportamentos e papéis socialmente aceitos. Atualmente tem-se questionado cada vez mais esse conceito homogêneo de masculinidade e é mais aceita a ideia de masculinidades variadas, com meninos e homens que divergem dessas características.

**Menarca:** Início da menstruação. Enquanto a menopausa é a etapa em que a menstruação finda, a menarca é a etapa em que ela se inicia.

**Menina cis:** A pessoa que nasce com estrutura sexual atribuída a corpos femininos, como por exemplo vulva, vagina, útero, etc, e que se identifica como menina/mulher. Sua identidade de gênero corresponde com sua estrutura sexual.

**Menino trans:** A pessoa que nasce com estrutura sexual atribuída a corpos femininos, como por exemplo vulva, vagina, útero, etc, e que se identifica como menino/homem. Sua identidade de gênero não corresponde com sua estrutura sexual. Isso

independe de realizar alguma cirurgia para redesignação dos órgãos sexuais. Dessa forma, é possível que meninos e homens trans menstruem, pois nasceram com útero. Por esse motivo, devem ser incluídos nas políticas de direitos menstruais.

**Movimento Antropofágico:** Manifestação artística brasileira iniciada na década de 1920. O termo antropofágico faz referência ao ato de se alimentar de outras pessoas, em especial de inimigos, e à crença de que isso permite a assimilação de suas qualidades e forças. Em uma analogia, o movimento antropofágico propôs “engolir” tendências e influências de culturas estrangeiras e transformá-las em uma estética nacional, original e com identidade própria.

**Movimento Modernista:** Movimento artístico do início do século XX que buscou romper com o tradicionalismo das escolas anteriores. Foi desenvolvido na literatura, na música, nas artes plásticas, no design e em diversos outros tipos de expressões artísticas, cada área seguindo estilos e características próprias. De forma geral, os movimentos se pautaram em tendências modernas, irreverentes, livres de padrões, adaptados à realidade da época, que buscavam romper com o formal e valorizavam a subjetividade e a novidade.

**Mulher Borboleta:** No livro “Mulheres que correm com os lobos”, Clarissa Pinkola Estés conta a história de La Mariposa

(ou mulher-borboleta). A Mariposa é uma mulher grande e velha que dança para o seu povo. Nesse ritual, é transmitida a relação entre corpo e alma.

**Mulher Selvagem:** O livro “Mulheres que correm com os lobos”, de Clarissa Pinkola Estés, fala sobre o arquétipo da Mulher Selvagem. **Arquétipo** é a estratégia de apresentar padrões de comportamento através de uma personagem para facilitar a compreensão daquelas características pelo público. Para a terapeuta e contadora de histórias Clarissa Pinkola, a Mulher Selvagem é a figura que representa quem vive uma vida íntegra. Quando se fala no arquétipo da Mulher Selvagem, se imagina uma pessoa que vive com limites saudáveis e com coragem.

**Patriarcado:** Sistema em que a sociedade se organiza em torno dos homens e eles ocupam as principais posições de poder e de liderança. No patriarcado, os homens detêm posições privilegiadas nas relações econômicas, políticas e sociais. A palavra vem de patriarca, que é a figura masculina de autoridade em uma família.

**Performatividade:** Performance é se comportar de forma não espontânea (conscientemente ou não) para se encaixar em papéis e comportamentos esperados. Pode envolver a maneira como a pessoa anda, se veste, se comunica, se relaciona e se comporta,

agindo de formas específicas para atender expectativas sociais e não como expressão espontânea de sua individualidade. À medida que essa performance ocorre repetidamente, ela é cada vez mais aceita pela sociedade e se fortalece no pensamento coletivo como regra. Ocorre então um ciclo vicioso e mais pessoas passam a repeti-la e vivenciá-la como padrão. Esse movimento de repetição de comportamentos performáticos é chamado de performatividade.

**Representação audiovisual:** Visibilidade de determinado grupo em obras audiovisuais. É quando representantes de um grupo, seja de pessoas não brancas, mulheres, LGBTQIAP+, pessoas com deficiência ou de outro grupo, aparecem nas telas, como personagens de ficção, como entrevistados, como repórteres, etc. Eles são vistos pelos espectadores e isso permite que pessoas que se identificam com eles possam se sentir representadas ao assistir às obras.

**Representatividade audiovisual:** Participação de determinado grupo por trás das câmeras, em posições de poder, com possibilidade de tomada de decisão na criação das narrativas e do conceito artístico das obras. Historicamente, homens cis brancos e heterossexuais têm dominado o audiovisual, tanto nacional quanto internacional. Quando um mesmo grupo é constantemente responsável por contar as histórias,

a representatividade permanece baixa, pois aquelas pessoas e suas narrativas representam um grupo restrito de espectadores. Por outro lado, quando pessoas não brancas, mulheres, pessoas com deficiência, LGBTQIAP+, etc, são responsáveis por escrever o roteiro, dirigir a obra, definir os cortes de edição, dentre muitas outras possibilidades, a representatividade se torna bem maior. Com sua visão de mundo e suas experiências, esses profissionais representam os interesses e necessidades de outros vários grupos. É imprescindível ter mais variedade por trás das câmeras, de forma que cada vez mais pessoas possam se identificar com as histórias e se sentir representadas pelas obras que esses profissionais criam.

**Síndrome da impostora:** Fenômeno em que uma pessoa bem-sucedida se sente uma fraude e associa seu sucesso à sorte ou a coincidências, não se sentindo segura para desfrutar dele. A situação gera ansiedade e o receio constante de ser “desmascarada” ou questionada sobre suas conquistas. A síndrome da impostora não é classificada como transtorno mental pela Organização Mundial de Saúde, mas é cada vez mais comum, especialmente em grupos socialmente vulneráveis, como mulheres, pessoas não brancas e LGBTQIAP+. Esses grupos costumam ter que se esforçar mais do que os demais para se destacar profissionalmente e academicamente, combatendo diariamente estigmas limitantes, o que muitas vezes mina sua autoconfiança. Assim, pode se tornar confusa a



mistura entre o que a sociedade espera dessas pessoas e o que elas acreditam sobre si mesmas. Por esse motivo, a síndrome da impostora é tanto um fenômeno psíquico quanto social.

**STEM:** A sigla em inglês STEM se refere às áreas de ciência, tecnologia, engenharias e matemática.

**Stop motion:** Técnica de animação que utiliza uma série de fotografias quadro a quadro para gerar a impressão de movimento. Os profissionais mexem os bonecos e cenários e fotografam cada mudança de posição. Com a união dessas fotos na edição, o espectador vê uma cena em movimento.

**Vagina e vulva:** Vulva é a parte externa do aparelho genital. Inclui a região pubiana, o clitóris, os grandes e os pequenos lábios. Já a vagina é o canal interno do aparelho genital, uma cavidade muscular e elástica de cerca de 7 cm (em um corpo adulto). Muitas pessoas confundem esses dois nomes, chamando tanto a parte interna quanto a externa de vagina, como se fosse uma coisa só. Conhecer os termos corretos e saber nomeá-los é importante para se apropriar de seu próprio corpo, para saber explicar com exatidão questões de saúde ao médico e para denunciar abusos. É essencial conhecer cada parte do seu corpo.

# Lista de obras audiovisuais

Aqui listamos todas as obras audiovisuais citadas, cada uma com sua sinopse. A ideia é facilitar a busca e o acesso aos filmes e às séries indicadas!

Para auxiliar o leitor no acesso às obras audiovisuais, informamos neste documento em que plataforma os filmes e as séries mencionados estavam disponíveis no período de desenvolvimento do e-book.

Cabe destacar, no entanto, que é possível que as plataformas retirem as obras de seus catálogos a qualquer tempo e, por esse motivo, as informações fornecidas podem estar desatualizadas no momento da sua leitura.

Se isso acontecer, não desanime. Procure as obras em outras plataformas e confira todas as indicações que forem possíveis!

## **Ada Batista, cientista**

Ada Batista é uma jovem cientista muito curiosa que, com a ajuda dos amigos, investiga os mistérios do universo. Através da Ciência, ela apresenta muitas curiosidades aos espectadores.

Série de animação disponível na Netflix.

## **A fera do mar**

Maisie Brumble sonha em viver grandes aventuras como as que lê nos livros. Para isso, invade um navio tripulado por caçadores de monstros e parte com eles em busca de criaturas marítimas. Na caçada, ela se aproxima de um tripulante corajoso, mas que não deseja a sua companhia. Para sobreviver, eles precisam trabalhar juntos e fazem descobertas que vão abalar toda a estrutura do reino.

Longa-metragem de animação disponível na Netflix.

## **A menina Corina: Quantos mundos cabem em um mundo só?**

Corina ama sua casa, mas também sente uma enorme vontade de conhecer o mundo. Ela tudo vê, tudo percebe e passa a descobrir novos sentimentos a cada aventura. Acompanhando a personagem principal da infância à fase adulta, o curta-metragem de *stop motion* levanta temas como identidade, família, amizade e representatividade.

Curta-metragem de animação.

## **Amigas e rivais**

Originalmente uma telenovela mexicana, que teve uma adaptação brasileira em 2007. Na história, Laura é uma jovem humilde e batalhadora que ganha bolsa de estudos em uma universidade particular. Lá conhece Helena, uma moça rica e mimada, e sua amiga Olívia. Inicialmente as duas infernizam a vida de Laura, mas posteriormente tornam-se amigas. Também participa da história Nicole, que trabalha como empregada doméstica na casa de Helena e é maltratada pela patroa. As quatro alternam sua relação entre companheirismo e muita rivalidade em uma relação disfuncional e conflituosa.

A telenovela foi exibida entre 2007 e 2008 no SBT e reprisada entre 2011 e 2012. Atualmente encontra-se disponível na plataforma SBT Vídeos.

## **Anne with an E**

No final do século 19, em um pequeno povoado do Canadá, os irmãos Matthew e Marilla desejam adotar um menino órfão para ajudá-los em sua fazenda. Em uma confusão, acabam adotando Anne, uma jovem fantasiosa e muito falante. Apesar de ter se iniciado como um engano, a situação muda a vida de todos e o trio forma uma nova e amorosa família. Com seu jeito peculiar de ver o mundo, Anne impacta a vida de todos do vilarejo.

A série live-action é uma adaptação de uma coleção de livros da autora Lucy Maud Montgomery e está disponível na Netflix.

## **Aventuras de Amí**

Amí tem oito anos e é inquieta e curiosa. Ela não quer mais ser tratada como criança pequena, mas, ao mesmo tempo, enfrenta dificuldades ao receber tarefas dos adultos e precisa se preparar para lidar com novas responsabilidades. A série retrata alguns desafios inerentes do processo de crescimento. Com a ajuda de seu amigo Tim, do cachorro Balú e de muita imaginação, Amí cria mundos e, de forma lúdica, resolve as tarefas que aparecem em seu dia a dia.

Série de animação disponível no GloboPlay.

## **Coraline e o mundo secreto**

Coraline se muda com a família para uma casa nova. O local é estranho, um pouco macabro e esconde muitas surpresas. Entediada, a menina explora o seu novo lar e descobre um portal para uma realidade alternativa. O que inicialmente parece maravilhoso, revela grandes perigos e faz com que Coraline tenha que se aventurar para salvar sua família.

Adaptado de um livro de Neil Gaiman, o longa-metragem de animação utiliza técnica de stop motion e está disponível na Apple TV.

## **Diário de uma futura presidente**

Elena torna-se a primeira mulher latina a ser eleita Presidente dos EUA. Ao reencontrar seus antigos diários, ela passa

a lembrar os anos no ensino fundamental e refletir sobre como tudo que aconteceu impactou de alguma forma a sua trajetória. Nessas lembranças, acompanhamos sua transição da infância para a adolescência, a primeira menstruação, a relação com as amigas, com a mãe e com irmão, a entrada do padrasto na família, dentre muitas outras situações.

Série live-action disponível no Disney+.

## **Dora, a aventureira**

Dora é uma menina de sete anos aventureira e corajosa, que vive desafios ao lado de seu amigo Botas. Em um universo de personagens antropomórficos, realidade em que animais e outros seres da natureza possuem características humanas, Dora ultrapassa obstáculos e atinge seus objetivos com a ajuda de um mapa. A cada episódio o espectador aprende sobre novos assuntos de forma lúdica ao acompanhar Dora em suas aventuras.

Série de animação disponível no PrimeVideo, Netflix e HBO Max.

## **Doutora brinquedos**

Dottie tem seis anos e sonha em se tornar médica como a mãe. Para praticar, ela monta um consultório no quintal. Com a ajuda da imaginação, os brinquedos transformam-se em pacientes e cada caso é tratado com auxílio do “Grande Livro dos

Dodóis”. Cada episódio conta com músicas originais e apresenta conselhos para os espectadores se manterem saudáveis.

Série de animação disponível no Disney+.

## **Elite**

Um grupo de estudantes ganha bolsas de estudo em uma escola de elite e adentra em um universo de muito luxo, segredos e preconceito. A convivência entre os adolescentes de diferentes classes sociais atinge níveis de tensão altíssimos, com bullying e rivalidade agressiva. A animosidade atinge seu ápice quando uma jovem aluna de família milionária é assassinada. Na investigação para descobrir o assassino, muitos outros segredos ameaçam ser revelados, o que coloca em risco diversos personagens que farão de tudo para se proteger.

Série live-action disponível na Netflix.

## **Enola Holmes 2**

Enola é irmã do famoso Sherlock Holmes e deseja provar a todos que é uma detetive capaz e talentosa para além da relação com o irmão. Para isso ela abre seu próprio escritório de investigações e recebe um intrigante caso de desaparecimento. Uma funcionária da fábrica de fósforos está desaparecida e ninguém se importa com seu paradeiro, com exceção de sua irmã mais nova. Enola começa a suspeitar que esse sumiço seja parte de uma grande rede de crimes e esteja relacionado a

peças muito importantes, o que significa que todos os que o investigam podem estar ameaçados. Ela precisa então aprender a conquistar aliados e a trabalhar em equipe para encontrar a moça desaparecida e garantir a segurança de todos à sua volta.

Longa-metragem live-action disponível na Netflix.

## **Gossip girl**

A série acompanha um grupo de estudantes em uma escola particular de Manhattan. Mensagens anônimas são enviadas periodicamente para todo o corpo estudantil expondo mentiras, revelando segredos e colocando uns contra os outros. Serena e Blair são melhores amigas há anos, mas competem de maneira hostil pela liderança do grupo, por namorados e por vagas em universidades. Sua relação é constantemente colocada à prova e, à medida que novos segredos vão sendo revelados, elas precisam decidir se vão se proteger ou se destruir.

Série live-action disponível na HBO Max. Em 2021, a plataforma disponibilizou uma nova versão da série, que acompanha outros personagens anos depois dos acontecimentos da obra original.

## **Hilda**

Hilda é uma habilidosa desenhista que mora com a mãe na floresta, onde vive muitas aventuras e convive com animais fantásticos. As duas precisam se mudar para a cidade e Hilda



enfrenta dificuldades na adaptação com o novo ambiente e suas regras de socialização. Com a ajuda de bons amigos, ela encara os novos desafios e aventuras.

Série de animação disponível na Netflix e baseada nas histórias em quadrinhos do autor Luke Pearson.

## **Irmão do Jorel**

Jorel é um garoto bonito e extremamente popular, conhecido por todos à sua volta. Vivendo sob sua sombra se encontra o irmão caçula, que tenta insistentemente se destacar e receber atenção. Protagonista dessa série de animação, o irmão do Jorel vive experiências típicas da infância brasileira na década de 80 ao lado da família e da melhor amiga Lara.

Série de animação do Cartoon Network. Foi a primeira animação original do Cartoon no Brasil e na América Latina. A série está disponível na HBO Max.

## **Ivy e Bean**

Ivy acabou de se mudar para um bairro novo e está muito solitária. Bean mora lá há anos e conhece todo mundo, mas nunca encontra alguém que queira acompanhá-la em suas brincadeiras. As duas acreditam que são muito diferentes e por isso se isolam em seus quintais e esnobam uma à outra. Uma situação inusitada faz com que elas passem a conviver e assim descobrem que, apesar das diferenças, ambas têm muita imaginação e vontade

de compartilhá-la com alguém. Ivy e Bean passam então a viver grandes aventuras juntas, percorrendo mundos imaginários sem nem mesmo sair de seus quintais.

As histórias de Ivy e Bean foram adaptadas de uma série de livros infantis da autora Annie Barrows e até o momento originaram quatro filmes de longa-metragem live-action que estão disponíveis na Netflix.

## **Kipo e os animonstros**

Kipo Oak vive em uma cidade subterrânea, refúgio que os humanos construíram para se proteger de mutações que assolam a terra. Na superfície, a natureza se transformou, animais e plantas assumiram proporções gigantescas e se adaptaram, tornando-se animonstros. Kipo precisa deixar a segurança do seu abrigo e seguir para a superfície para procurar pelo pai. Lá vive muitas aventuras, descobre um mundo novo e faz amigos que a acompanham em sua jornada.

Série de animação disponível na Netflix.

## **Lilo & Stitch**

Um cientista alienígena realiza experimentos ilegais e, como resultado, produz uma criatura feroz e inteligente. Ela rouba uma nave, foge rumo à Terra e acaba caindo no Havaí. Lá, conhece uma menina humana chamada Lilo, que a adota acreditando tratar-se de um cachorro, e recebe o nome de Stitch. Os dois

desenvolvem uma improvável amizade e precisam lutar para evitar que o alienígena seja recapturado.

Longa-metragem de animação disponível no Disney+.

## **Meninas malvadas**

Cady sempre foi educada através de ensino domiciliar. Quando sua família se muda para os Estados Unidos, ela passa a frequentar pela primeira vez uma escola tradicional. Lá, descobre que a vida social dos adolescentes não é nada fácil e se vê em uma caótica rede de intrigas, fofocas e panelinhas. Ela paga preços altos pela popularidade e questiona seus próprios valores e comportamentos.

Longa-metragem live-action disponível no PrimeVideo.

## **Meu primeiro amor**

Vada perdeu a mãe no parto e vive com o pai em uma casa cuja parte inferior é uma funerária. Muito inteligente e criativa, ela busca formas de compreender questões que circundam o seu dia a dia, como morte, doenças, amor e puberdade.

Longa-metragem live-action disponível na Netflix.

## **Moana - Um mar de aventuras**

Quando a ilha em que seu povo vive adoece e a natureza passa a morrer, Moana sente que precisa partir em uma missão em busca de soluções. Para isso, ela inicia uma jornada pelo mar procurando pelo semideus Maui, que no passado roubou

o coração da deusa Te Fiti. Moana acredita que restaurar o coração roubado devolverá o equilíbrio à natureza. Para isso, enfrenta perigos e encara o desconhecido com coragem, bravura e também empatia. Nessa aventura, compreende mais sobre a história do seu povo e da sua própria relação com a natureza.

Longa-metragem de animação disponível no Disney+.

## **Mulan**

Seguindo as tradições da época e do local onde vive, Mulan, como todas as outras mulheres, é educada para casar e tornar-se uma esposa obediente. No entanto, quando o reino convoca os homens para fazerem parte do exército, Mulan foge de casa e se apresenta no lugar de seu pai, disfarçada de homem. Sem que conheçam sua verdadeira identidade, ela treina com o exército real e se prepara para uma batalha perigosa em defesa do imperador e da China.

Longa-metragem de animação disponível no Disney+.

## **O abraço do panda: a fera vermelha**

Documentário em que a equipe responsável pela animação “Red: Crescer é uma fera” conversa sobre a produção do filme, sobre a sua repercussão e sobre as experiências que originaram a narrativa.

Documentário live-action disponível no Disney+.

## O clube das babás

Kristy percebe a dificuldade de sua mãe para conseguir uma babá para ficar com o filho mais novo. Decide então reunir algumas meninas da escola e criar uma empresa de babás, ajudando as mães em necessidade e juntando dinheiro ao mesmo tempo. O grupo reúne meninas muito diferentes entre si e o que poderia parecer uma dificuldade revela-se a grande força do grupo. A cada novo serviço, elas descobrem que são mais fortes juntas e que cada uma agrega ao grupo à sua maneira.

O seriado live-action foi inspirado em uma coleção de livros da autora Ann M. Martin intitulada “The baby-sitters club” e está disponível na Netflix. Os livros já haviam sido adaptados anteriormente, tendo originado uma série e um longa-metragem nos anos 1990.

## O corcunda de Notre Dame

Quasimodo foi criado pelo cruel Frollo, afastado da sociedade e trancafiado na Catedral de Notre Dame, em Paris. Solitário, ele cresce cercado apenas pelas gárgulas do local, com quem conversa e interage, imaginando como seria viver no mundo exterior junto com o restante das pessoas. A situação muda quando ele se aventura em um festival itinerante que ocorre

na cidade e conhece Esmeralda, que o trata com gentileza e que passa a ser perseguida por Frollo.

Longa-metragem de animação disponível no Disney+.

## **O mundo de Karma**

Karma é uma jovem talentosa e criativa. Ela usa as suas próprias canções de rap para processar as diversas situações do seu dia a dia e compreender como se sente a respeito delas. Em cada episódio, a personagem se depara com algum desafio ou com alguma situação nova com a qual precisa aprender a lidar. Isso perpassa a experiência de fazer novos amigos, lidar com as expectativas dos pais, sofrer bullying, enfrentar situações de racismo e de machismo, dentre várias outras. Através da música e com a ajuda da família e dos amigos, ela se fortalece, se conhece melhor e acumula aprendizados.

Série de animação disponível na Netflix.

## **O show da Luna**

Luna tem seis anos e ama ciências. Curiosa, ela adora descobrir como as coisas funcionam. A cada episódio e em companhia do irmão mais novo e de seu furão de estimação, a personagem faz novas experiências referentes às questões do dia a dia e do universo ao seu redor.

Série de animação disponível no PrimeVideo.

## **Paper girls**

Em 1988, Erin, Mac, Tiffany e KJ se conhecem durante o trabalho de férias como entregadoras de jornais. Certo dia, são surpreendidas em sua rota diária de entregas por um evento assustador e confuso que as transporta para o futuro. Perseguidas por pessoas perigosas e sem saber em quem confiar, elas procuram suas versões mais velhas para ajudá-las a compreender o que está acontecendo e como podem voltar para sua época.

Série live-action disponível no PrimeVideo.

## **Procurando Dory**

Dory é um peixe cirurgiã-patela e tem perda de memória recente. Há muito tempo ela vive longe da família, experienciando aventuras com seus amigos Nemo e Marlin. Mas quando começa a se lembrar de sua vida prévia e principalmente dos pais, decide partir à procura deles. Nessa jornada, ela conta com novos e antigos amigos.

Longa-metragem de animação disponível no Disney+.

## **Procurando Nemo**

Nemo é um peixe palhaço que vive em um coral no fundo do mar com o pai super protetor. Certo dia ele é capturado por um mergulhador e levado para a superfície, onde fica preso em um aquário em um consultório de dentista. Seu pai e uma boa

amiga partem juntos em uma aventura pelo oceano na tentativa de resgatá-lo.

Longa-metragem de animação disponível no Disney+.

## **Red: crescer é uma fera**

Aos 13 anos, Meilin se surpreende ao se transformar de forma involuntária em um gigante panda-vermelho. Ela descobre que a transformação ocorre sempre que sente emoções fortes e tenta esconder essa situação dos demais. No entanto, o que inicialmente parece uma maldição, passa a ser uma oportunidade para olhar para dentro, encarar diferentes lados seus e abraçar as emoções ferozes. Ela então precisa decidir se manterá o panda-vermelho ou se o expulsará para sempre.

Longa-metragem de animação disponível no Disney+.

## **Sangue e água**

Puleng cresceu sob a sombra do sequestro da irmã mais velha, que foi raptada na maternidade anos atrás. Quando conhece Fikile, uma colega da nova escola, desconfia que ela possa ser a irmã desaparecida. Se aproxima então da moça sem revelar a suspeita e se infiltra em sua vida para conseguir provas. Em uma relação turbulenta, Puleng ultrapassa quaisquer limites para solucionar o mistério e acaba se envolvendo com pessoas muito perigosas que farão de tudo para impedir sua investigação.

Série live-action disponível na Netflix.



## **Steven Universo**

Steven é metade humano e metade Gem (seres intergalácticos mágicos). Ele mora em Beach City com o pai e com três Crystal Gems. Juntos eles tentam proteger o mundo e a humanidade, enfrentando monstros e ameaças diversas. Ao mesmo tempo em que lida com situações mágicas, Steven vive experiências comuns do amadurecimento.

Série de animação disponível no Cartoon Network e no HBO Max. Também foram lançados dois longas-metragens cujas narrativas se passam anos após o final da série.

## **Turma da Mônica - a série**

Mônica e os amigos da turma do Limoeiro estão em uma fase transitória entre a infância e a adolescência, tentando descobrir como agir e o que se espera deles. Em um período que já é naturalmente confuso, a chegada de uma nova moradora no bairro afeta ainda mais o equilíbrio da turma. Carminha Frufrufu acredita que para ser respeitada e para fazer novos amigos deve destronar Mônica e se tornar a nova líder. Para isso, dá uma grande festa e convida todos da vizinhança. No entanto, uma armação a humilha diante de todos. Por conta da rivalidade das duas, Mônica é considerada a principal suspeita e precisa se esforçar para provar sua inocência. Cada episódio é focado em

um personagem e mostra pontos de vista diferentes dos eventos que antecederam a festa e que resultaram no “crime” investigado.

Série live-action disponível no GloboPlay.

## **Turma da Mônica - laços**

Os cachorros do bairro do Limoeiro estão desaparecendo e a turma da Mônica se une para investigar e trazer os animais de volta para casa. Para isso, precisam confiar uns nos outros e trabalhar em equipe.

Longa-metragem live-action disponível no PrimeVideo e no GloboPlay.

## **Turma da Mônica - lições**

Mônica e Cebolinha estão sempre em conflito. Após um evento que provoca mais confusão do que o normal, seus pais decidem afastar os dois e Mônica é matriculada em uma nova escola. Inicialmente, Cebolinha comemora, mas descobre que sente falta da amiga e que ela é parte essencial da turma. Precisam então bolar um plano infalível para mostrar a seus pais que sua amizade potencializa os pontos fortes de cada um.

Longa-metragem live-action disponível no PrimeVideo.

## **Valente**

A mãe de Merida deseja que a filha siga seus passos e se torne uma rainha parecida com ela, o que envolve se casar e

seguir as tradições. Mas Merida está decidida a escolher seu próprio caminho e se sente desrespeitada com as imposições da mãe. As duas não conseguem entender o lado uma da outra e respeitar suas diferenças. Em meio a tantos embates, a protagonista utiliza magia para mudar a mãe. No entanto, as coisas não ocorrem como ela imaginou e sua mãe é literalmente transformada, assumindo o corpo de um urso gigante. Agora, Merida precisará correr contra o tempo para salvar a mãe e, mesmo sem conseguir usar palavras, as duas precisarão encontrar uma forma de se comunicar e se entender.

Longa-metragem de animação disponível no Disney+.

# Ficha Técnica

Luciana Ribeiro Rodrigues

*Coordenadora do projeto*

Lina Távora

*Editora*

Lina Távora

Luciana Ribeiro Rodrigues

Rafael Maximiniano

Risla Miranda

*Pesquisadores e Redatores*

Maria Luiza Brandão Vargas

*Consultora e pesquisadora em psicopedagogia*

Bárbara Alpino

*Revisora*

Rafael Maximiniano

*Revisor de Acessibilidade*

Gláucio Dutra

*Designer e Diagramador*

Natália Brandino

*Produtora Executiva*

*Imagens de capa e quarta capa: cenas do filme “A menina Corina”*

*Foto: Rodrigo Gomes*

*Edição: Giovanni Altoé*

*Aquarelas do filme “A menina Corina”: Cadu Alves*

*Ícones: The Noun Project*

*Apoio: Arte Aberta*





*Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.*

**Apoio**

**FAC**

FUNDO DE APOIO À  
**CULTURA**  
DO DISTRITO FEDERAL

*Arte Aberta*

Secretaria de  
Cultura e  
Economia Criativa

 **GDF**  
É tempo de ação.